

Contos Populares Portuguezes

Adolfo Coelho



Conteúdo exportado da Wikisource em 29 de junho de 2021

INDEX

PAG.

PREFACÃO

CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

I Historia da carochinha

II A formiga e a neve

III O coelhinho branco

IV A romanzeira do macaco

V O gallo e o pinto

VI A velha e os lobos

VII A raposa e o lobo

VIII Raposinha gaiteira

IX O compadre lobo e a comadre raposa

X O rabo do gato

XI O pinto borrachudo

XII O cuco e a popa

XIII O coelho e o gato

XIV Branca-flor

XV O creado do estrujeitante

XVI A torre de Babylonia

[XVII A herança paterna](#)
[XVIII Os dois irmãos](#)
[XIX A afilhada de Santo Antonio](#)
[XX Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga](#)
[XXI João Pequenito](#)
[XXII O homem da espada de vinte quintaes](#)
[XXIII Comadre morte](#)
[XXIV A cacheirinha](#)
[XXV Carneirinho branco](#)
[XXVI O colhereiro](#)
[XXVII O conde encantado](#)
[XXVIII Os meninos perdidos](#)
[XXIX A Bella-menina](#)
[XXX João Mandrião](#)
[XXXI Pelle-de-Cavallo](#)
[XXXII A sina](#)
[XXXIII Historia do grão-de-milho](#)
[XXXIV O principe sapo](#)
[XXXV Os sapatinhos encantados](#)
[XXXVI A engeitada](#)
[XXXVII O homem que busca estremecer](#)
[XXXVIII As tres lebres](#)
[XXXIX A pelle do piolho](#)
[XL A menina e o figo](#)
[XLI A machadinha](#)
[XLII Esvintola](#)
[XLIII O Conde de Paris](#)

XLIV O príncipe das Palmas-verdes
VL Os figos verdes
VI O retrato da princesa
VLII O preço dos ovos
VLIII O senhor das janelas-verdes
VLIV A bicha de sete cabeças
L O príncipe com orelhas de burro
LI Pedro e Pedrito
LII S. Jorge
LIII Os simplórios
LIV O preto e o padre
LV O menino assafrado
LVI O Rabil
LVII Patranha
LVIII Maria Silva
LIX O menino e a lua
LX A princesa abandonada
LXI As filhas dos dois validos
LXII História do compadre pobre e do compadre rico
LXIII Os três estudantes e o soldado
LXIV Comera um bocadinho se tivera limão
LXV A velha fadada
LXVI O burro do azeiteiro
LXVII Ciência, sabedoria e capacidade
LXVIII A Senhora da Graça
LXIX Os dois mentirosos
LXX Conto do fuso

LXXI A beata e o Senhor dos Passos

LXXII O preto e a alampada de Santo Antonio

LXXIII A moura encantada

LXXIV O ovo partido

LXXV O soldado que foi ao ceo

PREFAÇÃO

Os contos que hoje publicamos formam parte d'uma extensa collecção de tradições populares portuguezas reunidas por nós já, por assim dizer, stenographando-as ao sairem da bocca de narradores populares, já recebendo-as escriptas de pessoas d'alguma instrucção e d'indubitavel probidade, que ou as aprenderam na infancia ou as ouviram depois de pessoas indoutas. Não amplificamos nenhum; não introduzimos nenhum adjectivo, nenhum ornato; cortámos apenas alguma repetição inutil; introduzimos apenas e raramente algum pronome que a reproducção escripta torna necessario. Como os contos da primeira categoria, isto é, os que nós colligimos directamente da tradição viva, foram ouvidos de preferencia de pessoas que se exprimiam bem, não apresentam deturpações grosseiras de palavras; uma ou outra entendemos dever corrigil-a; conservamos, porém, as fórmulas provinciaes interessantes com todo o cuidado.

Os contos que levam a subscrição *Ouilhe* foram-nos dictados pela snr.^a Anna Alves Leite, pequena proprietaria d'aquella freguezia (no concelho de Celorico de Basto), uma mina de tradições do que haurimos tambem cantos populares publicados na *Romania* de M. Gaston Paris e Paul Meyer (vol. III) e na *Zeitschrift für romanische*

Literatur do snr. G. Gröber (1879) e varias lendas e outros contos que serão publicados em parte, pelo menos, n'essas duas revistas. A snr.^a Alves Leite só por si nos forneceu materia d'um bom volume. Os contos que tem a subscrição *Coimbra* foram-nos enviados por uma de nossas irmãs. Os contos que tem a subscrição *Foz do Douro* foram-nos dictadas por mulheres analfabetas da localidade; as de *Oliveira do Douro* por uma snr.^a Luiza, lavadeira; o de *Villa Nova* por um barqueiro; o n.º XXXIII, de *Bragança*, foi-nos enviada pelo nosso amigo B. M. de Sá que o ouvira a uma pessoa d'aquella cidade e o reproduziu depois de memoria; o n.º XXXII foi ouvido por um outro amigo nosso d'um mercieiro, poeta popular, d'Espadanedo (Douro); os n.ºs LX-LXVI foram-nos offercidos com uma consideravel e interessante collecção pelo nosso amigo e collega Z. Consiglieri Pedroso: esses, com excepção do ultimo (LXVI) que lhe enviaram de *Coimbra* onde é muito popular e o ouvimos contar numerosas vezes quasi sempre na mesma fórma, foram ouvidos pelo nosso amigo de pessoas do povo.

Nos contos que recebemos escriptos notar-se-hão algumas fórmas litterarias, mas preferimos dal-os como nol-os offercem a imprimir-lhes um character mais popular. É mister ter tambem em vista que entre nós ha muito menor distincção entre a linguagem popular e a litteraria que n'outros paizes. As pessoas do povo intelligentes são geralmente bem fallantes e empregam muitas expressões d'origem litteraria evidente, sem saberem ler.

Os contos que hoje publicamos não teem todos equal valor, mas offerecem todos mais ou menos interesse sob o ponto de vista tradicional. Em regra, pode considerar-se a tradição dos contos entre nós como assaz obliterada; falta-lhes vida, poesia, muitas vezes reherencia; muitas feições significativas em versões d'outros paizes tornaram-se aqui inintelligiveis e só pela comparação se explicam. A sua fórmula em geral é secca, monotona, emumerativa. Alguns, porém, apresentam-se ainda n'uma fórmula excellente, menos deturpados por elementos modernos; n'outros, como em todos os paizes succede, ha o resultado de extranhas combinações de elementos de contos diversos. É o que se dá, por exemplo, com o nosso n.º XIV: *A Torre de Babylonia*, que no fundo offerece analogias evidentes com o conto dos *Cunhados animaes* (*Thierschwäger*), estudado por R. Köhler na sua nota IV aos *Awarische Texte*, herausgegeben von A. Schiefner (*Mém. de l'Acad. impér. des Sciences de S. Pétersbourg*, VII sér. tome XIX, n.º 6). Posteriormente á publicação das notas de Köhler, deu Pitré uma nova versão siciliana d'esse conto (*Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliane*, n.º 16) e uma serba, complicada com elementos diversos, foi traduzida em inglez por Madam Csedomille Mijatovics (*Serbian Folk-Lore*, 1874. 8.º: *Bash-Chalek*, p. 146 ss.)

Até hoje apenas foram publicados os seguintes contos populares portuguezes: tres com fórmula em parte não popular pelo nosso amigo e collega Th. Braga, dous nos *Estudos da idade media* (*Cacheirinha*; vid. n.º XXIV da

nossa collecção; *Tres cidras do amor*, de que temos já cinco versões); outro no livro sobre o *Amadis de Gaula* (correspondente ao n.º XV da nossa collecção); o da *Formiga e da neve*, aqui reproduzido com o n.º II, que nós fornecéramos ao mesmo escriptor e que elle publicou no seu livro sobre *Os Trovadores*, o n.º XXII que deramos em duas versões na *Revista Occidental*, e o nosso numero XLIV, já publicado por nós no *Positivismo* fasc. I.

Com esta collecção, que será seguida brevemente, como esperamos, da publicação dos outros contos que temos reunidos, fica realisado um desejo ha muito expresso pelos homens que conhecem o valor d'estas cousas; Portugal deixa de ser uma excepção com relação ao interesse que nos outros paizes de lingua romanica se vae desenvolvendo pelos contos populares, em virtude d'um movimento nascido na Allemanha com a publicação dos *Kinder-und Hausmärchen* pelos irmãos Grimm (1812-14), communicado aos paizes scandinavos, á Russia, á Inglaterra e mais tarde á Italia e á França. Iniciado na peninsula por Milà y Fontanals (1853), a cujo lado se deve citar o nome da dama assignada Fernan Caballero, continuado para a Catalunha por Maspon y Labròs, urge que esse movimento se propague rapidamente a todas as provincias de Portugal e da Hespanha, antes que o jornal levado a toda a parte pelo caminho de ferro conclua a obra de obliteração que accommette estas tradições; dar-nos-hemos por pagos de nosso trabalho se contribuirmos com o nosso exemplo para salvar o que ainda resta d'elles.

Mas, dir-se-ha, não merecem os contos populares o desprezo a que tem estado condemnados? Não são ridiculas invenções, boas só para divertir gente rude, que não tem cousa melhor para pasto do seu espirito e da sua ociosidade? Estamos certos que muita gente, séria e grave na propria opinião, pasmará de que haja quem gaste o seu tempo com taes cousas; mas algumas pessoas haverá também que queiram aprender e para essas escrevemos as observações que seguem, desnecessario aos que estão ao corrente da sciencia.



Muitos dos meus leitores terão por certo em rapazes ouvido contar na eschola a anecdotia do homem que tendo sujado um dedo e indo a sacudil-o, bateu com elle n'uma pedra e logo se esqueceu de que estava sujo para o metter na bocca com a dôr. Eis uma tradição sem duvida muito mais insignificante do que a maior parte das contidas n'este volume e á qual não supporiamos meritos sufficientes para ser contada por diversos povos e de entrar em obras de moral muito sérias, redigidas para uso d'uma nação tão grave como a do Celeste imperio. Apesar de sabermos já alguma cousa da historia, migrações e reproducções independentes das tradições populares, não foi ainda assim sem surpresa que nos *Avadânas*, contos e apologos d'origem indiana extrahidos por Stanilas Julien d'uma

encyclopedia chinesa (vol. I, n.º LXIV, Paris 1859) lemos ha annos o seguinte:

O filho d'um brahmane depois de ter feito as suas abluções estava encantado com a propria limpeza; mas tendo ido atraz de sua casa, sujou um dedo subitamente. Foi ter com um ferreiro, mostrou-lhe o dedo sujo e pediu-lhe que lh'o queimasse. O ferreiro apresentou-lhe suas razões e disse-lhe: «Desista d'esse intento; ha outros meios de limpar o dedo. Esfregue-o com cinza e lave-o com agua pura. Se eu lh'o queimasse, não poderia supportar o ardor cruel do fogo e o seu corpo padeceria mais que antes.»

Ao ouvir taes palavras encolerisou-se o filho do brahmane e injuriou o ferreiro. «Toma cuidado em não julgares os sentimentos d'outrem pelos teus; não digas que um homem não supportaria essa dôr porque tu não te sentes com coragem para ella.»

A essas palavras o ferreiro poz em brasa um par de tenazes e agarrou-lhe o dedo com ella. O mancebo sentindo a dôr da queimadura não a poudo supportar; tirou o dedo e pol-o na bocca. O ferreiro deitou a rir. «Mancebo, lhe disse elle, então mette assim o dedo sujo na bocca?» «Emquanto não tinha sentido a dôr, notei que o meu dedo não estava limpo; mas depois de experimentar o ardor cruel do fogo, esqueci que o dedo estava sujo.»

Ora se a mesma anecdota se encontra na Allemanha (F. Liebrecht, *Orient und Occident*, I, 134), na Escocia, (Campbell, *Popular Tales of the West Highlands*, I, 201) não nos devemos admirar que cousas de mais vulto como a *Historia da Carochinha*, o *Rabo do gato*, a *Bella-menina*, o *Creado do estrujeitante*, etc., se achem reproduzidas em

diversos povos, na Asia e na Europa, ou até na Africa e America, tanto na India, na China, na Allemanha, como entre os hottentotes ou os tupis.

Na bella collecção de contos e fabulas africanas publicada em allemão (e tambem em inglez) por o fallecido dr. W. H. J. Bleek, *Reineke Fuchs in Africa* (Weimar, 1870) encontramos por exemplo, a pag. XXVI XXVII um conto dos indigenas de Madagascar e a p. 70-74 um conto dos Dama, ramo da raça cafre (impropriamente chamados Damaras) que offerecem tão profundas analogias com o conto portuguez do *Rabo do gato*, (n.º X da presente collecção) que se pensaria que ou os portuguezes aprenderam o conto dos africanos ou os africanos dos portuguezes. Mas a verdade é que Portugal não é o paiz unico da Europa em que tal conto se acha, pois o vamos encontrar por exemplo na Sicilia (Giuseppe Pitré, *Fiabe, Novelle e Racconti popolari Siciliani*, n.º CXXXV); entre o povo fallando dialectos gregos na Terra d'Otranto (Morosi, *Studi sui Dialetti greci della Terra d'Otranto*, cit. por Pitré), etc. Vê-se, pois, que, se a existencia da narração entre povos tão distantes e de raças tão diversas deve ser explicada por uma transmissão, o vehiculo d'esta transmissão está bem longe de ser facil de determinar. Com relação á Africa, aos hottentotes, aos cafres, aos negros sudanitas explicar-se-hia assaz bem a transmissão pelos arabes. Não teem os arabes seus narradores, suas collecções de contos, suas fabulas? Como os arabes dominaram na Sicilia e na peninsula hispanica, nada mais natural na

apparencia do que considerarmol-os como os transmissores das mesmas narrações para a Europa. O problema é, porém, mais complicado do que se affigura ao primeiro aspecto. Demais seremos forçados a admittir necessariamente uma transmissão para todos os contos de que encontramos versões entre diversos povos? Não se poderiam ter reproduzido independentemente as mesmas narrações em diversas epochas, em diversos paizes? A existencia de narrações identicas pelo fundo ou pela fórma na tradição de todas as raças humanas prova já de per si evidentemente uma unidade esthetica elementar tão completa, pelo menos, emquanto á receptividade, que nada *a priori*, nos impede de julgarmos essas raças diversas dotadas de equal grao de productividade artistica elementar, sujeito nas suas manifestações a leis identicas. Provando-se, como crêmos que não é difficil de provar, que pelo que respeita a um grande numero de contos populares a transmissão se operou de povo a povo, não se póde deixar de admittir que a condição *sine qua non* d'essa transmissão é a existencia no povo que recebe de tradições proprias do mesmo genero; sem estas o que se lhe conta seria para elle absolutamente inintelligivel ou não lhe despertaria nenhum interesse. Discriminar o que é de criação propria de cada povo, o que se pode explicar por identidade de producção, do que veiu de fóra; determinar por que canaes se operou a transmissão quando a houve, o ponto de partida d'ella, os elementos primitivos da cousa transmittida, até que ponto reagiram o genio, as condições sociaes de cada povo sobre o producto extranho; que leis dominam a producção, a transmissão, a

apropriação e alteração dos contos populares — eis o objecto d'um novo e importante ramo d'estudos, a que se deu o nome de *mythographia*, para o distinguir da *mythologia* que é uma sciencia diversa. Esses estudos, vê-se, são de primeira importancia para a psychologia comparada, que com a anatomia e physiologia comparadas do homem constituem a anthropologia, e para o conhecimento da historia da civilisação. Comprehende-se pois o interesse com que hoje nos paizes em que se estuda são recebidas as collecções de contos populares colligidos com sinceridade: é que ellas são os documentos indispensaveis para a solução d'aquellas importantes questões, que até hoje não foram ainda estudadas no seu conjunto, já porque os estudos de *mythographia* comparativa estão apenas iniciados e representados por um pequeno numero d'eruditos, já porque se devia começar naturalmente por trabalhos especiaes, exagerando-se algumas vezes a importancia d'um ponto de vista particular. Thedoro Benfey, auctor d'um dos mais importantes trabalhos que se possui sobre a litteratura dos contos, a introducção á sua traducção allemã do *Pantschatantra* (Leipzig, 1859, 2 v. 8.º) preocupou-se principalmente da transmissão dos contos e por um dos seus vehiculos mais importantes, sem duvida, mas não o unico — o budhismo; no *Orient u. Occident*, I, 719, ss^[1]: indicou esse profundo investigador algumas das importantes questões geraes que devem ser resolvidas pelo estudo comparado dos contos, Angelo De Gubernatis na sua *Zoological Mythology* (Londres 1872, 2 vols. 8.º, trad. fr. 1874. 2 vols. 8.º) busca

as origens mythicas dos contos, sem estudar as questões da sua transmissão e modificações. R. Köhler, o maior conhecedor da litteratura dos contos populares, tem-se occupado em artigos e notas dispersas em numerosas publicações, de que apenas conhecemos uma parte (a mais importante em verdade) do estudo bibliographico e comparativo d'essas tradições, preparando solidos materiaes que hão de servir de base para conclusões futuras. Nas notas de W. Grimm, aos *Kinder-und Hausmärchen* (III Band. Dritte Ausgabe. Göttingen, 1856), em differentes estudos de F. Liebrecht, de A. d'Ancona, D. Comparetti, A. Kuhn, Gaston Paris, H. OEsterley e d'outros eruditos ha tambem contribuições valiosas que devem ser estudadas previamente por quem se propozer tractar a serio o problema dos contos populares.



Do mesmo modo que as linguas litterarias vivem principalmente á custa das riquezas que lhe offerecem as linguas populares, como diamantes brutos que aquellas só tem que polir e fazer valer pela disposição artistica, assim as litteraturas só teem valor verdadeiro quando aproveitam as minas da tradição popular, haurem d'ellas as fórmulas cujo sentido humano é provado pela sua generalisação no tempo e no espaço, vasando n'ellas os sentimentos e concepções

d'uma epocha e imprimindo-lhes o cunho d'uma grande individualidade poetica.

Nada mais mesquinho que os productos da imaginação individual. Um verdadeiro artista, um Eschylo, um Sophocles, um Dante, um Shakspeare, um Goethe acha na tradição popular todas as fórmulas para exprimir a sua concepção da natureza e da humanidade. O *Prometheo* era um conto das velhas gregas antes de ser a sombria tragedia cujo sentido é tão vasto que pagãos, christãos, philosophos de differentes escholas acham n'ella com que lisonjear as suas crenças e doutrinas^[2]. A *Cymbeline*, *The Merchant of Venice* assentam sobre contos populares, como outras peças do tragico inglez. tecido d'um grande numero de contos de Boccacio e dos outros novellistas italianos, assim como da maior parte dos antigos novellistas de todas as nações saiu da tradição popular.

O estudo das origens litterarias está pois indissoluvelmente ligado ao dos contos populares.

Os hagiographos ou o povo, no seu desejo de adornar com bellos feitos a vida dos seus santos, não hesitaram muitas vezes em attribuir-lhes o que nas patranhas e historias da carochinha se conta de heroes imaginarios. Foi assim que o bispo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda introduziu na lenda da Rainha Santa Izabel por elle escripta no seculo XVII, a historia do pagem que por obra d'um intrigante

devia ir morrer queimado n'um forno, escapando por um milagre e sendo castigado com aquella morte o intrigante.

É a lenda ou conto de *Fridolin*, popular na Alsacia, de que Schiller fez a ballada *Gang nach dem Eisenkammer*, e de que a litteratura medieval offerece um grande numero de variantes^[3].

Affonso o Sabio de Castella, o avô de D. Diniz, fizera d'ella uma das suas cantigas em louvor da Virgem, a cuja intervenção milagrosa attribuiu a salvação do innoconte; essa composição foi publicada por Adolf Helferich no *Jahrhuch f. rom. u. englische Literatur*, II, 429-432. No começo do seculo XII, Somadeva Bhatta, de Cachemira, incluia uma variante d'esse conto na sua collecção intitulado *Katha sarit sagara*, redigida em sanskrito, na sloka epica; póde ler-se na traducção de Hermann Brockhaus, vol. II, pag. 62, ss.

Este simples exemplo bastará para provar que as historias da carochinha são na essencia tão graves como as lendas maravilhosas do *Flos sanctorum* e da *Legenda aurea*.

Tencionamos publicar um trabalho consagrado aos contos populares e particularmente aos contos populares portuguezes, estudados nas suas multiplices relações, em que tentaremos elucidar as questões acima ennunciadas; contentamo-nos por agora com estas simples indicações, sufficientes, cremos, para mostrar que não é para gastar um

tempo ocioso que nos démos ao trabalho de colligir estas tradições, vencendo com paciencia e ás vezes com dinheiro a desconfiança de alguma das pessoas que nol-as dictaram. Examinaremos apenas d'um modo geral um problema interessante — o da antiguidade dos contos populares em Portugal.

Os contos que temos colligido não teriam importancia alguma para a sciencia se por ventura a sua introducção em Portugal fosse recente e tivessem vindo pelo canal da litteratura. A traducção das *Mil e uma noites* em portuguez, assim como a de alguns contos de Perrault, madame d'Aulnoy, madame de Beaumont, a possibilidade de um conto lido n'alguma collecção recente estrangeira ser narrada por a pessoa a que leu e chegar assim até á reproducção popular reclamam naturalmente um exame com relação á antiguidade d'esses contos na tradição popular portugueza, Não tractaremos aqui esta questão senão d'um modo geral, limitando-nos a mostrar que ella póde ser resolvida de maneira que, pelo menos em quasi todos os casos, não deixe margem a duvidas. Eis os principaes argumentos que provam que os contos que publicamos e os que tencionamos ainda publicar não vieram para o nosso paiz recentemente e pelo canal mencionado.

1.º Todos esses contos proveem directa ou indirectamente da bocca popular; quasi todos foram aprendidos na infancia pelas pessoas que nol-os escreveram ou nol-os narraram e em geral, como essas pessoas nol-o affirmaram, de pessoas

d'idade. A maior parte dos contos de Coimbra remontam a uma velha Evangelista que morreu com mais de cem annos na Misericordia d'aquella cidade;

2.º Nos antigos escriptores portuguezes, nos adagios, nos proloquios da lingua ha allusões a esses contos, ou a contos do mesmo genero;

3.º Alguns antigos escriptores portuguezes apresentam versões litterarias d'esses contos;

4.º A comparação prova que n'esses contos ha particularidades antigas que faltam ou se acham alteradas nas versões litterarias estrangeiras que modernamente entre nós podiam ser conhecidas;

5.º Muitos d'esses contos não se acham em versões estrangeiras traduzidas ou conhecidas em Portugal.

Diremos alguma cousa com relação ao 2.º 3.º e 4.º ponto.

Soropita no fim do seculo XVI allude ao conto das *Tres Cidras do Amor*: «Appareceram por prôa as *Tres Cidras do Amor*.» (*Poesias e Prosas ineditas*, publ. por C. Castello Branco, p. 103)^[4]. D. Francisco Manuel de Mello no seculo XVII allude evidentemente ao conto de que publicamos uma versão com o n.º XLII e de que temos uma versão em que á heroina, chamada Maria Sabida, diz o seductor ludibriado:

«Ai Maria Sabida
Tão doce na morte
Tão agra na vida!»

Eis as palavras de D. Francisco Manuel:

«Eu cuido que vireys a ser aquella dona atrevida, doce na morte e agra na vida, que nos contão quando pequenos.»
Cartas familiares, cent. V. carta 7.

No *Orto do Esposo* (codex alcobacense da Bibliotheca Nacional de Lisboa n.º 274), composição do fim do seculo XIV, que o nosso amigo Julio Cornu, professor na universidade de Praga, copiou e tenciona publicar, ha diversos contos entre os quaes uma versão (fol. 89-90), muito interessante do que vae em a presente collecção com o n.º LXXIV. Devemos a communição d'esse conto ao nosso mencionado amigo.

«Hũu cavaleyro era muy namorado d'hũa dona muy filha d'algo casada. E a dona era de boa vida e non curava nada do cavaleyro, como que a elle demandava muy aficadamente. E aconteceu que morreo o marido da dona. E o cavaleyro começou de a demandar mais aficadamente. E ella mandou-o chamar e disse-lhe: «Vós sabedes que non sodes igual a mym; pero quero vos tomar por marido se vos iguardes a mym al de menos em riquezas e per esto me escusarey de meu linhagem. E o cavaleyro pidyo a elRey e aos outros senhores e trouve aa dona muyto ouro e muyta prata e muytas doas. E ella por se escusar de seu casamento disse-lhe que todo aquello era pouco se mais non trouvesse. E entom o cavaleyro teve o caminho a hũu mercador que levava muy grande aver e

matou-o e soterrou-o fora da carreya, e tomou todo o aver que levava e trouxe-o aa dona. E ella entendeo que aquella riqueza era de maa gaanho, e disse ao cavaleyro que se lhe non dissesse d'onde ouvera aquelle aver que non casaria com elle. E o cavaleyro descubriu-lhe todo o que fizera. E ella lhe disse que fosse ao loguar hu jazia o mercador soterrado e que estevesse aly des o serãao ataa o galo cantante e que lhe non encubrisse todo o que lhe acontecesse e se esto non fizesse que o non tomaria por marido. E elle fez assy como lhe a dona mandou. E viu sayr da cova o mercador e ficou os geolhos em terra e disse tres vezes: «Senhor Jesus Christo, que és Justo juiz, e que vees todalas cousas, posto que sejam feitas escondidamente, da a mym vingança d'este cavaleyro que me matou e tomou-me todalas cousas per que viviamos eu e minha molher e meus filhos.» E ouvyo huma voz que lhe disse: «Eu te digo e prometto em verdade que se elle nom fazer peendencia em triinta annos, que eu te darey d'elle tal vingança que sera a todos exemplo.» E tanto que esto foy dito tornou-se o morto pera sua cova. E o cavaleyro muy espantado e tornou-se pera a dona e contou-lhe todo o que vira e ouvya. E ella recebeo-o por marido e ouve d'elle filhos e filhas. E ella lhe dizia muyto a meude cada dia que se lembrasse do espaço que lhe fora dado pera fazer peendencia. E este cavaleyro fez em huu seu monte hũas casas muy nobres e muy fortes. E estando elle hũu dia em aquelle loguar comendo com sua molher e com seus filhos e com seus netos em grande solaz com a boa andança d'este mundo, veo hũu jograr e o cavaleyro feze-o asseentar a comer. E emtanto elle comya, os sergentes destemperarom o estormento do jograr e huntaram-lhe as cordas com grussura. E acabado o jantar tomou o jograr o seu estormento pera tanger e nunca pode temperar. E o cavaleyro e os que estavam com elle começaram escarnecer do jograr e lançaram-no fora dos paaços com vergonça. E logo veo hũu vento grande como tempestade, e soverteo as casas e o cavaleyro com todolos que hy eram. E foy feito todo hũu grande lago. E parou mentes o jograr tras sy e vyo em cima

do lago andar hũas luvas e hũu sombreyro nadando, que lhe ficarom em-na casa do cavaleyro quando o lançaron fóra.»

Encontram-se na Asia, na Africa, em muitos paizes da Europa lendas da subversão ou conversão em lagos de palacios, aldeias; mas não achámos ainda prova palpavel de que o monge d'Alcobaça tivesse simplesmente referido uma lenda estrangeira e não redigido uma tradição popular portugueza; a existencia do conto ou lenda do Minho que adeante publicamos, parece, pois remontar á idade media na tradição portugueza.

A novellistica culta de fundo tradicional é um dos ramos mais pobres da nossa litteratura; por essa razão a historia dos contos populares entre nós não se póde estudar com a clareza que haveria se tivessesmos numerosos documentos do genero do que trasladamos. O *Orto do Esposo* e os *Contos de proveito e exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso assumem por isso uma importancia excepcional. A mais antiga edição d'esses contos é de 1575, segundo Theophilo Braga que mostra que elles foram escriptos por occasião da peste de 1569. Theophilo Braga asseverou terminantemente que Trancoso bebeu na tradição popular; parece-nos muito provavel isso para alguns contos, mas cremos que uma demonstração completa d'essa these ninguem a poderá dar. Entre os contos que giram na tradição popular e se acham em Trancoso citaremos como exemplo o conto das duas irmãs invejosas, de que temos já

quatro versões populares portuguezas. Eis em resumo a de Trancoso:

«Desejava um rei mancebo casar com uma donzella de virtuosos costumes, claro sangue e bom viver. Um dia passando por uma rua ficaram fallando a umas janellas tres mulheres formosas e tendo o rei perguntado o que diziam foi-lhe respondido: «Senhor, uma disse que se casasse com o principe faria de suas mãos labores de ouro e seda tão valiosos que bastariam para gasto da mesa; a outra disse que se casasse com elle lhe faria camisas tão preciosas que valeriam tanto como tudo o mais que elle vestisse e calçasse e a ultima dissera que se casasse com o rei teria delle dous filhos formosos como o ouro e uma filha formosa como a prata».

O rei mandou chamar á sua presença uma por uma as tres irmans; as duas primeiras disseram que fariam em serviço do rei tudo a que as suas forças bastassem; mas a terceira que era a mais nova, e mais formosa repetiu que lhe daria dous filhos formosos como o ouro e uma filha mais formosa que a prata. Casou o principe com a mais nova.

As duas irmans mais velhas, de inveja pela preferencia dada á mais nova, quando ella deu á luz os filhos promettidos, substituiram-os por monstros peçonhentos, dizendo ao rei que a rainha os dera á luz. O rei aborreceo por isso tanto a sua mulher que a expulsou; a rainha como creada e forasteira foi admittida n'um convento, onde pouco depois foi servida como as freiras, que a suspeitaram d'uma elevada posição.

Tentavam as cunhadas agradar ao rei, mas este soffria muito de paixão pela mulher expulsa, embora julgasse que a expulsara com razão. Um dia em que, para se distrahir, ia ao longo de uma ribeira, viu á borda da agua uma casa nova,

a cuja janella estava um formoso menino, pobremente vestido; depois appareceu outro menino e uma mulher com uma menina pequenina pela mão. A mulher disse ao rei que não sabia de quem eram aquelles meninos, que o marido pescador lh'os trouxera pequeninos nascidos d'aquelle dia e ella com ajuda da mulher d'outro pescador os creara.

Seguindo ao longo da ribeira á busca de caça o rei viu sahir d'entre umas lapas uma mulher rôta, de cabellos crescidos e desgrenhados, que tentou fugir; mas alcançada pelo rei, depois contou que fôra creada com a rainha expulsa, e com ella e suas irmans fôra para o paço e que tendo a rainha dado á luz um formoso menino ella por instigações das irmans da rainha, tomara a creança envolta em ricos pannos e que, em quanto havia grande revolta no paço, porque as más irmans deitaram um sapo grande com as pareas e deitaram a corrêr dizendo que aquillo déra á luz a rainha, fôra ella, não lançar ao mar a creança como lhe tinham ordenado, mas deixal-a entre as lapas d'onde viu levantal-a um pescador. O mesmo succedeu com os outros dous filhos da rainha, que tinham sido substituidos um por uma cobra e o ultimo que era menina por uma toupeira; ambos recolhera o mesmo velho pescador assim como fizera ao primeiro, tendo tentado reter a portadora que se lhe escapara e que, de mêdo que ella fosse ao paço e a reconhecesse, ficara alli vivendo d'hervas entre aquellas pedras.

O rei mandou chamar as más irmans á sua presença e ellas vendo o seu crime descoberto precipitaram-se ao mar. Promettera a mulher do pescador que iria ao rei dar mais informações ácerca dos meninos que achara, e o rei reconheceu por todos os signaes que eram os seus proprios filhos.

A menina que o pescador levava comsigo, assim como os irmãos, tanto que a poseram no chão fugiu da supposta mãe e metteu-se entre as pernas do pae, dizendo: «Ha, ha, agora sim que está aqui meu pae, não quero ir comvosco.»

O rei perdoou á creada que exposera as creanças e concedeu grandes mercês aos paes adoptivos.

Fizeram-se buscas por todo o reino e a nova do descobrimento dos filhos do rei chegou ao convento, onde estava a rainha, cuja alegria foi tanta que as freiras suspeitaram fosse ella a rainha; esta declarou-lhes a verdade e pouco depois foi-a buscar o rei.»

O conto de que acabamos de condensar a versão dada por o novellista portuguez acha-se muito espalhado; podemos mencionar as seguintes versões, das quaes as duas primeiras teem um character litterario, e as outras são perfeitamente populares.^[5]:

1. Arabe, *Historia das duas irmãs invejosas nas Mil e uma noites*;
2. Italiana do seculo XVI em Straparola, *Tredecipiacevolissime notti* IV, 3 (servimo-nos da antiga traducção franceza, edição Jannet, pois as edições originaes são raras e não se encontram em Portugal);
3. Florentina em * Vittorio Imbriani, *Novellaja fiorentina*, n.º 6;
4. Toscana em * Angelo de Gubernatis, *Novelline di S. Stefano di Calcinaja*, n.º 16;
5. Siciliana em Laura Gonzenbach, *Sicilianische Märchen* (Leipzig, 1870), n.º 5;

6. Outra siciliana em Giuseppe Pitré, *Nuovo Saggio di Fiabe e Novelle popolari siciliane* (Imola, 1873; Estratto dalla *Rivista di Filologia romanza*), n.º 1;
7. Outra siciliana em G. Pitré, *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliane* (Palermo, 1875, 4 vols.), n.º 36;
8. Italiana de Basilicata em Domenico Comparetti, *Novelline popolari italiane* (Torino, 1875), n.º 6;
9. Outra italiana de Pisa, *ibidem* n.º 30;
10. Tiroleza em Chr. Schneller, *Märchen und Sagen aus Wälschtirol* (Innsbruck, 1867), n.º 26;
11. Hungara em * G. Gaal, *Die Märchen der Magyaren*, p. 390;
12. Alleman em Grimm, *Kinder-und Hausmärchen* (12.^a ed. Berlin, 1874), n.º 96;
13. Outra alleman em J. W. Wolf, *Deutsche Hausmärchen* (Göttingen, 1851), p. 168;
15. Outra alleman em * Ernst Meyer, *Deutsche Volksmärchen aus Schwaben* (Stuttgart, 1852), n.º 72;
15. Outra alleman em * Heinrich Pröhle, *Kinder-und Volksmärchen* (Leipzig, 1853), n.º 3;

16. Austriaca em Vernaleken, *Oesterreichische Kinder-und Hausmärchen* (Wien, 1864), n.º 34;
17. * Zingerle, *Kinder-und Hausmärchen* (1852-54), II, 112;
18. Gregos em J. G. Hahn, *Griechische und albanesische Märchen*, n.º 69 (Leipzig, 1864);
19. Outra grega, em * *Νεοελληνικά Ανάλεκτα* 2, 1, n.º 4;
20. Outra alleman em * Frommann, *Die deutsche Mundarten*, IV, 263;
21. Catalans em Fr. Maspons y Labrós, *Lo Rondallayre, quentos populars catalans*, Barcelona, 1871, n.ºs 14 e 25.
22. Avarica em *Awarische Texte*, n.º 12.

A unica forma litteraria das conhecidas que Trancoso poderia ter lido é a de Straparola. Este publicava já em 1508 um livro de versos e vivia ainda em 1557; foi entre essas duas epochas que compoz e publicou pela primeira vez as *Notti*. A versão de Trancoso desvia-se porém, assaz da do novellista italiano para que possamos considerá-la como independente d'ella. Resta ainda a possibilidade d'uma fonte litteraria desconhecida. As formas populares reunidas por nós desviam-se tambem muito da versão do nosso novellista, que tirou ao conto quasi todo o maravilhoso.

A facecia n.º LXVI da presente collecção, que serve de explicação popular aos proloquios: *quem não te conhecer que te compre*, ou *quem te conhecer que te compre*, ou ainda *quem não te conhecer que te compre, saberá a besta que leva*, era corrente no seculo passado, como nos mostra a versão que d'ella dá Bluteau a proposito do mencionado proloquio:

«O caso foy, que estando huns Estudantes na ponte de Coimbra, a tempo que passava um homem com seu jumento carregado, o qual levava pelo cabresto, se chegou hum dos Estudantes ao jumento, e tirando-lhe o cabresto sutilmente, o meteo na sua cabeça, e foy seguindo o homem, que hia puxando por elle; os mais Escholasticos com diligencia esconderão o asno, que ficou solto; e o Estudante encabrestado, vendo que já o jumento estava escondido, não quiz andar mais adiante, e entendendo o pobre homem, que o burrico para seguir a viagem necessitava de quatro pauladas, virou para traz, e vendo que levava pelo cabresto hum Estudante, ficou assustado com o tal objecto; n'este tempo o Estudante lhe disse: Meu Senhor, vossa mercê não se espante, porque eu sou hum homem bem nascido, mas por fado ando ha muitos annos com a forma e figura, que até agora me vio; mas neste instante foy Deos servido, que o meu triste fadario se me acabasse, e assim lhe peço, que n'este caso me guarde segredo para que se me não saiba a falta, e me perdoe o que lhe faço do dinheiro que por mim deu, e o serviço que lhe faria. O simples homem entendendo que era isto verdade, lhe respondeu: Senhor Estudante, não permitta nosso Senhor, que uma alma Christã padeça tão grandes tormentos, e entenda, que não só me não dá pena, mas grande gosto em o ver livre de tão triste fado; e com isto se foy cada qual buscar sua vida. Os velhacos dos Escholasticos não se contentando com a carga que o jumento levava, o levarão á feira a vender, e vendo-o o dono, que lá se achou, para comprar outro, e conhecendo-o perguntou

a quem o levava, se vendia aquelle jumento, e lhe responderão que sim, e entendendo o Villão que o Estudante se tinha outra vez convertido em burro, pediu licença ao que o levava para dar em cortezia uma palavra áquelle jumento, o que sendo-lhe concedido, se chegou a elle, e lhe disse: «Ouve, senhor burro, *quem te não conhece, te compre.*»

O agagio:

Comei mangas aqui;
A vós honram não a mim,

é o ultimo vestigio d'um conto que ainda não encontramos na tradição portugueza, mas que é conhecido d'outros paizes e sobre o qual R. Köhler deu ricas indicações no *Jahrbuch für rom. und engl. Literatur*, XII, 351 s. e XIV, 425 s. O papa Innocencio III no seu livro *De contemptu mundi sive de miseria humanae conditionis* deu a seguinte versão, transcripta por Köhler:

Cum quidam philosophus in habitu contemptibili principis aulam adisset et diu pulsans non fuisset admissus, sed quotiens tentasset ingredi, toties contigisset eum repelli, mutavit habitum, e assumpsit ornatum. Tune ad primam vocem aditus patuit venienti. Qui procedens ad principem, pallium, quod gestabat, coepit venerabiliter osculari. Super quo princeps admirans, quare hoc ageret, exquisivit. Philosophus respondit: Honorantem me honoro, quia quod virtus non potuit, vestis obtinuit.»

Pitré, *Fiabe, novelle e racconti popolari siciliane* CXC, 8 offerece uma versão popular que se aproxima mais da que

suppõe o nosso adagio. Giufà que como pateta não era convidado por ninguém, é vestido luxuosamente pela mãe. Convidam-no para a mesa onde o tinham antes repellido e elle ia comendo e metendo comer nas vestes, dizendo: «Manciati, rubbiceddi miei, cà vuàtri fustivu 'mmitati.»



O conto da *Bella-menina*, n.º XXIX da presente collecção, apresenta analogias tão intimas como o conto de *La Belle et la Bête*, redigido em francez por Madame de Beaumont^[6], e traduzido mais de uma vez em portuguez, que nada ha mais natural do que pensar que a forma que publicamos deriva d'essa fonte litteraria; a concordancia é sobretudo muito particular na primeira parte do conto, até que Belle vae habitar o palacio do monstro; no resto ha differenças apparentemente insignificantes e que se poderiam attribuir aos caprichos da imaginação dos narradores portuguezes, se a comparação não nos mostrasse o seu valor tradicional. Na versão de Madame de Beaumont, Belle familiarisa-se com o monstro que a tracta magnificamente e lhe pergunta sempre antes de se ir deitar-se ella quer casar com elle; ella responde que não, e o monstro lança um terrivel suspiro. Belle, um dia vê n'um espelho que seu pae estava doente de pena; exprime ao monstro o desejo de o vêr; elle consente, mas faz-lhe prometter que voltará ao fim de oito dias; diz-lhe quando ella quizer voltar que ponha ao deitar-se o seu anel em cima da mesa. Quando Belle acordou achou-se em casa de seu pae. As irmãs tinham casado, mas eram

desgraçadas; vendo a irmã vestida como uma princeza, tiveram-lhe inveja e tractaram de a demorar mais dos oito dias, o que conseguiram, fingindo-se muito penalizadas pela partida d'ella. Ao fim de dez dias voltou Belle ao palacio, mas o monstro não apparecia; ella correu a um sitio onde o vira em sonho e achou-o sem sentidos; lançou-se sem horror sobre o corpo do monstro; deitou-se agua na cabeça, e elle voltando a si diz-lhe que de pena de a ter perdido resolvera matar-se á fome. Belle diz-lhe que elle ha de viver e ser seu esposo; então o monstro desaparece e em seu logar fica um bello principe, pois o seu encanto devia acabar quando uma donzella o acceitasse para esposo. As más irmãs são convertidas em estatuas. O final da versão portugueza é mais curto; mas pondo de parte circumstancias que podiam ser supprimidas simplesmente, notaremos as seguintes differenças: a Bella-menina não vae a casa para ver o pae doente, mas sim pelo casamento d'uma irmã; o encanto do monstro não acaba por ella dizer que o quer para esposo, mas sim quando Bella-menina lhe dá um beijo.

Há versões populares d'este conto ou contos mais ou menos semelhantes em diversos paizes; taes são o n.º 88 dos *Kinder und Hausmärchen*, de Grimm, e as indicadas por W. Grimm, vol. III, 152 ss., 329 s., a grega de Cypre, colhida por Sakellario e traduzida em allemão por F. Lebrecht no *Jahrbuch f. rom. u. engl. Literatur*, XI, 374-379 (nota a pag. 386), o conto masurico publicado por Toeppen: *Die Rose* (vid. R. Köhler em *G. G. Anzeige*, 1868. St. 35), o n.º 9 dos *Sicilianischen Märchen* de Laura Gonzenbach (vid. nota de

R. Köhler no vol. II, p. 208 9), o n.º XXXIX da grande collecção de Pitré. Ora em pontos em que a nossa versão do Minho se afasta da de Beaumont aproxima-se d'algumas das outras versões o que prova que não deriva d'aquella. Assim o que motiva a ida da donzella a casa é o casamento das irmãs em Pitré, Gonzenbach, Grimm n.º 88. N'algumas d'essas versões o nucleo do nosso conto funde-se com outros elementos; assim na de Grimm, n.º 88, acha-se uma versão do nosso n.º XLIV; o conto acha-se assim alterado e a sua solução não se póde comparar com a das formas simples, como a nossa n.º XXIX, a de Pitré, n.º XXXIX, a cyprica, etc.

N'estas ultimas duas, o encanto quebra-se como na de Madame de Beaumont quando a donzella diz que aceita o monstro para marido; mas no antigo poema francez *Le bel inconnu*, publicado por C. Hippeau, ha uma forma da nossa tradição em que o encanto do monstro (aqui uma donzella) se quebra com um beijo que dá na bocca de Giglain, (v. 3150 e ss.) ora esta variante é, senão a mais antiga, como cremos, pelo menos tradicional e antiga no nosso conto.

A quebra d'um encanto por meio de beijo apparece n'outros contos. N'um conto ehstnico (*Ehsthnsische Märchen. Aufgezeichnet von Friedrich Kreutzwald. Aus dem Ehstnischen übersetzt von F. Löwe; Halle, 1869. 8.º, n.º 19*) o encanto d'uma donzella quebra-se quando ella em forma serpente beija tres vezes um mancebo. No conto serbo traduzido por Madame Mijatovies com o titulo *Bird Girl*

(*Serbian Folk-Lore*, pag. 119 ss.) o filho d'um rei beija uma ave que se transforma em bellissima donzella. Na lenda allemã *Die Schlangenjungfrau* (*Deutsche Sagen*, herausgegeben von den Brüdern Grimm n.º 13) o encanto d'uma donzella que é meio serpente quebra-se quando um mancebo puro e casto a beijar tres vezes. No poema de Lanzelet citado por J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, p. 921 (3.ª ed.) um beijo na bocca d'um dragão fal-o transformar n'uma bella mulher.

Ferdinan Wolf nos seus *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur* (8.º Berlin, 1859, pag. 513 n.º 1, 514 n.) exprimiu a opinião de que os contos populares que se encontram na Hespanha tenham passado de França e Italia para a nossa peninsula pela maior parte só depois do seculo XVI, pelo canal da litteratura e de que só mais tarde ainda é que elles chegassem á tradição popular; o *Pentamerone* de Basile, collecção de contos populares napolitanos redigidos com ornatos litterarios, cuja primeira edição conhecida é de 1637, teria na opinião de Wolf contribuido muito para essa divulgação dos contos na Hespanha. Ora é evidente para quem conhece a historia das litteraturas peninsulares que a opinião de Wolf é extensiva a Portugal.

Mas o que acaba de ser dito fornece já argumentos contra ella; um estudo comparado dos contos portuguezes que temos reunido e do que já conhecemos dos contos hespanhoes prova á evidencia que essa opinião não tem

fundamento, salvo com relação a alguma caso excepcional. A tradição oral de povo a povo foi, a nosso vêr, o vehiculo mais importante que trouxe esses contos para a península. Vejamos por exemplo como isto se póde provar em relação directa á opinião do celebre critico austriaco.

O n.º XLIII da nossa collecção é uma versão d'um conto de que se acha uma forma no *Pentamerone* IV, 10: *Lo soperbia castecata*. Na versão de Coimbra o desprezo da princeza é motivado por o pretendente de sua mão deixar á sobremeza cair um grão de romã na barba e apanhal-o com o garfo e comel-o. Este motivo excellente falta na versão de Basile, assim como em versões populares d'outros paizes, por exemplo em Grimm n.º 52: *König Drosselbart*, A. Kuhn, *Sagen, Gebrauche un Märchen aus Westfalen* (Leipzig, 1859, 2 vol. 8.º n.º 17 dos contos), mas o mesmo ou semelhante se acha em outras variantes. Em o n.º CV da grande collecção de Pitré o rei é desprezado pela princeza, porque se abaixa para apanhar um *bocado de romã* que caíra no chão. N'outra versão siciliana da collecção de L. Gonzenbach n.º 18 o rei pretendente toma á mesa uma cadeira em que está uma pequena penna e deixa cair molho na barba, o que o fez igualmente ser desprezado.

É evidente pois que a versão portugueza que damos n'este volume, offerecendo aquelle motivo proprio a uma das formas conhecidas do conto, não pode provir do *Pentamerone*. Aquelle motivo acha-se em verdade n'uma redacção litteraria italiana do conto por Luigi Alamanni.

(Novella da condessa de Tolosa e do conde de Barcelona). a Alamanni morreu em 1556, mas a sua novella esteve inedita até 1794, em que foi publicada n'uma obra pouco accessivel^[7].

Em regra, se para a forma litteraria, individual, d'um conto fica de pé a possibilidade d'uma fonte litteraria, embora desconhecida, salvo quando se prove directamente a sua origem popular, para a forma popular, collectiva, d'um conto deve admittir-se uma corrente de tradição oral, salvo quando se prove a communicacão litteraria. Era preciso uma grande divulgacão litteraria e já muito antiga para explicar a generalisacão dos mesmos contos populares, em todas as provincias de Portugal, em todas provavelmente da Hespanha.



Alludimos acima (pag. XIII) ás versões peninsulares do conto ou lenda de Fridolin (pagem queimado no forno). Essas versões (que não são as unicas que se encontram aquem Pyrineus) parecem indicar pela sua completa localisacão que os seus redactores as beberam na tradição popular. Em Coimbra corre ella ainda hoje na bocca do povo com relação á Rainha Santa Izabel; é verdade que poderia ser uma derivação da redacção escripta por intermedio da predica; mas a versão de Affonso X attesta a sua antiguidade na peninsula, a qual se póde ainda verificar em relação a outras narrações que se encontram tambem no

Oriente. A narração portugueza tem taes relações particulares com a hespanhola que parecem derivar ambas da mesma fonte immediata. Eis as duas:

Como o coração de ElRey andava neste tempo cégo do amor illicito, sendo que a Santa Rainha era hũa mulher forte, teve d'ella desconfiança, porque nem a Magestade está segura da calumnia no Paço, aonde he ouvida a inveja; servia n'elle hum Pagem de quem a Santa Rainha, por razão de sua vida virtuosa, fazia confiança particular servindo-se do seu modesto silencio, para obras de sua occulta charidade, e sentindo outro que ella fizesse o favor à virtude, que pertendia a emulação, insinuou a ElRei, que aquelle agrado nascia da infidelidade, e não do merecimento, e sendo que a santa honestidade da Rainha Santa era irrefragavel prova de sua inviolavel fé, devendo ElRey castigar a ousadia, creio a impostura, porque a má disposição de seu animo, facilitou a credulidade do agravo, e determinou tirar ao innocente a vida, a quem a malicia tinha imputado a injuria; para que a vingança se tomasse com cautela, chamando em segredo hum homem que tinha a seu cargo hum forno de cal, a que naquelle tempo lançara o fogo, lhe disse, que quando, na hora certa de hum dia determinado, mandasse hum Pagem da Rainha a saber se fizera o que lhe ordenara, o lançasse dentro no ardente forno, porque assim convinha a seu Real serviço; chegado o prescripto dia, à hora sinalada mandou ElRey o innocente Pagem com o recado fingido ao lugar do incendio, em que determinava, que se queimasse a innocencia, e Deos dispunha que ardesse a culpa; obedeceo elle com diligencia prompta, e como tinha por inalteravel devoção entrar nas Igrejas, quando ouvia fazer os sinaes ao levantar da Hostia consagrada, ouvindo-os no Convento de S. Francisco da Ponte, que estava no caminho, entrou nelle e ouviu hũa, e outra Missa, e assistindo no exercicio de sua devoção, pôz Deos embargos à sentença de sua morte; dispondo o Senhor que se consumisse no fogo quem lhe procurara o incendio, porque quem venera a

saudavel Hostia, logra immunitades na vida, e não só não padece o dano que se lhe prepara, mas faz que elle recaya em quem lho solicita; bastou sonhar Gedeão com o Pão que era figura da Eucharistia para debellar os exercitos de Madian; antes de sonhar com o Sacramento, teve por duvidosa a batalha, tanto que ouviu o misterio, deu por conseguida a victoria. Estando ElRey cuidadoso do successo, e desejando saber, se o fogo tinha desvanecido em fumo o seu presumido agravo, chamou o outro Pagem, que atrevidamente tinha infamado, na Magestade mais decorosa, a mais innocente castidade, e lhe disse que fosse saber, se se tinha dado à execução a sua ordem; chegou elle ao lugar que se destinara para o suplicio do outro, que estava na Igreja ouvindo Missa, e entendendo o executor da morte, que àquelle mandava ElRey tirar a vida, lançando-o precipitadamente entre as flamas, se reduziu justissimamente em cinzas, porque a divina justiça faz que pereça o culpado, no laço que se arma para o innocente: no patibulo que Amão levantou para Mardocheo, não morreo Mardocheo, e padeceo Amão.

Acabadas as Missas, se foy o devoto innocente para o forno, onde o delinquente estava consumido, e dando o recado de ElRey, lhe trouxe por resposta, que a sua ordem se dera á execução, etc.» *Historia da vida, morte, milagres, canonização, e trasladação de Santa Izabel, sexta Rainha de Portugal*. Escripção por D. Fernando Correa de Lacerda. Lisboa Occidental. 1735. 4.º p. 47-50.

Agora a versão metrificada de Affonso X:

Non pode prender nunca morte vergonhosa
Aquelle que guarda a virgen groriosa.

E d'aquest'aveno gran temp'á ja passado,
Que ouv'en Tolosa un conde mui preçado,

E aquest'avia un ome seu privado,
Que fazia vida come religioso.

Non pode prender nunca morte vergonhosa,
Etc.

Entre outros benes muitos que el fazia
Mais que outra rem amava Sancta Maria,
Assi que outra missa nunca el queria
Oyr erga sua, nen lh'era saborosa.

Non pode prender, etc.

E outros privados que con el cond'andavan
Avian lh'enveja, e por ende punhavan
De con el volvel-o, porque desi cuidavan
Aver con el conde sa vida mais viçosa.

Non pode prender, etc.

E sobr'esto tanto con el conde falaron,
Que aquel bon ome mui mal con el mezcraron,
E de taes cousas a el o accusaron,
Perque lhe mandava dar morte doorosa.

Non pode prender, etc.

E que non soubessen de qual morte lhe dava,
Por un seu caleiro a tan tost'enviava,
E un mui grande forno encender lhe mandava,
De lenha mui grossa que, non fosse fumosa.

Non pode prender, etc.

E mandou-lhe que o primeiro que chegasse
Om a el dos seus, que tan toste o filhasse,
E que sen demora no forno o deitasse,
E que y ardesse a carne d'el astrosa.

Non pode prender, etc.

Outro dia el conde ao que mezcrad'era
Mandou-o yr que fosse veer, se fezera
Aquel seu caleiro o que ele dissera,
Dizend: «'esta via non te seja nojosa.»

Non pode prender, etc.

Quando (?) ele ya cabo d'essa carreira,
Achou un'ermida que estava senlheira,
U dizian missa ben de mui gran maneira
De Sancta Maria, a virgen preciosa.

Non pode prender, etc.

E logo tan toste entrou en a igrexa
E disse: «esta missa, como quer que seja,
Oyrei eu, porque Deus de pelleja
Me guarde, de mezcra maa e revoltosa.

Non pode prender.

Enquant'el a missa oya ben cantada,
Teve ja el conde, que a cous' acabada
Era que mandara, e por en sen tardada
Enviou outr'ome natural de Tolosa.

Non pode prender, etc.

E aquel'om'era o que a mezcra feita
Ouvera, e toda de fond'acima treita,
E disse-lhe logo: «vae correndo e aseita (?)
Se fez o caleiro a justiça fremosa.»

Non pode prender, etc.

Tan toste correndo foi-s'aquel fals'arteiro
E non se teve mas que per un semedeiro
Chegou ao forno e logo o caleiro
O deitou na chama forte e perigrosa.

Non pode prender, etc.

O outro, pois toda a missa ovu oyda,
Foi ao caleiro e disse-lhe: «ás comprida
Voontad del conde? «Diss'el:» Si! sen falida,
Senon nunca faça eu mia vida gayosa.»

Non pode prender, etc.

Enton do caleiro se partia tan toste
Aquel ome bono, e per un gram recoste
Se tornou al conde, e dentr'en sa reposte
Contou-lh' end'a estoria maravilhosa.

Non pode prender, etc.

Quando viu el conde aquele que chegara
Ant'ele viv'e soube de como queimara
O caleir'o outro que aquele mezcra,
Teve-o por cousa d'oyr muit' espantosa

Non pode prender, etc.

E disse chorando: «Virgen, beneita sejas,
Que nunca te pagas de mezcra, nen d'envejas,
Por en farei ora per todas tas egrejas,
Contar este feito, e como es poderosa.

Non pode prender, etc.

A *Disciplina clericalis*, o *Calila e Dymna*, o *Conde de Lucanor*, o *Libro de los engannos et los asayamentos de las mugeres* e outras obras semelhantes da litteratura medieval de Hespanha, monstrem-nos á evidencia os arabes da peninsula como um dos vehiculos dos contos para a nossa tradição, quer directamente, quer por meio da litteratura. Esse canal está bem longe de ser o unico. Alguma cousa deveria ter ficado ainda da tradição greco-latina. Em verdade o nosso conto n.º XLIV tem intimas relações com o de Psyque e Amor no *Metamorphoseon* de Apuleu (lib. IV, V e VI), o n.º L é uma versão da historia de Midas (vid. *Positivismo*, I, fasc. 1 e 2); uma historia como a de Rhampsinito contada por Herodoto (II, 121, 122) é contada pelo povo sendo o thesouro do rei egypcio substituido pela casa da moeda; a historia da filha que amamentou o pae, referida por Valerio Maximo, é corrente no Minho; o nosso povo sabe algumas fabulas como as de Esopo e Phedro; mas esses factos não attestam uma tradição ininterrompida entre nós que remonte directa ao tempo do dominio romano; essas narrações podem-nos ter vindo na edade media ou ainda nos tempos modernos pelos mesmos canaes porque nos chegaram outras que por certo não provém da antiguidade classica. Esperamos provar que ha entre alguns contos portuguezes e contos correspondentes italianos relações particulares, que fazem suppôr que a Italia, sem duvida por intermedio dos seus marinheiros, muito mais que pelo de suas novellas, nol-os enviou. O mesmo se deu provavelmente com relação a outros povos, principalmente á França.

Do mesmo modo que não podemos admittir uma origem unica para os contos, por exemplo, a origem mythica, considerando o conto e o mytho como dous productos radicalmente diversos, embora no conto entrem muitas vezes elementos mythicos, vendo nos contos o producto d'uma faculdade que se acha mais ou menos desenvolvida em todas as raças humanas, não podemos crer que a transmissão d'elles para a Europa, para cada paiz particular se operasse por um unico vehiculo. O que nós hoje possuimos d'esses documentos é o resultado do *struggle for life* de tradições differentes; é o residuo da reacção de diversas correntes.

Não podemos hoje fazer mais que indicar esses interessantes problemas, esperando que maior massa de materiaes e a realisação de estudos planeados ha annos nos permittam contribuir para a sua solução.

Lisboa, maio de 1879.

-
1. ↑ Vid. Gaston, Paris *Revue critique*, 1874, art. 145.
 2. ↑ Vid. Patin, *Etudes sur les tragiques grecs* I, 3 254 not.
 3. ↑ Vid. Loiseleur Deslongschamps, *Essai sur les fables indiennes*, Paris, 1838. 8.º p. 132 ss; Hermann

Oesterley, *Gesta Romanorum*. Berlin, 1872. 8.º N.º 283 e nota respectiva. A. d'Ancona, *Romania*, III, 187, s.

4. ↑ Th. Braga citou já esta passagem n'um estudo sobre os contos populares portugueses, publicado nos *Estudos da edade media* e refundido duas vezes, a primeira na *Revista de Portugal e Brasil* I, 157-160, 191-195, II, 68-80, 91-92, a segunda na *Rivista di letteratura popolare* diretta da G. Pitré, F. Sabbatini, vol. I (que não podemos ainda ver); reprodução na *Evolução* (de Coimbra) n.ºs 10-12. Th. Braga pretende ver na expressão *Gatas borralheiras*, em Jorge Ferreira de Vasconcellos, designado mulheres que vivem na cozinha, uma allusão ao conto da *Cendrillon*, como se uma tal expressão não pudesse existir, anteriormente ao conto; a *Cendrillon* foi denominada entre nós *gata borralheira*, porque esta expressão existia já na lingua geral.
5. ↑ Marcamos com o asterisco as versões que não pudemos estudar; grande parte d'ellas são indicadas por R. Köhler, nas notas á versão avarica.
6. ↑ *Contes moraux pour l'instruction de la jeunesse*, por Madame Le Prince de Beaumont, extraits de ses Ouvrages et publiés pour la première fois en forme de recueil. Paris, chez Barba, 1806, 3 vol. 8.º.
7. ↑ Vid. a nota de W. Gimm *K. u. Hm.* III, 86 s., a de R. Köhler em Gonzenbach II, 216, F. Liebrecht, *Orient u. Occident* I, 122.

Notas do autor

I

HISTORIA DA CAROCHINHA

Era de uma vez uma carochinha que andava a varrer a casa e achou cinco reis e foi logo ter com uma vizinha e perguntou-lhe: «Oh vizinha, que hei de eu fazer a estes cinco reis?» Respondeu-lhe a vizinha: «Compra doces.» — «Nada, nada, que é lambarice. «Foi ter com outra vizinha e ella disse-lhe o mesmo; depois foi ainda ter com outra que lhe disse: «Compra fitas, flores, braceletes e brincos e vai-te pôr á janella e diz:

Quem quer casar com a carochinha
Que é bonita e perfeitinha?

Foi a carochinha comprar muitas fitas, rendas, flores, braceletes d'ouro e brincos; enfeitou-se muito enfeitada e foi-se pôr á janella, dizendo:

«Quem quer casar com a carochinha
Que é bonita e perfeitinha?»

Passou um boi e disse: «Quero eu.» «Como é a tua falla?»

«Ú, ú...» «Nada, nada não me serves que me acordas os meninos de noite.» Depois tornou outra vez a dizer:

«Quem quer casar com a carochinha

Que é bonita e perfeitinha?»

Passou um burro e disse: «Quero eu.» «Como é a «tua falla?» «Eu ó... eu ó...» «Nada, nada não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Depois passou um porco e a carochinha disse-lhe: «Deixa-me ouvir a tua falla.» «On, on, on.» «Nada, nada não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Passou um cão e a carochinha disse-lhe: «Deixa-me ouvir a tua falla.» «Béu, béu.» «Nada, nada não me serves, que me acordas os meninos de noite.» «Passou um gato. «Como é a tua falla?» «Miau, miau.» Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Passou um ratinho e disse: «Quero eu.» «Como é a tua falla?» «Chi, chi, chi.» «Tu sim, tu sim; quero casar contigo,» disse a carochinha. Então o ratinho casou com a carochinha e ficou-se chamando o João Ratão. Viveram alguns dias muito felizes, mas tendo chegado o domingo, a carochinha disse ao João Ratão que ficasse elle a tomar conta na panella que estava ao lume a cozer uns feijões para o jantar. O João Ratão foi para junto do lume e para ver se os feijões já estavam cozidos metteu a mão na panella e a mão ficou-lhe lá; metteu a outra; também la ficou; metteu-lhe um pé; succedeu-lhe o mesmo, e assim em seguida foi caindo todo na panella e cozeu-se com os feijões. Voltou a

carochinha da missa e como não visse o João Ratão, procurou-o por todos os boracos e não o encontrou e disse para comsigo. «Elle virá quando quizer e deixa-me ir comer os meus feijões.» Mas ao deitar os feijões no prato encontrou o João Ratão morto e cozido com elles. Então a carochinha começou a chorar em altos gritos e uma tripeça que ella tinha em casa perguntou-lhe:

«Que tens, carochinha,
Que estás aí a chorar?»
«Morreu o João Ratão
E por isso estou a chorar»
«E eu que sou tripeça

Ponho-me a dançar.»

Diz d'ali uma porta:

«Que tens tu, tripeça,
Que estás a dançar?»
«Morreu o João Ratão,
Carocinha está a chorar,
E eu que sou tripeça
Puz-me a dançar.»
«E eu que sou porta
Ponho-me a abrir e a fechar.»

Diz d'ali uma trave:

«Que tens tu, porta,
Que estás a abrir e a fechar?

«Morreu o João Ratão,
Carochinha está a chorar,
A tripeça está a dançar,
E eu que sou porta
Puz-me a abrir e a fechar.»

«E eu que sou travo
Quebro-me.»

Diz d'ali um pinheiro:

«Que tens, trave,
Que te quebraste?»

«Morreu o João Ratão,
Carochinha está a chorar,
A tripeça está a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
E eu quebrei-me.»

«E eu que sou pinheiro
Arranco-me.»

Vieram os passarinhos para descansar no pinheiro e viram-
n'ó arrancado e disseram:

«Que tens, pinheiro,
Que estás no chão?»

«Morreu o João Ratão,
Carochinha está a chorar,

A tripeça está a dançar,
A porta a abrir e a fechar,

A trave quebrou-se,
E eu arranquei-me.»

«E nós que somos passarinhos
Vamos tirar os nossos olhinhos.

Os passarinhos tiraram os olhinhos, e depois foram á fonte
beber agua. E diz-lhe a fonte:

«Porque foi passarinhos,
Que tirastes os olhinhos?»

«Morreu o João Ratão,
A carochinha está a chorar,
A tripeça está a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
E nós, passarinhos,
Tirámos os olhinhos»

«E eu que sou fonte
Secco-me.»

Vieram os meninos do rei com os seus cantarinhos para
levarem agua da fonte e acharam-na secca e disseram:

«Que tens, fonte,
Que seccaste?»

«Morreu o João Ratão,
A carochinha está a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
Os passarinhos tiraram os olhinhos,
E eu sequei-me.»

«E nós quebramos os cantarinhos.»

Foram os meninos para palacio e a rainha perguntou-lhe:

«Que tendes, meninos,
Que quebrastes os cantarinhos?»

«Morreu o João Ratão,
A carochinha está a chorar,

A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
Os passarinhos tiraram os olhinhos,
A fonte seccou-se,
E nós quebrámos os cantarinhos.»

«Pois eu que sou rainha
Andarei em fralda pela cozinha.»

Diz d'alli o rei:

«E eu vou arrastar o c...
Pelas brasas.»

(Coimbra.)



II A FORMIGA E A NEVE

Uma formiga prendeu o pé na neve.

«Oh neve! tu és tão forte, que o meu pé prendes!»

Responde a neve: «Tão forte sou eu que o sol me derrete.»

«Oh sol! tu és tão forte que derretes a neve que o meu pé prende!

Responde o sol: «Tão forte sou eu que a parede me impede.

«Oh parede! tu és tão forte, que impedes o sol, que derrete a neve, que o meu pé prende.»

Responde a parede: «Tão forte sou eu que o rato me fura.»

«Oh rato! tu és tão forte que furas a parede que impede o sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde o rato: «Tão forte sou eu que o gato me come.»

«Oh gato! tu és tão forte que comes o rato que fura a parede, que impede o sol, que derrete a neve, que o meu pé prende.»

Responde o gato: «Tão forte sou eu que o cão me morde.»

«Oh cão! tu és tão forte que mordes o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!»

Responde o cão: «Tão forte sou eu que o pao me bate.»

«Oh pao! tu és tão forte, que bates no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o sol, [que derrete a neve,] que o meu pé prende!»

Responde o pao: «Tão forte sou eu, que o lume me queima.»

«Oh lume! tu és tão forte, que queimas o pao, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!»

Responde o lume: «Tão forte sou eu que a agua me apaga.»

«Oh agua! tu és tão forte que apagas o lume, que queima o pao, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde a agua: «Tão forte sou eu que o boi me bebe.»

«Oh boi! tu és tão forte que bebes a agua, que apaga o lume, que queima o pao, que bate no cão, que morde o gato, que

come o rato, que fura a parede que impede o sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde o boi: «Tão forte sou eu que o carniceiro me mata.»

«Oh carniceiro! tu és tão forte, que matas o boi, que bebe a água, que apaga o lume, que queima o pão, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!»

Responde o carniceiro: «Tão forte sou eu que a morte me leva.»

III

O COELHINHO BRANCO

Era de uma vez
Um coelhinho
Que foi á sua horta
Buscar couves
P'ra fazer um caldinho.

Quando o coelhinho branco voltou depois de vir da horta, chegou á porta e achou-a fechada por dentro; bateu e perguntaram-lhe de dentro: — «Quem é?» O coelhinho respondeu:

«Sou eu, o coelhinho
Que venho da horta
E vou fazer um caldinho.

Responderam-lhe de dentro:

«E eu sou a cabra cabrez
Que te salto em cima
E te faço em tres.»

Foi-se o coelhinho por ahi fóra muito triste e encontrou um boi e disse-lhe:

Eu sou o coelhinho
Que tinha ido á horta
E ia para casa

Fazer o caldinho;
Mas quando lá cheguei
Encontrei a cabra cabrez,
Que me salta em cima
E me faz em tres.

Responde o boi: — «Eu não vou lá que tenho medo.» Foi o coelhinho andando e encontrou um cão e disse-lhe:

«Eu sou o coelhinho, etc.»

Responde o cão: — «Eu não vou lá, que tenho medo.» Foi mais adiante o coelhinho e encontrou um gallo, a quem disse também:

«Eu sou o coelhinho, etc.»

Responde o gallo: — «Eu não vou lá que tenho medo.» Foi-se o coelhinho muito mais que triste, já sem esperanças de poder voltar para casa, quando encontrou uma formiga que lhe perguntou: — «Que tens tu coelhinho?»

«Eu vinha da horta, etc.»

Responde a formiga: — «Eu vou lá e veremos como isso ha de ser.» Foram ambos e bateram á porta; diz-lhe a cabra cabrez lá de dentro:

«Aqui ninguem entra
Está cá a cabra cabrez

Que lhes salta em cima
E os faz em tres.»

Responde a formiga:

«Eu sou a formiga rabiga,
Que te tiro as tripas
E furo a barriga.»

Dito isto a formiga entrou pelo boraco da fechadura, matou a cabra cabrez; abriu a porta ao coelhinho; foram fazer o caldinho e ficaram vivendo juntos, o coelhinho branco e a formiga rabiga.

(Coimbra.)

IV

A ROMANZEIRA DO MACACO

Era uma vez um macaco que estava em cima de uma oliveira a comer uma romã; succedeu que caiu um grão da romã para a terra em que estava a oliveira e passado pouco tempo nasceu uma romanzeira. Quando o macaco viu a romanzeira nascida, foi-se ter com o dono da oliveira e disse-lhe: — «Arranca a tua oliveira para crescer a minha romanzeira. «Responde o homem: — «Não estou para isso.» Foi-se o macaco ter com a justiça e disse-lhe: — «Justiça, prende o homem para que arranque a oliveira, para crescer a minha romanzeira.» Responde a justiça: — «Não estou para isso.» Foi-se o macaco ter com o rei e disse-lhe: — «Rei, tira a vara á justiça, para ella prender o homem, para elle arrancar a oliveira, para crescer a minha romanzeira.» Responde o rei: — «Não estou para isso.» Foi o macaco ter com a rainha: — «Rainha, poê-te mal com o rei, para elle tirar a vara á justiça, etc.» Responde a rainha: — «Não estou para isso.» Foi-se ter com o rato: — «Rato, roe as fraldas á rainha para ella se pôr de mal com o rei, etc. «Responde o rato: — «Não estou para isso.» Foi-se ter com o gato: — «Ó gato come o rato, para elle roer as fraldas á rainha, etc. «Responde o gato: — «Não estou para isso.» Foi-se ter com o cão: — «Ó cão morde o gato, para elle comer o rato, etc. «Responde o cão: — «Não estou para isso.» Foi ao pao e disse-lhe: — «Pao, bate no cão, para o cão morder o gato, etc.» — «Não estou para isso.» Foi ter com o lume: — «Lume, queima o pao, para elle bater no

cão, etc.» — «Não estou para isso.» Foi ter com a agua: — «Ó agua, apaga o lume para elle queimar o pao, etc.» — «Não estou para isso.» Foi ao boi: — «Ó boi, bebe a agua para ella apagar o lume, etc.» — «Não estou para isso.» Foi ao carniceiro: — «Carniceiro, mata o boi para elle beber a agua, etc. — «Não estou para isso.» Foi ter com a morte: — «Ó morte, leva o carniceiro, para elle matar o boi, etc. — «A morte ia para levar o carniceiro e elle disse-lhe: — «Não me leves que eu mato o boi. «Disse o boi: — «Não me mates que eu bebo a agua.» Disse a agua: — «Não me bebas que eu apago o lume.» Disse o lume: — «Não m'apagues que eu queimo o pao.» Disse o pao: — «Não me queimes que eu bato no cão.» Disse o cão: — «Não me batas que eu mordo o gato.» Disse o gato: — «Não me mordas que eu como o rato.» Disse o rato: — «Não me comas que eu roo as fraldas á rainha.» Disse a rainha: «Não me roas as fraldas que eu ponho-me de mal com o rei.» Disse o rei: — «Não te ponhas mal commigo que eu tiro a vara á justiça.» Disse a justiça: — «Rei, não me tires a vara que prendo o homem.» Disse o homem: — «Justiça, não me prendas que eu arranco a oliveira.» E o homem arrancou a oliveira e o macaco ficou com a sua romanzeira.

(Coimbra)

V O GALLO E O PINTO

O PINTO:

— «Qui qui ri qui. Faz-me um bolo.»

O GALLO:

— «Có co ró có. Não tenho sal.»

— «Qui qui ri qui. Manda-o buscar.»

— «Có co ró có. Não tenho por quem.»

— «Qui qui ri qui. Por o rapaz.»

— «Có co ró có. O rapaz está manco.»

— «Qui qui ri qui. Quem o mancou?»

— «Có co ró có. Foram as pedras.»

— «Qui qui ri qui. Qu' é das pedras?»

— «Có co ró có. Estão na agua.»

— «Qui qui ri qui. Qu' é da agua?»

— «Có co ró có. Beberam-na os bois.»

— «Qui qui ri qui. Qu' é dos bois?»

— «Có co ró có. Andam a lavrar milho.»

— «Qui qui ri qui. Qu' é do milho?»

— «Có co ró co. Comeram-no as gallinhas?»

— «Qui qui ri qui. Qu' é das gallinhas?»

— «Có co ró có. Estão a pôr ovos.»

— «Qui qui ri qui. Qu' é dos ovos?»

— «Có co ró có. Comeram-nos os padres.»

— «Qui qui ri qui. Qu' é dos padres?»

— «Có co ró có. Estão a dizer missa.»

— «Qui qui ri qui. Qu' é da missa?»

- «Có co ró có. Está no missal.»
- «Qui qui ri qui. Qu' é do missal?»
- «Có co ró có. Está na igreja.»
- «Qui qui ri qui. Qu' é da igreja?»
- «Có co ró có. Está na cidade.»

(Coimbra).

VI A VELHA E OS LOBOS

Uma velha tinha muitos netos um dos quaes estava ainda por baptisar. Um dia a boa velhinha saiu a procurar um padrinho para o seu netinho e no caminho encontrou um lobo, que lhe perguntou: — «Onde vaes tu velha?» Ao que ella respondeu: — «Vou arranjar um padrinho para o meu neto.» — «Oh velha, olha que eu como-te!» — «Não me comas, que quando se baptisar o meu menino, dou-te arroz doce.» Foi mais adeante e encontrou outro lobo que lhe fez a mesma pergunta e ella deu-lhe a mesma resposta. Depois encontrou um homem que lhe perguntou o que ella ia fazer e como ella lhe respondesse que ia procurar um padrinho para o seu neto, elle offereceu-se logo para isso. Depois a velha contou-lhe o encontro que tinha tido com os lobos e o homem deu-lhe uma grande cabaça e disse-lhe que se mettesse dentro d'ella que assim iria ter a casa sem que os lobos vissem. A velha mettu-se na cabaça e esta começou a correr, a correr, até que encontrou um lobo que lhe perguntou: Ó cabaça, viste por ahi uma velha?»

«Não vi velha, nem velhinha;
Não vi velha, nem velhão;
Corre, corre, cabacinha;
Corre, corre, cabação.»

Mais adeante encontrou outro lobo que perguntou tambem:
— «Ó cabaça, viste por ahi uma velha?»

«Não vi velha, nem velhinha;
Não vi velha, nem velhã;
Corre, corre, cabacinha;
Corre, corre, cabação.»

A velha, julgando que já estava longe dos lobos deitou a cabeça fóra da cabaça, mas os lobos, que a seguiam, saltaram-lhe em cima e comeram-n'a.

(Coimbra.)

VII

A RAPOSA E O LOBO

Era uma raposa e viu uns cães de caça e elles disseram-lhe: — Ó comadre anda aqui para onde a nós; veio agora uma ordem dos bixos não fazerem mal uns aos otros.» Ella disse-lhe: — «Eu venho logo que vou ver se aquelle meu compadre se quer utilizar da mesma ordem e vir para aqui onde a nós.» O compadre era um gallo. N'isto passou ai um caçador e disse-lhe: — «Ó raposa, queres tu gallinhas? — «Eu quero.» — «Pois então anda á tarde a minha casa que eu tenho lá uma capoeira d'ellas.» — O caçador tinha uma duzia de cães de caça mettidos n'uma côrte e soltou os cães á raposa. N'isto ella deitou a correr e o gallo estava em cima d'uma parede o gritava-lhe: «Mostra-lhes a ordem, mostra-lhes a ordem.» A raposa escapou-se dos cães e foi a um campo que tinha o tal caçador e que era de milho; soltava para dentro — alagava uma pedra; saltava para fora — alagava outra, até que fez um portello por onde podia passar o gado. Viu um burro e disse-lhe: — «Ó compadre, queres milho? — » Quero. — «Então entra para dentro que eu hei de pagar ao caçador o engano que elle me fez.» O burro comeu tanto milho que lhe saiu o sesso defóra; depois veio um corvello e a raposa disse-lhe: — «Ó compadre, queres tu carne? — » Eu quero, sim.» — «Pois então vae alli.» E indicou-lhe o sesso do burro onde elle foi picar e o burro enganou-o aos couces. Depois a raposa encontrou um lobo e disse-lhe: — » Ó compadre, queres tu? vamos tomar um afilhado. Foram para deante e encontraram uma gente

que estava a fazer um molho de centeio e vae ella disse-lhe : — «Olha, ó compadre, chega-te ali pr'a o pé d'aquelles homens da malha que elles dão atraz de ti e emno entanto, pilho-lhes eu a panella do arroz.» Assim fizeram; os homens deram atraz do lobo o a raposa metteu a cabeça dentro da panella, comeu o que poude e quebrou a panella; chegou ao pé do lobo:— «Como passaste, compadre?» — «Ora; deram com as malhas atraz de mim que estou morto de canção.» — «Olha pr'a mim; quebraram-me a cabeça que até estou com os miolos fóra.» Os miolos eram os grelos do arroz que tinha na cabeça.

O lobo disse-lhe que lhe deixasse lamber os miolos que eram muito bons. Depois ella disse-lhe: — «Deitemo-nos agora aqui um pouco que eu venho muito enfadada.» Ella deixou adormecer o lobo e foi tomar o afillhado, que era comer um cabrito.

Depois toparam um velho n'uma cozinha e disseram-lhe: — «Ó velhote, queres que nós vamos fazer uma boda?» Depois juntaram-se o lobo, a raposa e um coelho; o lobo devia de levar um cabrito, a raposa uma gallinha e o coelho a salsa. Assim fizeram. O velho foi o primeiro que chegou com um raminho de salsa e o velho atirou-lhe com um páo o matou-o; ao lobo metteu-lhe um espeto pelo c... e á raposa pegou-lhe pelo rabo e arrastou-a pelo borrarho. Fugiram a raposa e o lobo e quando estavam longe, disse o lobo: — «Não vamos lá; o diabo do velho metteu-me um dedo tão quente, tão quente pelo c... acima que parecia um

espeto quente.» Depois disse a raposa: — «Eu vou ver o que o velho faz; se elle estiver a dormir ainda lhe vamos pilhar a boda.»

Chegou lá á porta e o velho que tinha acabado de comer estava a limpar as barbas com um panno. Ella chegou ao lobo e disse: — «Olha, compadre; vamo-nos embora que o velho está a puxar por as barbas que nós que lh'a havemos de pagar, que nos ha de matar.» — «Pois vamo-nos embora.»

Vinham para casa e anoiteceu-lhes no caminho e viram a sombra da lua n'um poço. Disse então a raposa. — «Olha que ali n'aquelle poço está uma broa dentro; vamos tiral-a» — «Nós como é que havemos de fazer? — » Olha; bebemos a agua; enchemos a barriga e depois vamos mijar e assim tiramos a agua do poço.»

Foram beber, mas a raposa não bebia quasi nada porque apenas tinha bebido alguma agua dizia: — «Ai, tenho a minha barriga tão cheia.» Mas o pobre do lobo bebia muito e tanto bebeu que arreventou e morreu.

Depois a raposa juntou-se e mais a garça para fazerem um caldo de farinha; a garça fez o caldo n'uma almotolia; metteu o bico e bebeu tudo, porque a raposa não podia bebel-o pela almotolia. Depois a garça disse-lhe: — «Tu já me convidaste para a tua boda; agora vou-te eu convidar

para uma boda que ha no ceo.» — «Eu como hei de ir?» —
«Vaes nas minhas azas.»

Foi; a garça assim que estava mais enfadada disse-lhe: —
«Tem-te, comadre, enquanto eu *escupo*^[1] em mão.» Larga
a raposa e esta quando vinha a cair dizia

— «Isto vae de déo em déo;
Se eu d’esta escapo
Não torno ás bodas ao céo.»

Estava da banda de baixo um penedo grande e ella disse: —
«Arreda, lage, que te parto.» N’isto caiu sobre a fraga e
arrebentou.^[2]

(*Ourilhe.*)

-
1. ↑ Corrupção por *cuspo*.
 2. ↑ Quasi todos os episodios que formam o conto anterior se encontram separados em contos independentes ou ligados a outros differentes; as variantes offerecem-se em grande numero, mas ou menos curiosas. O cyclo popular do *Renard* é talvez mais vasto no meu paiz do que se pode julgar pelo que d’elle tenho colhido. Os contos seguintes, com quanto offereçam apenas variantes de episodios do antecedente, julgamos dever publical-os por inteiro.

Notas do autor

VIII RAPOSINHA GAITEIRA

Era uma vez uma raposa que tinha por compadres um grou e um lobo. Certo dia lembrou-se o grou de convidar a raposa para que fosse cear com elle umas papas de milho; a raposa foi mas nada pôde comer, pois o grou apresentou-lhe as papas dentro d'uma almotolia e como a raposa não tivesse bico o grou comeu as papas todas. Passados dias, a raposa para se vingar, convidou o grou tambem para comer papas, mas d'esta vez comeu ella tudo, pois tinha deitado as papas n'uma laje e o grou não pôde comer. A raposa tomou tal fartadela que nem podia andar, e como tivesse de fazer uma jornada, pediu ao compadre lobo que a levasse ás costas, pois estava muito doente. O lobo isso lhe fez e a raposa ia dizendo pelo caminho.

— «Raposinha gaiteira,
Farta de papas
Vae á cavaleira.»

O lobo perguntava-lhe: — «Que dizes tu, comadre? — «Ai, minha barriga, ai, a minha barriga. Assim foram caminhando até que o lobo caiu no logro que a raposa lhe pregou e então reparando que estavam perto de um poço disse para a raposa: — «Ah! Tu assim me enganaste! Disseste-me que estavas muito doente e vaes cantando pelo caminho:

— «Raposinha gaiteira,
Farta de papas
Vae á cavaleira.»

Pois bem fica n'este poço para não me tornares a enganar.»
E atirou a raposa ao poço. A raposa metteu-se dentro d'um balde que estava na borda do poço para se tirar agua, ora com um, ora com outro; de que se havia de lembrar a raposa? Disse ao compadre: — «Olha, tu fizestes muito bem em me deitar ao poço, porque estão cá coisas muito bonitas; se tu queres ver, mette-te n'esse balde que ahi está em cima; vens ver o que cá está e depois voltas. O lobo caiu novamente no logro; metteu-se no balde, e foi abaixo e ao mesmo tempo que elle ia descendo vinha subindo para cima o balde em que estava a raposa. Esta logo que se viu em cima disse para o lobo: — «Fica para ahi para não seres tão tolo que te fies nas matreirices que as mais raposas tão matreiras como eu te queiram impingir. E foi-se cantando pelo caminho fóra:

— «Raposinha gaiteira,
Farta de papas
Vae á cavaleira.»

(Coimbra.)

IX

O COMPADRE LOBO E A COMADRE RAPOSA

Era de uma vez um homem casado com uma mulher chamada Maria, e tinham por compadres um lobo e uma raposa. Um dia disseram elles ao lobo e á raposa: — «Olhem, compadres, é preciso fazer uma grande festa cá em casa e por isso vê tu, compadre, se me trazes alguns carneiros e ovelhas para o jantar; e tu, comadre raposa, arranja gallinhas e patos, pois nós queremos que o banquete seja fallado em toda á vizinhança.» O lobo e a raposa responderam: — «Fiquem descansados, compadres, que não lhes ha-de faltar o que desejam.»

Desde esse dia o lobo e a raposa todas as noites levaram gado para casa dos compadres, de sorte que elles já não cabiam em si de contentes. Chegado o dia da festa lá foi o lobo e a raposa assistirem á funcção, e quando chegaram, viram que os compadres tinham uma grande caldeira d'agua a ferver e um espeto mettido no fogo. O lobo perguntou: — «Ó comadre, para que é esse espeto? — «É para assar as galinhas.»

Palavras não eram ditas, o homem a pegar na caldeira e a deitar a agua a ferver em cima do lobo e a mulher a metter o espeto pelos olhos da raposa. Escusado é dizer que ao lobo lhe caiu a pelle e a raposa ficou cega.

Passara-se já bastante tempo e os compadres nem já se lembravam do tinham feito, quando o homem, andando um dia no mato a apanhar lenha, viu correr para elle o compadre lobo e, receando que elle o matasse, subiu para cima de uma arvore. Então o lobo disse-lhe de baixo: — «Tu pensas que me escapas! espera que eu te ensino.» E dito isto começou a chamar por os outros lobos e logo vieram muitos; elle então disse-lhes: — «É preciso matar aquelle homem que ali está em cima e para lá chegar é preciso que se ponham todos em cima uns dos outros; eu ficarei por baixo, porque tenho mais força.»

Já os lobos, postos uns sobre os outros, estavam quasi a chegar ao compadre quando elle gritou com toda a força: — «Ó Maria, traz cá a caldeira d’agua a ferver.» O lobo logo que isto ouviu, pernas para que te quero^[1] e os outros que estavam sobre elle caíram todos no chão; depois desesperados correram sobre o lobo que tinha fugido e mataram-no.

O compadre voltou para casa e contou tudo á mulher e nunca mais quizeram voltar ao mato.

(Coimbra)

1. ↑ Modo popular d’exprimir que alguém deitou a correr.

Notas do autor

X

O RABO DO GATO

Era de uma vez um gato que foi ao barbeiro para que lhe fizesse a barba. O barbeiro disse ao gato: — «Se tu tivesses o rabo mais curto ficarias muito mais bonito.» Disse-lhe o gato: — «Pois corta-lhe um bocado.» Cortou o barbeiro o rabo do gato e elle foi-se embora; mas no meio do caminho disse para comsigo: — «E o barbeiro que me ficou com o meu rabo! Deixa-me ir pedir-lh’o.»

Foi ter com o barbeiro e disse-lhe: — «Dá me o meu rabo, senão furto-te uma navalha.» Como o barbeiro lhe não desse o rabo, furtou-lhe a navalha.

Foi-se o gato por ali fóra e viu uma peixeira que não tinha faca para cortar o peixe e disse-lhe: — «Toma lá esta navalha.» Mais adiante voltou atraz e disse á peixeira: — «Dá cá a navalha, senão furto-te uma sardinha.» Como a peixeira lhe não desse a navalha, furtou-lhe a sardinha.

Foi se e mais adiante viu um moleiro a comer pão secco e disse-lhe: — «Toma lá esta sardinha.» Mais adiante voltou atraz e disse ao moleiro: — Dá cá a minha sardinha, senão furto te uma taleiga de farinha.» Como o moleiro já tivesse comido a sardinha, furtou-lhe a taleiga de farinha.»

Foi o gato ter a uma mestra de meninas que não tinha que lhes dar á merenda e disse-lhe: — «Toma lá esta taleiga de

farinha para papas.» Mas depois arrependeu-se e voltou atraz e disse á mestra: — «Dá cá a minha taleiga de farinha, senão furto-te uma menina.»

Saiu com a menina e foi ter com uma lavadeira e disse-lhe: — «Tu estás a lavar a roupa sosinha; toma lá esta menina para te ajudar.» Deixou ficar a menina, mas depois voltou atraz a pedil-a á lavadeira, e, como esta lh'a não quizesse dar, furtou-lhe uma camisa.

Foi-se mais para diante; viu um violeiro sem camisa e disse-lhe: — «Coitado estás sem camisa; toma lá, vae-te vestir.» Em quanto elle foi vestir a camisa, furtou-lhe o gato uma viola e depois subiu para cima d'uma arvore e começou a tocar viola e a cantar:

— «Do meu rabo fiz navalha;
Da navalha fiz sardinha;
Da sardinha fiz farinha;
Da farinha fiz menina;
Da menina fiz camisa;
Da camisa fiz viola;
Frum, fum, fum,
Vou para a minha escola.»

(Coimbra)

XI O PINTO BORRACHUDO

Era d'uma vez um pinto borrachudo que andava a gravetar em um monte de terra e achou lá uma bolsa de moedas e disse: — «Vou levar esta bolsa ao rei.»

Poz-se a caminho com a bolsa no bico, mas como tivesse de atravessar um rio e não podesse disse: — «Oh rio! arreda-te para eu passar.» Mas o rio continuou a correr e elle bebeu a agua toda.

Foi mais para deante e viu uma raposa no caminho e disse-lhe: — «Deixa-me passar.» Como a raposa se não movesse, comeu-a.

Foi andando e encontrou um pinheiro e disse-lhe: — «Arruma-te para eu passar.» Como elle não se arrumasse, engoliu-o.

Mais adeante encontrou um lobo e comeu-o; depois encontrou ainda uma coruja e fez-lhe o mesmo.

Chegado ao palacio do rei disse que lhe queria fallar e entregou-lhe a bolsa das moedas e o rei ordenou logo que o metessem na capoeira das gallinhas e que o tractassem muito bem. O borrachudo, logo que alli se viu, começou a cantar:

— «Qui qui ri qui,
Minha bolsa de moedas
Quero para aqui.»

E como vissem que lh'a não levavam, lançou a raposa que tinha comido, e ella comeu as gallinhas todas.

Foram dar parte a el-rei do succedido e elle ordenou que mettessem o borrachudo dentro da copeira. Compriram-se as ordens, mas o borrachudo continuou sempre a cantar:

— «Qui qui ri qui, etc.»

Depois como lhe não levassem o dinheiro, lançou o pinheiro e os copos da copeira foram todos quebrados.

Então o rei ordenou que mettessem o borrachudo na cavallariça, e elle sempre cantando:

— «Qui qui ri qui, etc.

Lançou fora o lobo e o lobo comeu os cavallos.

O rei mandou então que o mettessem no pote do azeite, mas elle lançou lá a coruja e ella bebeu o azeite.

Então o rei, não sabendo já o que havia de fazer, mandou que aquecessem o forno e que metessem lá o borrachudo; mas elle, mesmo dentro do forno começou a gritar:

— «Qui qui ri qui, etc.»

E foi lançando o rio que tinha bebido e já o palacio do rei estava quasi a afundar-se quando o rei ordenou que fossem levar a bolsa de moedas ao borrachudo e o mandassem embora, antes que elle lançasse o rio todo.

E lá se foi embora outra vez o borrachudo com a bolsa de moedas no bico.

(Coimbra.)

XII

O CUCO E A POPA

O cuco era marido da popa e a popa era muito estragada; quando era no principio do anno comia tudo e depois andava a pedir misericordia. Foi pedir uma vez á melra para irem ambas pedirem ás formigas se lhes davam algum soccorro e as formigas disseram para a melra: — «Emquanto tu andaste de silveira em silveira — *chelro, merlo, merlo, merlo, chelro* — ganháras pão para o inverno.»

O moxo era o rendeiro n'esse tempo; o cuco mandou lá a mulher pedir-lhe um carro de pão. O rendeiro disse-lhe: — «Pois sim; eu empresto-te esse carro de pão, mas has de dormir cá esta noite, que eu amanhã mando-te lá o pão pelos meus moços no meu carro e com os meus bois.»

A popa ficou lá e o moxo mandou-lhe ao outro dia o carro de pão; o cuco assim que o carro lá chegou ficou com carro, bois e tudo, dizendo que a mulher tinha ganho tudo.

N'isto o moxo mandou obrigar o cuco pelos bois e carro; depois foram a juizo e o juiz deu-lhes de sentença — o cuco que andasse a publicar por esse mundo todo que era cuco, porque o quiz o o moxo que andasse de terra em terra em busca dos bois; faz elle —: «Bois, bois»; a *popa* que havia de andar recommendando ás outras mulheres para

pouparem^[1] o que tinham a fim de não se verem obrigadas a ir pedir a mariolas como o moxo.

(Ourilhe.)

-
1. ↑ *Popa poupar* jogo de palavras.

Notas do autor

XIII

O COELHO E O GATO

Eram uma vez um gato e um coelho que se combinaram pr'a ir passear. Ao depois chegaram á beira do mato e disse o gato para o coelho se queria passear o mato; pegaram e foram. Viram um pinheiro e disse o coelho: — «Ó gato, tens-te por muito forçante; vamos a ver qual de nós trepa primeiro acima d'este pinheiro.» — «Vamos lá.»

O gato chegou primeiro e o coelho foi com raiva e tirou-lhe metade do rabo; como elle lhe tirasse metade do rabo, o gato poz-se a chorar: — «Coelho, dá-me o meu rabo». — «Não te dou o rabo, só se me deres leite.»

Ao depois então chegaram a um lameiro e viram uma vaca e o gato disse: — «Vaca, dá-me leite para eu dar ao coelho para o coelho dar o meu rabo.» — «Dou-te leite se me deres herva.»

Elle foi acima e viu um bello lameiro d'herva e disse-lhe: — «Lameiro, dá-me herva para eu dar á vaca, para a vaca dar-me leite para eu dar ao coelho, para o coelho dar o meu rabo.» — «Dou-te herva, se me deres agua.»

O gato foi acima e viu uma presa: — «Presa, dá-me agua para eu dar ao lameiro, para o lameiro dar-me herva, para

eu dar á vaca, para a vaca dar-me leite, para eu dar ao coelho, para o coelho dar o meu rabo.» — «Bastante te dou eu que bem esvaída estou, se tu me arranjares uma enchada para tapar os buracos.»

Foi o gato ter com um ferreiro: — «Ferreiro, faz-me uma enchada para eu dar á presa, para a presa dar a agua, para eu dar ao lameiro, para o lameiro dar a herva, para eu dar á vaca, para a vaca dar-me leite, para eu dar ao coelho, para o coelho dar o meu rabo.» — «Sim, faço-te a enchada, mas tu has de me arranjar uns sapatinhos que ando aqui descalço.»

O gato foi para cima e encontrou um sapateiro: — «Sapateiro, faz-me uns sapatos, para eu dar ao ferreiro, para o ferreiro fazer a enchada, para eu dar á presa, para a presa dar-me a agua, para eu dar ao lameiro, para o lameiro dar-me a herva, para eu dar á vaca, para a vaca dar-me o leite, para eu dar ao coelho, para o coelho dar o meu rabo.» — «Sim, faço-te os sapatinhos, se me arranjares dous ou tres alqueires de pão que estou a morrer com fome.»

Foi o gato ter com uns lavradores que andavam a malhar na eira e disse-lhes: — «Lavradores, daes-me milho para eu dar ao sapateiro, para o sapateiro fazer os sapatos, para eu dar ao ferreiro, para o ferreiro fazer a enchada, para eu dar á presa, para a presa dar-me a agua, para eu dar ao lameiro, para o lameiro dar-me a herva, para eu dar á vaca, para a vaca dar-me o leite, para eu dar ao coelho, para o coelho dar o meu rabo?»

Mas os lavradores atiraram com os malhos ao gato e ao coelho e mataram-nos todos dous.

(Foz do Douro.)

XIV

BRANCA-FLOR

Era de uma vez um rei que era muito jogador e tinha por costume jogar com o seu creado particular. Um dia em que já tinha perdido muito ao jogo, jogou a propria coroa e o creado ganhou-a. Vendo-se o creado de posse da coroa não cabia em si de contente, mas pouco tempo lhe durou o contentamento, pois quando elle menos o esperava, vieram duas pombas e roubaram-lhe a coroa, levando-a nos bicos.

Contou o creado isto ao rei e este disse-lhe: — «Se tu fores capaz de me restituïres a coroa dar-te-hei a minha filha em casamento.»

Chamava-se a filha do rei Branca-flor e tanto ella como a rainha sua mãe eram feiticeiras. A mãe podia fazer quanto quizesse desde a madrugada até á meia noite e Branca-flor podia usar dos seus poderes de noite e de dia.

Quando Branca-flor soube da perda da coroa, transformou-se n'uma pomba e fugiu do palacio, com tenção de voltar só quando seu pae a tivesse de novo em seu poder.

Partiu o creado do rei em busca das pombinhas que tinham levado a coroa e como passasse muito tempo sem as encontrar foi ter ao reino da chuva para ver se ali lhe davam

noticias d'ellas. Chegado lá, encontrou uma velhinha que lhe disse ser mãe da chuva, e como elle lhe dissesse o que pretendia, mandou-o entrar para casa e esperar que viesse a filha. Passados poucos momentos chegava ella e disse logo: — «Senhora mãe, aqui entrou gente pois cheira-me a sangue humano.» Respondeu-lhe a mãe: — «Não te enganas, minha filha; está aqui um creado do rei que deseja que lhe digas se viste duas pombinhas que levavam uma coroa real nos bicos.» Respondeu a chuva: — «Não as vi, mas talvez o meu compadre vento as visse, pois esse quasi sempre entra em toda a parte.»

Foi o creado ter ao reino dos ventos; esperou que o rei dos ventos entrasse em casa e logo sentiu o grande barulho que elle fazia. Da mesma forma que a chuva, assim elle respondeu, acrescentando mais: — «A mim tapam-me todos os buracos e janellas, por isso nada sei d'essas pombas, mas o sol com certeza ha de saber, pois as aves gostam todas muito do sol.»

Partiu o creado para o reino do sol e n'estas viagens iam-se passando annos, pois elle tinha de atravessar ares e nuvens para ver se encontrava o que desejava. Chegado ao reino do sol logo este lhe appareceu e lhe disse: — «As pombas que procuras estão no reino dos passaros; agora estão ellas fazendo os seus ninhos dentro da coroa que te roubaram; monta no meu cavallo e parte para lá; espera que as pombas saiam, tira a coroa e logo o rei dos passaros te offerecerá as suas azas para te conduzir ao palacio do rei teu amo.»

Montou o creado no cavallo do sol e tudo se passou como elle tinha dito. Chegado ao palacio do rei com a coroa, disse-lhe o rei: — «Não te posso já dar a minha filha, porque ella anda encantada n'uma pomba, mas se tu quizeres casar com ella has de primeiro fazer o que te vou ordenar. Vês aquelle campo que está em frente d'este palacio?» — «Vejo, real senhor.» — «Pois bem; ordeno-te que de hoje até amanhã o vás semear de trigo, e que o faças crescer, que o ceifes, lhe tires a farinha, cozas o pão e m'o presentes aqui prompto.»

Foi-se o creado muito triste por lhe parecer impossivel fazer tantas cousas; eis que de repente lhe appareceu Branca-flor e lhe disse: — «Sei de tudo que meu pae te ordenou; não te dê cuidado que tudo se ha de arranjar.» De repente achou-se o campo semeado de trigo, d'ai a pouco tempo foi ceifado por Branca-flor e pelo creado; depois prepararam o trigo para ser moido, amassaram o pão e cozeram-no. Branca-flor ordenou ao creado que levasse os taboleiros de pão a seu pae e fosse sempre apregoando: — «Quem quer pão quente, quem quer pão quente!»

Maravilhou-se o rei quando viu tudo prompto e perguntou ao creado: — «Por aqui andou Branca-flor?» — «Nem eu vi Branca-flor, nem ella me viu a mim.» — «Pois bem; já que tivestes tanto poder, não te darei minha filha sem que tu me tragas para perto do meu palacio aquellas grandes pedreiras que se avistam acolá ao longe.»

Foi-se o creado muito triste e logo lhe appareceu Branca-flor e lhe disse: — «Nada te dê cuidado, mas que meu pae nunca saiba que sou eu que te valho.»

Pela manhã quando o rei acordou achou o palacio rodeado das pedreiras; então perguntou ao creado: — «Por aqui andou Branca-flor?» — «Nem eu vi Branca-flor, nem ella me viu a mim.» Disse-lhe então o rei: — «Ainda te não dou minha filha sem que primeiro tragas o mar para a frente do meu palacio.»

Appareceu Branca-flor ao creado e disse-lhe: — «Toma este vidro que contém sangue que eu agora mesmo tirei d'este braço; irás derramando gotas d'elle em volta do palacio e logo verás o mar rodeal-o; tem porém, muita cautela não deites nenhuma gota de sangue em ti, porque ser-te-ha isso muito perigoso.»

Andou o creado durante a noite deitando o sangue em volta do palacio e ao mesmo tempo via que o mar crescia, e quando ia a amanhecer, já o palacio formava uma ilha e Branca-flor mandava prender os navios ás janellas do palacio.

O creado quando andava deitando o sangue esqueceu-se da recommendação de Branca-flor e chegou o sangue a um dedo e logo este lhe caiu.

De madrugada, quando o rei acordou, viu feito tudo que tinha ordenado ao creado e então a rainha disse-lhe: — «Não é possível que deixasse d'andar por aqui Branca-flor. Veiu o creado e respondeu: — «Nem eu vi Branca-flor, nem ella me viu a mim.»»

Vendo o rei que nada já podia ordenar que não fosse feito, disse ao creado: — «Casarás com minha filha logo que ella volte a palacio.»»

N'esse mesmo instante Branca-flor a voltar. Então o rei perguntou-lhe se era da vontade d'ella casar com o seu creado particular, e ella respondeu que sim. Casaram mesmo n'esse dia e Branca-flor perdeu o encanto, mas não o poder de feiticeira.

Quando os noivos foram á noite para se deitar, reparou Branca-flor que sobre o seu leito estava suspensa por um cabello uma espada desembainhada, então disse ella ao seu marido: — «Vês esta espada? — «Vejo.» — É a prova de que meu pai nos quer matar; é preciso fugir, mas não o podemos fazer antes da meia noite e nem depois, porque até á meia noite pode minha mãe usar do seu poder de feiticeira e saberia para onde iamos, e ao dar da meia noite, virá meu pai matar-nos. Não devemos, pois, ao dar meia noite ter já fugido, mas devemos partir então. Vae aparelhar os cavallos que andam tanto como o pensamento e ninguem nos poderá alcançar; se fossemos nos que andam tanto como o vento, era máo, porque não andam tanto como os outros.»

Enganou-se o creado e aparelhou os cavallos que andavam tanto como o vento e Branca-flor sem reparar n'isso, partiu mais elle á hora que estava destinada.

Quando o rei foi ao quarto d'elles para os matar, viu que tinha sido logrado e então a rainha disse-lhe: — «Antes da madrugada não partas, porque estou sem o meu poder; mas logo que amanheça, manda aparelhar os cavallos que andam como o pensamento e eu farei com que tu alcances os fugitivos.»

Partiu o rei de madrugada e logo avistou os noivos muito ao longe e Branca-Flor tambem avistou seu pae e então disse a seu marido: — «Meu pae segue-nos, já o avisto ao longe; mas não te dê cuidado; os cavallos se transformem em terra, os arreios n'uma horta, eu numa alface muito repolhuda e tu serás o hortelão; meu pae ha de perguntar-te: viram por aqui Branca-Flor? e tu responderás: se quer alface é a 20 reis cada uma.»

No mesmo instante tudo se transformou como Branca-Flor tinha ordenado. Chegou o rei e perguntou ao hortelão por Branca-Flor e elle deu a resposta que ella lhe tinha ensinado. Renovou o rei a pergunta e o hortelão dando sempre a mesma resposta.

Caminhou o rei para deante sempre em busca dos fugitivos e estes, quando viram que elle já ia longe, transformaram-se outra vez no que eram e partiram, sempre correndo. Quando

iam já muito longe tornaram a avistar o rei e então disse Branca-Flor: — «Lá vejo outra vez o meu pae, mas não te dê cuidado isso; que os cavallos se transformem n'uma ermida; os arreios em altar, eu n'uma santa e tu serás o sachristão, que estarás á porta a tocar á missa.»

Logo tudo se transformou e o sacristão foi para a porta da ermida tocar á missa. Chegou o rei e perguntou: — «Viste por aqui Branca-Flor?» — «Se quer ouvir missa, estou a tocar a ella.» — «Não pergunto por missa, mas sim por Branca-Flor e por seu marido, que deviam ter passado por aqui a cavallo.» O sachristão respondia sempre o mesmo.

Entrou o rei na ermida; viu a santa e pareceu-lhe que ella se assemelhava a Branca-Flor, mas como nada mais soubesse partiu novamente em busca d'ella.

A ermida, o altar, a santa e o sachristão tornaram outra vez ao que eram e partiram correndo sempre com receio de serem encontrados. Mas o rei, que não descançava, avistou-os novamente e ella então disse ao marido: — «Que os cavallos se façam n'um mar, os arreios n'um barco, tu no barqueiro e eu serei uma tainha, que andarei saltando em volta do barco.»

Chegou o rei e perguntou ao barqueiro: — «Viste por aqui Branca-Flor? — «Se quer embarcar agora, é maré.» E a tainha sempre saltando, ora no bordo do barco, ora na agua.

Vendo o rei que nada tinha conseguido do que buscava, voltou para o palacio a contar tudo á rainha e esta disse-lhe: — «Olha, a horta que tu viste eram os cavallos e os arreios; o hortelão o teu genro e a alface Branca-Flor. A ermida, que viste, eram outra vez os cavallos, a santa Branca-Flor e o sachristão o marido d’ella. O barco, o barqueiro e a tainha eram tambem elles; mas eu vou já lá, pois agora estou com todos os meus poderes, que são maiores do que os da nossa filha e veremos como isto ha de ser.»

Foi a rainha á borda do mar e encontrou ainda tudo como o rei lhe tinha dito e então disse: — «Volte tudo ao que era e já que não posso mais sobre minha filha ordeno-lhe que se esqueça inteiramente de que é casada e que seu marido se esqueça tambem d’ella e que nunca mais se tornem a lembrar do que passaram.»

No mesmo instante tudo se cumpriu: esqueceram-se inteiramente um do outro. Branca-Flor voltou para a casa de seu pae e o marido foi correr terras. Passaram-se annos sem que se lembrassem mais um do outro e n’este tempo morreu a rainha e o rei, e Branca-Flor como se visse só resolveu casar-se. Estava já destinado o dia para a boda quando ao marido de Branca-Flor foram dizer o que estava succedendo e elle então começou a recordar-se do que tinha passado e resolveu partir para o palacio, onde Branca-Flor estava para casar.

No caminho encontrou um casal de pombas que lhe contaram mais por miudo tudo o que estava para succeder e se ofereceram para o auxiliar em tudo que elle precisasse.

Chegado que foi ao palacio de Branca-Flor, offereceu-se para creado e foi logo accete, pois como a princeza estava para casar precisava de creados.

Estavam já todos á mesa, principes, princezas e mais pessoas reaes que tinham sido convidados para assistir ao casamento e os noivos na cabeceira da mesa, ricamente vestidos e com muitas joias e brilhantes. O novo creado tinha preparado um grande bolo para a noiva e andava servindo á mesa; á sobremesa partiu-se o bolo e logo saíram de dentro um pombo e uma pomba que se foram banhar n'um vaso d'agua que estava no centro da mesa e depois de banhados collocaram-se ao lado de Branca-Flor e o pombo perguntou á pomba: — «Olha lá, não te lembras quando teu pae perdeu a coroa ao jogo e tu a ganhaste e depois vieram duas pombas e a roubaram? Respondeu a pomba: — «Não me lembra nada.» E assim o pombo foi recordando á pomba tudo quanto Branca-Flor tinha passado e mais o marido; e ao passo que a pomba dizia que se ia recordando, ia-se Branca-Flor recordando de tudo e no fim do jantar levantou-se da mesa e disse: — «Recordo-me de tudo e, se ainda vive meu marido que venha, pois só a elle quero.»

N'isto fugiram os pombos e o creado que andava a servir á mesa perguntou a Branca-Flor se o conhecia; ella então,

dando-lhe um abraço, disse: — «Só tu serás meu esposo e a coroa de meu pae, que tambem já te pertenceu, será outra vez tua, pois tu serás o rei d'estes estados.»

Retirou-se o segundo noivo de Branca-Flor muito triste, mas louvando a resolução d'ella.

(Coimbra.)



XV

O CREADO DO ESTRUJEITANTE^[1]

Era uma vez um rapaz que foi procurar amo. Chegou a uma casa onde lhe perguntaram se elle sabia lêr e tendo elle respondido que sim disseram-lhe que o não queriam. Foi a outra casa e tendo-lhe feito a mesma pergunta, respondeu que não e lá acceitaram-n'ó. O amo d'elle era um estrujeitante; de noite escrevia e o rapaz ia vendo o que elle escrevia sem que elle o suspeitasse.

Foi o amo uma occasião para fóra de casa e o rapaz leu-lhe todos os livros magicos por onde aprendeu a estrujeitar e foi depois d'isso para casa dos paes. Quando a mãe o viu, disse-lhe: — «Ai filho, tu vens tão magro!» — «Deixe-se estar, que eu ainda hei de engordar. Eu vou fazer-me em galgo e o meu pae leva-me á feira preso por uma fita, mas não venda a fita; traga-a, senão vende-me a mim.»

Foi á feira feito em galgo; juntaram-se muitos caçadores e compraram o galgo; queriam tambem comprar a fita, mas o pae não a vendeu e metteu-a no bolso.

Chegaram os caçadores, que compraram o galgo, a um monte e appareceu-lhe uma lebre; soltaram-lhe os cães todos mais o galgo; o galgo passou por um oiteirinho, desaparecendo da vista dos caçadores, fez-se em homem e seguiu para os caçadores, que lhe perguntaram: — «Ó homenzinho! viu passar por aqui um galgo?» — «Vi; vae

ahi adeante e tem pernas de prata.» — «Custou-nos tantas moedas.» — «Faça a tenção que ellas foram como dadas.»

Chegou o rapaz a casa e disse-lhe o pae: — «Ó filhinho tu tardaste tanto!» — «Escuite, meu pae, que eu já andei á lebre. Amanhã ha outra feira e eu hei de ir lá fingido n'um cavallo; venda o cavallo caro, mas não venda o freio, senão vende-me a mim.»

Foi o pae á feira; mas lá estava o amo que conheceu o rapaz no cavallo e o comprou por todo o dinheiro, teimando em levar o freio; juntou-se muita gente que ateimava que elle tinha comprado freio e cavallo, de modo que o pae não teve remedio senão deixar ir tambem o freio.

O amo entregou o cavallo a um moço e, apontando-lhe para uma certa fonte disse-lhe: — «Tu não me deixes chegar o cavallo áquelle fonte, senão eu mato-te.»

Não passava ninguem ao pé que não gabasse o cavallo; o cavallo queria beber, saltava muito e todos pediam ao rapaz que deixasse ir beber tão lindo animal. O cavallo assim que apanhou o rapaz descuidado saltou por cima d'elle e foi para a fonte e fingiu-se n'um peixe e metteu-se por a fonte dentro. Chegou o amo e não vendo o cavallo ficou muito zangado; ralhou muito com o rapaz; ajuntou-se gente que disse: — «Ele não teve culpa, porque o cavallo saltou por cima d'elle, fez-se n'um peixe e metteu-se por a fonte dentro.»

N'isto o amo fingiu-se n'uma lontra; metteu-se por a fonte dentro para comer o peixe; o peixe fingiu-se n'uma pomba e fugiu; a lontra fingiu-se n'um milhafre para comer a pomba; quando o milhafre ia quasi a apanhar a pomba ella viu umas senhoras n'uma janella, fez-se n'uma maçã e caiu na aba^[2] d'uma das senhoras. O milhafre fez-se em homem e começou a pedir a maçã ás senhoras. Ellas disseram-lhe que não lh'a davam, que aquella maçã tinha caido do céu. Então o homem disse para ellas: — «Oh minhas senhoras, deem-me essa maçã, que eu morro se não m'a derem.» E poz-se a chorar e tanto pediu que ellas iam a dar-lh'a; n'isto a maçã fingiu-se em painço e caiu-lhe d'entre as mãos. O estrujeitante fingiu-se n'uma gallinha de pintos para comer o painço e o painço juntou-se muito juntinho e formou-se n'uma raposa, que comeu a gallinha e os pintos. Depois d'isto fez-se em homem e foi para casa. Disse-lhe o pae: — «Ai filho, que demoraste tanto!» — «Olhe, meu pae, você podia ficar rico, mas mil forcas que eu tivesse poucas eram para o enforcar, porque você pela sua fraqueza de vender o freio foi a causa de eu vêr a morte muitas vezes ao pé de mim.»

(Ourilhe)

-
1. ↑ *Estrujeitante* por *estremeitante* (de *es* e *trejeitar*) é um nome popular no Minho dos magicos e principalmente dos que fazem transformações, visualidades; *estremeitar* no sentido de fazer *tours* de *passe-passe*

encontra-se já em D. Duarte, [Leal Conselheiro](#), c. 37: «E a estrollogia, nygrumancia, geomancia, e outras semelhantes sciencias, artes, sprimentos e sotilezas, de modo de *trejeitar* per sotilleza das mãos ou natural maneira não costumada, etc.»

2. ↑ Regaço

Notas do autor

XVI

A TORRE DE BABYLONIA

Era uma vez um pescador que tinha tres filhas. Um dia estando elle a tirar a rede do mar achou que ella vinha muito pesada, mas muito admirado ficou ao ver que ella só trazia um enorme peixe. Mais admirado ainda ficou quando ao tocar no peixe este lhe disse: — «Vae-me já buscar a tua filha mais velha, senão nunca mais tornarás a colher peixe e ficarás desgraçado toda a tua vida.»

Foi o pescador muito triste para casa e tendo contado isto á filha, ella aprontou-se logo para ir com o pae, pois não queria que elle ficasse desgraçado. Levou o pescador a filha ao peixe e nos outros dias quando ia pescar sempre lhe apparecia o mesmo peixe pedindo-lhe as outras duas filhas.

O peixe quando se viu de posse das tres raparigas deu grandes riquezas ao pescador e se alguma vez por distracção este deitava a rede ao mar, mais ninguem colhia peixe senão elle.

Passado algum tempo nasceu um filho ao pescador e cresceu e fez-se homem; desde creança que elle ouvira dizer que seu pae tinha vendido tres filhas e por isso estava rico. O rapaz foi ter com o pae e disse-lhe: — «Desde creança que tenho ouvido dizer que tive tres irmãs e que o pae as

vendeu a troco d'esta riqueza que possuímos.» Então o pae contou-lhe o que lhe tinha succedido e o rapaz disse que estava decidido a ir procural-as; de balde o pae o retirou do seu intento; elle teimou em ir.

Depois de ter caminhado muito, o acaso deparou-lhe tres rapazes que estavam ás bulhas e elle, mettendo-se no meio d'elles, perguntou-lhe a causa d'aquella desordem, ao que elles responderam: — «Nós somos irmãos e acabamos de perder nosso pae, que nos deixou por herança estas botas, esta manta e esta chave, e a contenda é porque todos queremos as botas.»

O filho do pescador perguntou-lhe para que serviam aquellas cousas, ao que elles responderam que as botas levavam quem as possuísse aonde desejasse ir; a manta, que em uma pessoa se mettendo debaixo d'ella, ficava invisivel; a chave, que servia em todas as fechaduras.

O rapaz propoz a venda d'aquelles objectos, ao que eles annuíram, recebendo logo muito dinheiro e terminando assim a contenda. O rapaz calçou logo as botas e disse: — «Botas, levae-me a casa da minha irmã mais velha.»

Dito e feito; atravessou o mar sem se molhar e viu um riquissimo palacio e logo lhe appareceu a irmã, que admirada de o ver lhe perguntou quem elle era e como ali tinha ido. — «Sou vosso irmão» — lhe respondeu elle.

«Mas eu não tinha irmãos.» — «Não tinhas irmão quando nosso pae te vendeu, pois eu nasci depois d'isso.»

Ella então mostrou-se muito contente de o ver, mas afflicta ao mesmo tempo e disse-lhe: — «Eu sou esposa do rei dos peixes e se elle quando vier aqui te encontrar é capaz de te matar.» — «Não te dê cuidado isso, minha irmã, pois eu cubro-me com esta manta e ninguem me verá.»

Chegado que foi o rei dos peixes, o qual entrou fazendo grande barulho, a rapariga contou-lhe que estivera ali um seu irmão, mas que ella o mandára esconder, com receio de que elle o matasse. Então o rei dos peixes disse-lhe que muito desejava conhecer o rapaz e que não lhe faria mal.

Appareceu o rapaz e o rei depois disse-lhe: — «Podes retirar-te e se te vires n'alguma afflicção diz: valha-me aqui o rei dos peixes.» Saiu o rapaz da casa da irmã e disse: — «Botas, levae-me a casa de minha irmã do meio.» Dito e feito. Lá deram-se os mesmos casos que em casa da outra irmã, com a differença que o marido d'esta era o rei dos leões do mar que chegou a casa com grandes rugidos e na despedida deu ao rapaz um grande robalo e disse-lhe: — «Quando te vires em afflicção chama por mim.»

Depois foi o rapaz a casa da irmã mais nova, que era mulher do rei dos passaros; lá deram-se os mesmos acontecimentos que nas casas das outras irmãs e na despedida deu o rei dos

passaros ao rapaz uma penna das suas azas, dizendo-lhe que quando se visse afflicto chamasse por elle.

O rapaz satisfeito por ver as irmãs e com muitas riquezas que ellas lhe tinham dado, dispunha-se a voltar á casa paterna; mas tendo-se perdido no caminho, depois de muito andar, avistou uma grande torre e perguntou que torre era aquella. Responderam-lhe:

É a torre de Babilonia;
Quem lá vae, lá fica e lá mora.»^[1]

O rapaz, cheio de curiosidade, disse ás botas: — «Levae-me áquella torre.» E no mesmo instante achou-se lá; mas qual não foi o seu espanto ao ver as immensas riquezas que enchiam as salas que eram tudo maravilhas!

Caminhou, caminhou por toda a parte até que encontrou uma linda menina que ficou contentissima de o ver e ao mesmo tempo apaixonada. O rapaz perguntou-lhe o que ella ali fazia, ao que a menina respondeu: — «Ha muito que eu estou encantada dentro d'esta torre, tendo por companhia um velho que está sempre a dar ais e tem bocados de tão horrivel soffrimento que faz despedaçar o coração.» Então o rapaz aconselhou a rapariga a que instasse com o velho para que elle lhe dissesse o motivo de tal soffrimento; o que ella logo fez, mas com grande medo. Então o velho, com muito mais medo, lhe respondeu: — «Conto-te tudo, porque vejo que te interessas por mim e porque sei que ninguem mais no

mundo pode penetrar n'esta torre. Há no mar um grande caixão que é a causa dos meus soffrimentos; quando lhe tocam, ainda mesmo que seja um pequeno peixe, são taes as dores que sinto que mais valia a morte e comtudo eu não quero morrer. Dentro d'esse caixão está um grande peixe; dentro do peixe está um leão; dentro do leão está um passaro; dentro do passaro está um ovo e esse ovo quebrado na minha testa dar-me-ia a morte, mas até que elle chegasse teria eu de soffrer tanto, tanto, que é isso o que me faz reccar morrer.»

Contou a rapariga tudo ao rapaz e elle tractou logo de procurar o tal caixão e tudo o mais que elle continha, valendo-se para isso dos maridos de suas irmãs. Para abrir o caixão serviu-se da chave que tinha comprado aos tres irmãos. Logo que se viu de posse do ovo, foi quebral-o na testa do velho, mas elle dava taes urros que faziam tremer ceo e terra.

Morto o velho, casou o rapaz com a menina e levou-a para a casa de seu pae; depois foi buscar as irmãs e ficaram vivendo todos muito ricos e muito felizes.

(Coimbra.)

-
1. ↑ Variante: Quem lá vae nunca de lá torna.

Notas do autor

XVII

A HERANÇA PATERNA

Era d'uma vez um pae que tinha dois filhos, dos quaes o mais novo lhe disse um dia: — «Meu pae, dê-me a minha tença, que eu quero ir correr terras a ver se junto fortuna.» Então o pae deu-lhe o que lhe pertencia da parte da mãe e elle partiu-se para longes terras. ^[1]

Passaram-se alguns tempos e o rapaz vendo que não juntava fortuna, antes ia gastando a sua tença, resolveu-se a voltar á casa paterna. Chegado á sua terra natal soube logo que seu pae havia fallecido e que seu irmão transformara a casa em um palacio onde vivia regaladamente. Então o rapaz foi ter com o irmão, contou-lhe a sua vida e o irmão respondeu-lhe: — «Eu nada te posso fazer, pois o nosso pae nada me deixou, e a ti deixou-te essa caixa velha, recommendando-me que não a abrisse.»

Recebeu o rapaz a herança paterna e partiu para outras terras; no caminho desejou ver o que continha a caixa e abriu-a; eis que lhe sae de dentro um pretinho, muito pequenino, que lhe diz: — «Mande, senhor.» — «Mando que me apresentes um palacio com tudo quanto lhe é dado, carruagens e lacaios para me servirem.»

Dito e feito; tudo appareceu como elle desejava. Vivia o rapaz muito feliz no seu palacio, que era muito mais bello que o do rei, quando um dia recebeu a noticia de que seu irmão o ia visitar. Foi o irmão recebido ali com grandes festas e elle então perguntou-lhe como é que em tão pouco tempo tinha arranjado tanta coisa. — «Foi a herança que me deixou o nosso pae.» — «Mas, retrocou o irmão, a tua herança foi uma caixa velha.» — «Foi o que tu dizes, na verdade; mas dentro d'essa caixa é que está o segredo.»

Então o irmão tractou de lhe roubar a caixa e, sem que elle dêsse por isso, saiu do palacio. Chegado á sua, terra abriu a caixa e logo o pretinho disse: — «Mande, senhor.» — «Mando que meu irmão fique sem o seu palacio e appareça mettido n'uma prisão e que o meu palacio se transforme n'um mil vezes melhor do que era o d'elle.»

Tudo assim se fez e elle disse mais ao pretinho: — «Ordeno que faças com que a filha do conde de tal case commigo e que eu fique com o titulo de conde.»

Cumpriu-se tudo como elle desejava e para não lhe roubarem a caixa trazia-a sempre comsigo e dormia com ella debaixo da cabeça.

Ora o irmão que estava preso tinha um cão e um gato que logo que souberam que o seu dono estava preso tractaram de ir ter com elle á prisão. Chegados lá souberam que o conde irmão do seu dono lhe tinha roubado a caixa e

cuidaram ambos de ir ao palacio d'elle para trazerem a caixa. Para esse fim fizeram um batel de casca de abobora, pois tinham de atravessar o mar.

Chegados ao palacio do conde souberam logo que elle dormia com a caixa debaixo da cabeça e então o cão disse ao gato: — «Eu metto-me debaixo da cama e tu vaes á cozinha molhar o rabo no vinagre e chegas com elle ao nariz do conde e, enquanto elle espirra, eu tiro a caixa e depois fugimos com ella.»

Assim fizeram, e logo que se acharam fóra do palacio embarcaram no batel e foram navegando; e então avistaram um navio de ratos que assim que os viram içaram bandeiras de guerra; mas elles que iam de paz, não fizeram mal aos ratos e contaram-lhe o motivo que ali os levava; então os ratos disseram; — «Se formos precisos ao seu serviço, aqui estamos.» — «Obrigados» responderam o cão e o gato.

Quando já estavam quasi no termo da viagem tiveram grande questão por causa de decidirem qual havia ir levar a caixa ao dono, e n'este dize tu, direi eu, deixaram cair a caixa ao mar. Então o cão todo afflicto disse: — «Valha-me aqui o rei dos peixes.» E logo appareceu um grande peixe que lhe disse: — «Aqui estou; dize o que queres.» — «Eu vinha em viagem mais o gato e traziamos uma caixa que nos caiu ao mar e só vossa magestade nos póde valer.» — «Eu não sei d'isso mas vou chamar os meus vassallos, pois talvez elles saibam.» Então vieram muitos peixes e uma

lagosta que trazia uma perna quebrada disse: — «Eu vi essa caixa, por signal que me cahiu sobre uma perna o m'a partiu.» O rei dos peixes ordenou-lhe que fosse buscar a caixa e deu-a ao cão e tanto este como o gato depois de mil agradecimentos partiram para a prisão do seu dono, resolvendo levarem ambos a caixa ás costas.

O dono ficou muito contente e abriu a caixa e disse ao pretinho: — «Quero desfeita esta prisão; quero um palacio em frente do de meu irmão e quero casar com a filha do rei.»

Tudo assim foi e elle então foi ter com o irmão e disse-lhe: — «Podia fazer-te muito mal, mas não quero; antes hei-de repartir contigo a minha riqueza e seremos d'hoje em diante muito amigos.»

Esquecia-me dizer que o cão e o gato tiveram colleiras d'ouro fino e pedras preciosas e morreram muito velhos.

(Coimbra.)

1. ↑ De *longe* faz o povo um adjectivo.

Notas do autor

XVIII

OS DOIS IRMÃOS

Eram d'uma vez dois irmãos que eram soldados d'um regimento francez, mas que eram tão maltratados que até fome passavam. Um dia disse o mais novo para o mais velho: — «Irmão, isto não se pode soffrer; é melhor nós fugirmos e irmos correr esse mundo de Christo.» Respondeu o mais velho: — «Não, que nos podem apanhar e matar-nos.» O mais novo, porém, não o quiz attender e um bello dia fugiu. Caminhou, caminhou sem encontrar que comer até que foi ter á porta d'uma grande quinta onde avistou um formoso pomar em que as laranjeiras vergavam ao peso das laranjas. Bateu á porta e tornou a bater e como lh'a não viessem abrir, resolveu-se a escalar o muro para ir comer laranjas. Como não lhe apparecesse ninguem, elle comeu a fartar e escondeu entre o fato as laranjas que ponde, para continuar a sua jornada; mas ao chegar ao muro por onde tinha entrado por mais esforços que fez não lhe foi possivel subir e ouviu uma voz que lhe dizia: — «Para fóra não, para dentro sim.» Elle respondeu: — «Se é pelas laranjas, ellas ahi ficam.» E dito isto, deitou no chão as laranjas que levava comsigo.

Passaram-se muitas horas e elle vendo que não conseguia sair foi passear pela quinta e então depararam-se-lhe

vistosos jardins, lindos pomares e verdes hortas.

Estava já cansado de tanto andar, até que chegou a um lindo palacio e entrou e foi dizendo: — «Com licença, com licença.» Ninguem lhe respondia. Afinal foi ter a uma sala onde encontrou uma linda menina que estava bordando. Elle desfez-se em desculpas e contou-lhe o que lhe tinha succedido; ella então respondeu-lhe que não tinha nada a desculpar, antes estimava muito vel-o e que se elle quizesse podia ficar n'aquelle palacio. Como se decidisse a ficar, ella levou-o a uma varanda e mostrou-lhe os jardins, hortas e pomares, e, como elle se mostrasse maravilhado de tudo quanto via, perguntou-lhe ella o que de tudo quanto tinha visto desde que entrava no palacio lhe tinha mais agradado. O rapaz, como a fome apertasse, respondeu que o que mais lhe agradava eram as couves que elle via na horta. Á ceia mandou a menina que lhe apresentassem na mesa um prato de couves e combinou com a criada que quando estivessem á mesa apagasse ella a luz. Estavam pois a menina e o rapaz para cear e a criada, fingindo que ia espivitar a luz apagou-a; então a menina levantou-se e disse: — «Cada qual se agarre á coisa de que mais gostar.» E o soldado agarrou-se ao prato das couves. A menina despeitada disse-lhe: — «Visto que gostaes tanto de couves é bem que eu vos mostre as que ainda não vistes.» E n'isto conduziu-o a uma varanda que deitava para um curral de porcos e deitou-o para lá.

Por mais que o pobre soldado pedisse á menina que o tirasse d'alli, ella não o quiz attender e lá o deixou até ao dia

seguinte.

O irmão mais velho do rapaz, quando deu pela falta d'elle, fugiu tambem; seguiu os mesmos caminhos que o irmão seguira e succederam-lhe as mesmas aventuras; quando, porém, a menina do palacio lhe disse que se agarrasse áquilo de que mais gostasse, elle agarrou-se a ella e disse-lhe que de tudo que vira no palacio e na quinta era ella que mais lhe agradára. Então a menina respondeu-lhe que estava encantada n'aquelle palacio até que lá fosse ter um homem que gostasse mais d'ella do que das riquezas que a cercavam; que era filha de um rei o qual determinára que houvesse umas justas para ella escolher entre os cavalleiros o que devia ser seu esposo e portando que se apresentasse elle muito bem vestido, que entre todos só o havia d'escolher a elle.

Á noite mandou a princeza preparar uma rica cama em um quarto fronteiro ao d'ella; mas elle quando ia para se deitar em vez de ir para o quarto que lhe destinaram foi para o da princeza. Esta quando lá o viu disse-lhe: — «Enganaste-te que não era este o quarto que te estava destinado, mas fica, pois vaes em breve ser meu esposo.» Depois contou-lhe o que succedera com o outro soldado e elle logo de madrugada pediu para o ir vêr e ao reconhecer o seu irmão pediu á princeza que lhe dêsse a liberdade o que ella fez, dando-lhe muitas riquezas e mandando-o que seguisse o seu caminho.

No dia seguinte disse ao seu escolhido que era preciso que elle saísse do palacio e que fosse para tal hospedaria, que em sendo o dia das justas o iria avisar, pois convinha que o rei seu pae não soubesse o que se tinha passado. Depois de se abraçarem, separaram-se.

O soldado foi ter á tal hospedaria e como a dona da casa tivesse uma filha muito linda e como ella percebesse que o soldado tinha muito dinheiro, taes artes empregaram para prender o rapaz na hospedaria que até lhe deram a beber agua com dormideiras a ponto que elle não podia acordar e dormia de noite e de dia.

Como se approximasse o dia das justas, a princeza foi procurar o soldado e responderam-lhe que estava a dormir. A princeza para não o acordar voltou no dia seguinte e deram-lhe a mesma resposta. Ella então foi ter ao quarto onde elle estava e escreveu-lhe no punho da camisa: — «Tal dia são as justas.» Elle quando acordou reparou no que estava escripto no punho da camisa, recordou-se do ajuste e levantou-se da meza sem attender ás donas da casa que lhe pediam que antes de partir bebesse uma gota d'agua.

Chegado o dia das justas, o soldado vestiu um fato mais rico ainda do que os dos fidalgos que iam ás justas; montou um rico cavallo e foi passear debaixo da janella da princeza, mas ella não o conheceu. Então o rei perguntou á princeza qual era o seu escolhido, ao que ella respondeu que o seu escolhido não apparecera.

Findas as justas, convidou o rei todos os cavalleiros para jantar. O soldado foi sentar-se perto da princeza, e mostrou-lhe a manga da camisa e então ella levantando-se disse, indicando o soldado: — «Eis aqui o escolhido do meu coração; é este o unico homem que me preferiu ás riquezas que me cercam.» Casaram e viveram no meio das maiores felicidades.

(Coimbra.)



XIX

A AFILHADA DE SANTO ANTONIO

Havia um pae que tinha muitos filhos a ponto de ser compadre de quasi toda a gente da sua terra, pois iam ser padrinhos dos filhos d'elle. Nasceu-lhe mais uma filha e elle foi por um caminho fóra na intenção de fallar ao primeiro homem que encontrasse para padrinho da menina. Succedeu que encontrasse um frade, que logo lhe disse que estava prompto a servir-o. Baptisou-se a menina e o padrinho poz-lhe o nome de Antonia e disse ao compadre: — «Educa a tua filha o melhor que poderes, pois quando ella tiver treze annos virei buscal-a para a collocar bem.»

Passaram-se os treze annos e o pae vendo que o padrinho não vinha buscar a filha resolveu mandal-a servir para uma casa e ia já caminho da cidade com ella quando lhe appareceu o padrinho e lhe disse: — «A tua filha vae servir para casa do rei, mas é preciso que ella de hoje em diante se chame Antonio em vez de Antonia e troque os seus vestidos por fato d'homem, pois de outra forma corre risco a sua formosura na casa do rei.» Assim se fez e Antonia foi para o serviço da rainha na qualidade de pagem. Então o padrinho disse-lhe: — «Porta-te bem sempre e quando te vires n'alguma afflicção diz: — Valha-me aqui o meu padrinho.»

Crescia Antonia em esperteza e formosura e todos no palacio julgaram que ella era rapaz. A rainha começou a agradar-se muito de seu pagem e vendo que elle não lhe correspondia tractou de metter muitas intrigas ao rei para ver se conseguia que este despedisse o pagem do seu serviço. Um dia foi ella dizer ao rei que Antonio tinha dito que era capaz de n'uma noite separar todo o joio da grande porção de trigo que estava nos campos pertencentes ao rei. Este chama Antonio e elle respondeu que tal não dissera mas que ia ver se era capaz d'essa empresa. Foi então para o campo e disse: — «Valha-me aqui meu padrinho.» Apareceu-lhe o padrinho e disselhe: — «Vae-te deitar socegada que pela manhã tudo estará prompto.» E assim foi.

Ficou o rei muito satisfeito e a rainha sentindo de cada vez mais paixão pelo pagem a ponto de lhe dizer que se elle não lhe correspondesse iria fazer com que o rei o mandasse embora do palacio. Antonia só respondeu : — «Faça vossa magestade o que quizer, eu não posso amal-a sem ser desleal ao meu rei.» Foi então a rainha ter com o rei e disse-lhe: — «Eu deitei ao mar o meu anel de brilhantes e Antonio disse que era capaz de o ir apanhar.» Foi Antonia á presença do rei e respondeu que tal não dissera, mas que iria ver se apanhava o anel. Então chamou pelo padrinho e logo elle lhe appareceu e lhe disse: — «Vae pescar e o primeiro peixe que apanhares abre-o e dentro estará o anel.» Antonio assim fez e levou o anel á rainha.

A rainha desesperada foi ter com o rei e disselhe: — «Antonio disse que era capaz de ir á moirama buscar a nossa filha que está captiva dos moiros.» Antonia disse ao rei que era capaz de lá ir. Partiu e no caminho disse: — «Valha-me aqui o meu padrinho. Então elle lhe appareceu e disse-lhe: — Vae, os guardas do castello onde está a princeza hão de estar a dormir quando tu chegares; tu entras, tiras a princeza e nada mau te acontecerá. Aqui tens esta verdasquinha; has de bater com ella tres vezes na princeza, a primeira á saída da moirama, a segunda no meio do caminho e a terceira á entrada do palacio.» Antonia fez tudo como o padrinho lhe ensinara e levou a princeza para o palacio. Ora a princeza era surda-muda e a rainha disse ao rei que Antonio dissera que era capaz de dar falla á princeza. Então o rei disse: — «Antonio se déres falla á princeza casarás com ella.» Elle então disse: — «Valha-me o meu padrinho.» Appareceu-lhe o padrinho e disselhe: — «Pergunta á princeza porque é que tu lhe bateste com a verdasca que eu te dei e elle te responderá.» Foi Antonio deante do rei e da rainha e perguntou á princeza:

— «Porque te dei com a verdasca
Á saída da moirama?
— «Foi porque a minha mãe
Tres vezes te levou á cama.»

— «Porque te dei com a verdasca
Quando vinhas no caminho?»

— «Foi porque Santo Antonio
É que era teu padrinho.»

— «Porque te dei com a verdasca
Á entrada do palacio?»

— «Querias que soubesse
Que és femea e não macho.»

O rei ficou encantado com taes maravilhas e sabendo quanto a rainha lhe era desleal não a quiz mais por mulher e casou com Antonia, que desde esse dia começou a usar os vestidos de rainha e foi sempre muito boa, pois Santo Antonio nunca deixou de a proteger.

(Coimbra)

MAIS VALE QUEM DEUS AJUDA QUE QUEM MUITO MADRUGA

Eram uma vez dois almocreves e iam a dizer um para o outro: — «Qual vale mais, quem Deus ajuda ou quem muito madruga?» Um dizia que era quem Deus ajudava, outro que era quem muito madrugava. Foram mais abaixo e encontraram o diabo a cavallo e perguntaram-lhe: — «Oh senhor! qual vale mais quem Deus ajuda ou quem cedo madruga?» O diabo respondeu: — «Quem cedo madruga.»

O almocreve que dizia que mais valia quem cedo madruga disse para o outro que lhe dêsse o burro com as fazendas que tinha apertado, mas este disse-lhe: — «Deixa-me ir mais abaixo.» Foram mais abaixo e encontraram um homem que lhe disse tambem que mais valia quem cedo madrugava; emfim ninguem lhe disse que mais vale quem Deus ajuda.

O almocreve tomou posso do que era do companheiro e este disse: — «Ai, senhor! Eu agora onde me heide ir recolher que estou aqui desamparado?» E n'isto foi para debaixo d'uns pinheiraes e disse: — «Agora amda não fico aqui; está acolá uma luzinha tão longe a reluzir; vou-me acolá ficar debaixo d'aquella casa.» Foi, mas o que encontrou foi uma

mina; metteu-se n'ella e vieram depois os diabos para cima da cima e disseram uns para os outros: — «Está alli um poço novo e andam lá ha um *ror* de tempo para tirar a agua a fazer barulho com picão e se pegassem e déssem no fundo uma pancada muito pequena, a agua saia logo toda como uma levada; e o dono dá quatro cruzados em prata a quem lhe fizer sair a agua. — Ai, está a filha do rei tão mal; está um ror de medicos á roda d'ella e não a curam; se se pegasse n'uma bacia de leite e se voltasse a princeza de pernas para o ar com a bocca na bacia sahia logo a cobra que ella tem, que lhe faz mal.»

O almocreve, que estava a observar, foi de manhã ter com o dono do poço; desceu ao fundo; deu a pancada e logo saiu a agua. Recebeu os quatro cruzados e foi-se para a terra do rei. Chegou á porta do palacio e disse aos criados que queria fallar ao rei. — «Então você que quer?» — «Digam lá ao rei que eu venho cá dar saude á princeza.» — «Estão lá um ror de medicos e não lhe dão saude e só você é que lhe hade dar saude!...» Mas emfim resolveram-se a ir dizer ao rei que estava ali aquelle homem. O rei chamou-o e elle foi lá acima e começou a apalpar a princeza como medico e mandou vir uma bacia de leite, e mandou pôr a princeza de pernas para o ar com a bocca na bacia de leite, e saiu-lhe de dentro uma cobra e a princeza ficou boa.

O rei tinha promettido dar a princeza a quem a curasse; perguntou ao almocreve se queria casar com ella ou se queria metade do rendimento do rei e um cavallo para andar

a cavallo; elle respondeu que queria dinheiro para ficar rico toda a sua vida. O rei assim o fez.

O almocreve depois encontrou o outro que lhe tinha ficado com o burro e elle disse-lhe: — «Ó homem, tu estás tão rico e eu estou tão pobre; tu de cada vez te augmentas mais.» — «Olha, faz como eu fiz; vae para aquelles pinheiraes; está lá uma mina; mette-te debaixo; hão de vir lá os diabos e escuta o que elles disserem.»

O homem assim fez. Os diabos vieram e disseram uns para os outros: — «Ai, que cheira aqui a folego vivo.» E n'isto vieram abaixo e bateram muita bordoadada no almocreve que morreu.

Foz do Douro.



JOÃO PEQUENITO

Havia n'outros tempos um homem que tinha tres filhos e como fossem muito pobres disse-lhe um dia: — «Meus filhos, é tempo de ir correr mundo em busca de fortuna, porque eu nada tenho que lhes deixar quando morrer.» Então os filhos despediram-se do pae e partiram-se para muito longe, indo ter á corte de um rei turco muito máo. Logo que ali chegaram pediram agasalho por aquella noite; o rei mandou-os entrar no palacio e como elle tinha tres filhas mandou que deitassem os tres rapazes nas camas das filhas e que lhes pousessem na cabeça umas carapuças de prata, que eram para quando ella estivessem a dormir lhe ir cortar as cabeças.

Lá pela noite adeante o rapaz mais novo que se chamava João Pequenito (appellido que lhe pozeram por elle ser muito baixinho) levantou-se e tirou a carapuça da cabeça e das cabeças dos irmãos; pôl-as nas cabeças das filhas do rei e fugiu do palacio e mais os irmãos, escapando assim á morte.

O rei turco, de noite, foi para matar os rapazes e matou as filhas, julgando serem elles que matava.

Quando os rapazes já iam muito longe, disse o João Pequenito: — «Agora é preciso separarmo-nos e cada qual busque a sua vida.» O João Pequenito foi ao palacio de certo rei e pediu para que o tomassem para creado; o rei nomeou-o seu jardineiro e elle de tal maneira se soube haver que o rei estimava-o mais que todos os outros creados. Entre estes começou a reinar muita inveja a pontos de irem dizer ao rei que o João Pequenito tinha dito que era capaz de ir furtar uma bolsa de moedas que o rei turco tinha debaixo da cabeceira. Chamou o rei o João Pequenito e disse-lhe o que os creados tinham dito e elle respondeu que sim, que iria e disse mais: — «Mande-me vossa magestade dar um navio para eu ir á corte do rei turco e verá de quanto eu sou capaz.»

Foi o João Pequenito; subiu pela parede do palacio do rei turco, entrou ela janella e quando o rei dormia tirou-lhe a bolsa debaixo do travesseiro e fugiu.

O papagaio do rei turco começou a gritar: — «Ó rei, olha que o João Pequenito leva a tua bolsa de moedas.» O rei foi vêr á janella, mas elle já ia longe; o rei ainda lhe perguntou: — «Tornarás cá, Pequenito?» — «Tornarei, tornarei.» E foi todo contente levar a bolsa ao rei seu amo.

Passados dias foram dizer ao rei que o João Pequenito dissera que era capaz de ir furtar a coberta de campainhas que o rei turco tinha na cama. De novo é o Pequenito interrogado e lá volta á corte do turco, furta a coberta e

foge. O papagaio do rei turco gritava: — «Oh rei, oh rei, olha o Pequenito que leva a tua coberta de campainhas.» O turco foi á janella e perguntou: — «Tornarás cá, Pequenito?» — «Tornarei, tornarei.» Chegou o Pequenito ao palacio do seu amo com a coberta e o rei de cada vez estava mais agradado d'elle por vêr a sua valentia.

De novo os creados foram dizer ao rei que o Pequenito dissera que era capaz de ir furtar o papagaio do rei turco. O Pequenito logo que isto soube apromptou-se e foi. Furtou o papagaio e este gritava pelo caminho: — «Aqui d'el-rei, que me levam furtado.» E o Pequenito gritava: — «Aqui d'el-rei, que furtado me levam.»

Chegado o Pequenito ao palacio, novos trabalhos o esperavam. Disseram ao rei que o Pequenito dissera que era capaz de furtar o rei turco e de o trazer para o palacio. Então o rei disse-lhe: — «Se tu fôres capaz de me trazer aqui o rei turco casarás com a princeza minha filha.» O Pequenito respondeu: — «Dê-me vossa magestade um exercito de homens e alguns navios e verá de quanto é capaz o Pequenito.»

Apromptou-se tudo e o Pequenito arranjou uma grande dorna e foi ao palacio do turco e quando elle estava a dormir envolveu-o na roupa da cama; desceu com elle pela janella, metteu-o na dorna e á frente do exercito lá o levou para a corte do rei seu amo. Este quiz logo que o Pequenito casasse com a sua filha; fizeram-se grandes festas e o

Pequenito mandou ir para o palacio o seu pae e irmãos, dando-lhe altos cargos na corte. E assim acaba esta historia de que

A certidão está em Tondella;

Quem quizer vá lá por ella.

(Coimbra.)



O HOMEM DA ESPADA DE VINTE QUINTAES

Era uma vez um homem e uma mulher e não tinham filho nem filha; a mulher já era velha e disse assim para o homem:

— Homem, nós não temos um filho para herdar o que nós temos.

E depois o homem disse assim:

— Tu, mulher, que queres? é vontade de Deus, que se lhe ha de fazer?

Deus deu-lhe um filho, mas elle crescia da noite para o dia e na primera noite que nasceu comeu dois pães molletes de pataco, a pontos que a mulher não tinha leite para crear o menino; compra (com sua licença) uma jumentinha para elle mammar. Chamavam-lhe o *Mamma-na-burra*.

Ella já não tinha mais que lhe dar que comer; o menino já tinha sete annos e disse ao pae que queria uma espada que tivesse vinte quintaes de ferro; o pae foi encommendal-a ao ferreiro; a espada no fim de dois mezes estava feita e o ferreiro disse que a fosse buscar e que levasse dois carros e

duas juntas de bois e depois então o pae mandou o filho buscar a espada; elle chegou ao ferreiro pediu a espada e diz o ferreiro assim:

— Que é dos bois e do carro?

— Não é preciso os carros, que eu pego n'ella.

O ferreiro apostou como elle não pegava na espada; se elle pegasse na espada o ferreiro devia dar a elle seis contos de reis e se elle não pegasse dar-lhe-hia o Mamma-na-burra outro tanto.

Elle foi pedir o dinheiro a um tio rico, que tinha, para depositar ao ferreiro; pegou na espada e andou com ella e o ferreiro perdeu assim a aposta.

Elle foi levar ao tio o dinheiro que lhe tinha pedido emprestado; o tio disse que o dêsse a sua mãe para os fins da vida d'ella. Elle chegou a casa do pae e deu-lhe quatro contos e ficou com dois e foi viajar terras e levava a espada.

Chegou a dois caminhos e viu um lavrador a lavar e perguntou-lhe que caminho havia de seguir e elle pegou no carro e nos bois e arado e tudo n'uma mão e foi ensinar-lhe o caminho.

E diz o moço assim para o lavrador:

— Vocemecê é tão valente! pega em tudo n'uma mão e vem-me ensinar o caminho.

— Sou valente, mas consta-me que ha um chamado Mamma-na-burra que é ainda mais valente que eu.

Mas o moço nunca lhe disse que era o Mamma-na-burra.

Elle foi indo, indo, e chegou a um pinheiral e viu um homem a deitar pinheiros abaixo; o homem já tinha oito pinheiros no chão e andava a botar mais quatro para fazer o feixe e diz-lhe elle:

— Você é tão valente que é preciso doze pinheiros para fazer o feixe para botar ás costas.

— Sou; mas consta-me que ha um chamada Mamma-na-Burra que ainda é mais forte que eu.

E elle disse-lhe se elle queria ir com elle que lhe dava oito vintens por dia.

Foram indo ambos e encontraram um homem a arrasar montanhas; cada vez que botava a enchada a terra arrincava tres carros. O Mamma-na-burra disse-lhe assim:

— Vós sois tão valente que botaes tres carros de terra abaixo.

— Sou; mas consta-me que ha um chamado Mamma-na-burra que ainda é mais forte que eu.

Depois elle disse-lhe o mesmo e foram andando todos tres e depois foram indo e encontraram umas casas no meio do caminho e perguntaram a uma mulher se ali havia alguem que dêsse dormidas. A mulher respondeu-lhe que estava ali uma casa, mas que quem lá entrava não tornava a sair. O Mamma-na-burra foi e bateu á porta e depois fallou-lhe uma mulher e disse-lhe — só se elles quizessem ir para a cozinha e elle foi.

A primeira noite ficou lá o Tomba-pinheiros e quando era meia noite, veiu o diabo pela chaminé abaixo e veiu lidar com o homem a ver se o podia matar para o levar para o inferno. E depois Tomba-pinheiros poudé mais que i demonio e este foi-se embora. Ao outro dia Tomba-pinheiros estava muito triste, mas não disse aos outros o que lhe tinha acontecido.

A segunda noite ficou lá o Arrasa-montanhas e o diabo tornou a vir e o Arrasa-montanhas poudé mais que elle e o diabo pegou, foi-se embora.

A terceira noite ficou o Mamma-na-burra; veiu o diabo pela chaminé abaixo e o Mamma-na-burra quando o viu disse:

— És tu?

E pegou na espada e traçou-o ao meio e o diabo metteu-se por uma rama abaixo e o Mamma-na-burra chegou pela manhã e disse para os outros:

— Havemos d'arrumar aquelle rama.

Arrumaram a rama e viram um poço fundo redondo; arranjam umas cordas e um cesto e uma campainha; primeiro foi o Tomba-pinheiros mettido no cesto e os outros a segurar na corda: chegou ao meio do poço e viu muitos bichos e não pode passar para baixo e tocou a campainha para os outros o içarem para cima.

Chegou acima e foi o Arrasa-montanhas e chegou ao meio do poço e viu muitos bichos e não pode tambem passar. Por fim disse o outro:

— Agora é que cá vae o Mamma-na-burra», dando-se só então a conhecer aos companheiros.

Chegou ao meio do poço e com a espada conseguiu passar para baixo; chegou lá abaixo e viu uma sala muito bonita e viu lá tres meninas encantadas e eram todas tres irmãs filhas d'um rei e ellas perguntaram-lhe:

— Menino, quem vos trouxe aqui?

E elle disse:

— Fui eu que quiz vir.

Disse uma:

— Vae-te embora, senão vem o meu encanto e mata-te.

Perguntou elle:

— O que é o teu encanto?

— É uma serpente.

— Não tem duvida.

Veio o encanto e disse á princeza:

— Tens cá carne humana.

— Não tenho.

O encanto entrou e o menino deu-lhe com a espada e matou a serpente. Elle desencantou a menina, que lhe deu um lenço marcado em todas as pontas com o nome d'ella. Elle metteu-a dentro do cesto, tocou a campainha e os companheiros içaram-na. Elle foi á segunda que tambem o mandou embora. Perguntou-lhe o que era o encanto d'ella e ella disse-lhe que era uma bicha. Veiu o encanto que perguntou se tinha carne humana e o Mamma-na-Burra matou-o. Ella deu-lhe uma maçã doirada e elle fêl-a tambem içar.

Depois foi á derradeira (princeza) e perguntou-lhe o que era o encanto d'ella e ella disse-lhe que era o diabo maioral. Quando o menino viu o demonio, disse:

— Oh! a ti mesmo é que eu cá queria.» Pegou na espada e cortou-lhe uma orelha fóra (ao diabo) e metteu-a no bolso e a menina passou-lhe a mão por cima do cabello e dourou-lhe o cabello e elle tocou a campainha para a guindarem.

Elle ficou sósinho dentro da casa e metteu uma pedra dentro do cesto e tocou para içarem e elles quando viram que estava o cesto no meio do poço deixaram-no cair, pensando que era o Mamma-na-burra. Elles fugiram com as tres princezas e elle trincou a orelha do demonio dentro do poço e o demonio appareceu-lhe e disse-lhe:

— Tu que queres?

— Quero que me botes lá em cima.

— Dá-me a orelha.

— Dou; põe-me lá em cima que eu dou-t'a.

O demonio pegou n'elle e pôl-o lá em cima do poço e o Mamma-na-burra não lhe deu a orelha. Avistou os outros dois muito longe a fugir com as princezas para o palacio. Pegou elle e seguiu atraz d'elles; não podia ir pelo caminho que todos lhe cobiçavam o cabello; foi a um matadouro onde se matavam bois; pediu uma bexiga de boi para metter

na cabeça e foi indo, indo, até a casa d'um lavrador defronte do palacio do rei; pediu que fazer e o lavrador deu-lhe que fazer.

O lavrador não tinha mais que lhe dar a fazer, nem mais que lhe dar a comer. N'um domingo tinha de haver uma corrida de cavallos á porta do palacio do rei; o demonio foi-lh'o dizer e elle disse-lhe que lhe aprontasse o melhor cavallo que houvesse e foi para a corrida sem ser convidado. Era o melhor cavalleiro que lá andava; perguntavam-lhe d'onde elle era e elle dizia que era um viajante que ia correr terras.

Convidaram-no de lhe fazer um circo de espadas e peças; se elle não obedecesse e não dissesse d'onde era que o matariam; o demonio soube-o e foi avisal-o e disse-lhe que elle que se livrasse das espadas que elle diabo o livrava do fogo.

O Mamma-na-burra não obedeceu a nada; o cavallo, que era o proprio diabo, pinchava por cima das espadas; e quando iam a atirar o fogo este não pegou, porque o diabo tinha-lhe ido mijar. Assim o Mamma-na-burra escapou. Pescaram para onde elle entrou; foi o rei convidal-o para jantar; o demonio disse-lhe que fosse e elle foi.

Quando entrou pelo palacio dentro as princezas viram-no da janella; ellas diziam sempre ao pae que não tinham sido aquelles homens que as tinham desencantado e depois começaram a dizer ao pae que aquelle homem é que as

tinha desencantado; disseram que lhe tinham dado prendas. O rei perguntou-lhe por ellas e elle mostrou-as todas tres e perguntou ás princezas se eram aquelles e ellas disseram que sim. O rei disse que escolhesse d'ellas a que quizesse e elle não escolheu; trincou a orelha ao demonio e o demonio appareceu-lhe e disse-lhe:

— Que queres?

E pediu-lhe a orelha.

— Dou-te a orelha, mas has de dizer-me qual d'ellas é que tem melhor genio.

E elle respondeu-lhe:

Leva-as todas tres para dentro e cá de fóra pede-lhe o dedo mendinho da mão direita pelo buraco da fechadura.» A que tivesse uma cova na cabeça do dedo era a que tinha melhor genio.

Elle assim fez; a primeira que veio era a que tinha a covinha e tinha sido a que lhe dourara o cabelo.

O rei perguntou-lhe o que queria que se fizesse aos outros dois.

— A um mandae-o deitar d'um poço abaixo; e ao outro andar em volta do jardim agarrado ao rabo (com licença) do

cavallo e um homem a chicotal-o até elle morrer.
«Acabou.»

(Foz do Douro.)



XXIII

COMADRE MORTE

Havia um homem que tinha tantos filhos, tantos que não havia ninguém na freguezia que não fosse compadre d'elle e vae a mulher teve mais um filho. Que havia do homem fazer? Foi por esses caminhos fóra a ver se encontrava alguém que convidasse para compadre. Encontrou um pobresito e perguntou-lhe se queria ser seu compadre d'elle.

— Quero; mas tu sabes quem eu sou?

— Eu sei lá; o que eu quero é alguém para padrinho do meu filho.

— Pois, olha, eu cá sou Deus.

— Já me não serves; porque tu dás a riqueza a uns e a pobreza a outros.

Foi mais adeante; e encontrou uma pobre e perguntou-lhe se queria ser comadre d'elle.

— Quero; mas sabes tu quem eu sou?

— Não sei.

— Pois, olha, eu cá sou a morte.

— És tu que me serves, porque tractas a todos por igual.

Fez-se o baptisado e depois disse a Morte ao homem:

— Já que tu me escolheste para comadre, quero-te fazer rico. Tu fazes de medico e vaes por essas terras curar doentes; tu entras e se vires que eu estou á cabeceira é signal que o doente não escapa e escusas de lhe dar remedio; mas se estiver aos pés é porque escapa; mas livra-te de querer curar aquelles a que eu estiver á cabeceira, porque te dou cabo da pelle.

Assim foi. O homem ia ás casas e se via a comadre á cabeceira dos doentes abanava as orelhas; mas se ella estava aos pés receitava o que lhe parecia. Vejam lá se elle não havia de ganhar fama e patacaria, que era uma cousa por maior! Mas vae uma vez foi a casa d'um doente muito rico e a Morte estava á cabeceira; abanou as orelhas; disseram-lhe que lhe davam tantos contos de reis se o livrasse da Morte e elle disse:

— Deixa estar que eu te arranjo, e pega no doente e muda-o com a cabeça para onde estavam os pés e elle escapa.

Quando ia para casa sae-lhe a comadre ao caminho:

— Venho buscar-te por aquella traição que me fizeste.

— Pois, então, deixa-me resar um padre nosso antes de morrer.

— Pois resa.

Mas ele resar; qual resou! Não resou nada e a Morte para não faltar á palavra foi-se sem elle.

Um dia o homem encontra a comadre que estava por morta n'um caminho; e elle lembrou-se do bem que ella lhe tinha feito e disse:

— Minha rica comadrinha, que estás aqui morta; deixa-me resar-te um padre nosso por tua alma.

Depois de acabar, a Morte levantou-se e disse:

— Pois já que resaste o padre nosso, vem commigo.

O homem era esperto; mas a Morte ainda era mais; pois não era?

(Villa Nova de Gaia.)



A CACHEIRINHA

Era de uma vez um homem, que tinha muitos filhos, e era muito pobre, e como não tivesse em que ganhar pão para lhes dar, foi para creado de certo rei, para ver se assim podia sustentar melhor os filhos. Ao fim de um anno de serviço disse elle ao rei. «Senhor peço que me deis a paga do meu serviço, pois quero ir viver com os meus filhos e mulher de quem estou separado ha um anno.» Então o rei disse-lhe: «Não te pago em dinheiro, mas leva essa mesa, e toda a vez que queiras comer dirás: põe-te mesa, e terás comer para ti e teus filhos.» Foi-se o homem muito contente e no caminho teve fome, e então disse: «Põe-te mesa e logo apparece a mesa com uma coberta de ricos manjares. Comeu o homem á farta, e dos sobrejos ainda repartiu com algumas pessoas pobres que encontrou no caminho. Como porém anoiteces-se, o homem foi pernoitar a uma estalajem, e á vista do estalajadeiro ordenou á mesa que se pozesse, e logo appareceram novamente ricos manjares. O estalajadeiro vendo isto, esperou que o homem estivesse dormindo, e trocou a mesa por outra igual no feitio, mas que não tinha o condão d'aquella.

Levantou-se o homem de madrugada pegou na mesa ás costas e foi para casa da mulher e dos filhos. Ao chegar ali

disse: «Meus queridos filhos e minha querida mulher, já não precisamos de trabalhar para comer, pois el-rei deu-me uma mesa que nos apresenta comer todas as vezes que eu quizer.» Então a mulher e os filhos, que estavam cheios de fome, disseram que lhes dêsse de comer; mas debalde o homem dizia: «Põe-te mesa, põe-te mesa,» que a mesa não se punha. Lembrou-se então elle que talvez o estalajadeiro lh'a tivesse trocado, e voltou á estalagem, mas elle negou e tornou a negar que tal não tinha feito. Foi-se o homem ter com o rei e contou-lhe o succedido. Então o rei deu-lhe uma peneira e disse-lhe: «Quando quizeres dinheiro dirás: peneira, peneirinha; cair-te-ha d'ella dinheiro em vez de farinha.» Foi-se o homem ainda mais contente do que da primeira vez, mas como fosse outra vez pernoitar á estalagem, e o estalajadeiro visse que elle tirava dinheiro da peneira, fez o mesmo que tinha feito á mesa; e o homem, ao chegar a casa viu que tinha sido novamente logrado. Voltou a queixar-se ao rei; e elle deu-lhe uma cacheirinha, e disse-lhe: «Vae á estalagem com esta cacheirinha, e diz: desanda cacheirinha, desanda cacheirinha, e em quanto o estalajadeiro não te der a mesa e a peneira, manda-a sempre desandar.» Foi o homem, e fez o que o rei lhe disse, e o estalajadeiro massado, com pancadas, deu a mesa e a peneira ao homem. Voltou este todo alegre e contente para sua casa com as tres prendas que lhe dera o rei. Quando os filhos, elle e a mulher tinham fome, logo tinham comer; quando precisavam de dinheiro tambem o tinham, e quando os filhos fazião alguma coisa malfeita tambem o pae mandava desandar a cacheirinha, e assim educou os filhos

muito bem, e quando elles chegaram a serem homens, foi offerecel-os ao rei, para irem servir a patria, e foram uns valentes soldados.

(Coimbra.)



CARNEIRINHO BRANCO

Havia uma rainha, que vivia muito desgostosa por não ter filhos; tinha ella muita devoção com uma Senhora da Encarnação que tinha no oratorio, e costumava muitas vezes ir pedir-lhe que lhe dêsse um filho, e dizia:

«Senhora da Encarnação;
Dae-me um filho
Ainda que seja um leão.»

Um dia que ella estava a uma janella viu passar um pastor com um rebanho de carneirinhos brancos; e foi para o seu oratorio pedir á Senhora:

«Dae-me um filhinho,
Senhora da Encarnação,
Ainda que seja um carneirinho.»

Passado algum tempo deu a rainha á luz um carneirinho branco, que logo que chegou á idade de dois annos disse á rainha. «Minha mãe eu quero casar com a filha do rei do conselho.» Respondeu-lhe a rainha: «Oh meu filho! pois tu, um carneirinho, queres casar?» «Quero sim, minha mãe». Depois transformou-se n'um principe e foi a casa d'um rei do conselho, e disse á que estava para ser sua esposa:

«Então a menina quer casar com um carneirinho?» Ao que ella respondeu: «Não tem duvida, que eu quando me for deitar, mato-o.» Casou o carneirinho com a filha mais velha do rei do conselho, e á noite quando se foi deitar, viu que ella tinha uma faca de baixo da cabeceira para o matar; e elle então tirou a faca e matou a menina.

Passado tempo tornou o carneirinho a dizer á mãe: «Minha mãe eu quero casar com a segunda filha do rei do conselho.» «Então tu filho queres casar outra vez?» Foi outra vez o carneirinho a casa do rei do conselho, e disse á que estava para ser sua esposa, o mesmo que tinha dito á irmã, e ella respondeu tambem: «Deixal-o, que eu mato-o.» Casaram, e succedeu o mesmo, que da primeira vez. Tornou outra vez o carneirinho a dier á mãe: «Eu quero casar com a filha mais nova do rei de conselho.» A mãe deu-lhe a mesma resposta que das outras vezes. Foi o carneirinho, outra vez transformado em um lindo principe, dizer á filha mais nova do rei do conselho: «Então a menina quer casar com um carneirinho?» Ao que ella respondeu: «Deixal-o; é Deus que m'o dá.»

Ora o carneirinho branco, era nem mais nem menos do que um principe encantado, e para se transformar em principe despia sempre sete pelles; na noite em que se casou pela terceira vez despiu tambem as sete pelles, e disse á menina, que elle era um principe encantado, mas que ninguem tal sabia, nem mesmo sua propria mãe, e que não dissesse ella nada d'isto a ninguem. A menina ficou muito contente, e

não se pode conter sem que n'outro dia fosse dizer á mãe do carneirinho, que seu filho era um principe encantado. Á noite quando se foi deitar, disse-lhe elle: «Recommendei-te que não disseses que eu era um principe, e tu fostes dizel-o; tinha-se acabado o meu encanto, e tu fizeste com que eu tenha de andar mais sete annos encantado: eu agora vou-me embora para o rio Sul, e tu irás procurar-me.»

Foi-se o carneirinho embora, e a menina, e a mãe d'elle ficaram muito tristes. Passados alguns dias saiu a menina do palacio para ir procurar o carneirinho; e depois de ter andado muito foi ter ao reino da Lua. Tendo ali chegado perguntou á mãe da Lua, se ella lhe saberia dar noticia de um carneirinho branco, assim e assim. Respondeu-lhe ella, que não sabia, mas que se mettesse ella n'aquelle buraquinho, mas que não o fizesse maior, até que viesse sua filha. Chegada a Lua perguntou-lhe a mãe se ella dava noticia do carneirinho branco; ella respondeu que não sabia d'elle, mas que talvez, o Vento, ou o Sol soubessem. Caminhou a menina até chegar a casa do Vento, mas succedeu-lhe o mesmo, que em casa da Lua. Foi a casa do Sol, e a mesma coisa. Já se iam passando os sete annos, e a menina ia perdendo a esperanza de encontrar o carneirinho, quando lhe appareceu uma velhinha, e lhe perguntou, o que ella andava fazendo por ali. A menina respondeu que andava em procura do seu esposo, que era um carneirinho branco, e elle tinha partido havia sete annos para o rio Sul, mas que ella não o podia encontrar. Então a velha indicando-lhe uma grande porta disse-lhe: «Aquella porta

vae ter ao rio Sul; a menina entre e logo verá muitos passarinhos; aquelle que vier deitar-se a seus pés, esse é o carneirinho branco.»

Foi a menina, e viu muitos passarinhos, e logo veiu um e deitou-se aos pés d'ella, e começou a picar-lh'os. Então a menina disse-lhe: «Tu és o carneirinho branco?» Elle então transformou-se em um principe, e foi com a menina para o palacio de sua mãe; acabou-se o encanto, e viveram muito felizes.

(Coimbra.)



O COLHEREIRO

Houve n'outros tempos um colhereiro que tinha por costume ir a uma mata muito longe da sua casa para apanhar madeira para fazer colheres.

Certo dia que elle estava cortando um pedaço a um castanheiro muito antigo, notou que no tronco havia um grande buraco. Cheio de curiosidade, o colhereiro, quiz ver o que havia dentro, mas mal tinha entrado quando lhe appareceu um mouro encantado; e com voz medonha lhe disse: «Já que te atreveste a penetrar no meu palacio, ordeno-te que me tragas aqui a primeira coisa que te apparecer ao chegares a tua casa, e se não cumprires fica certo que morrerás dentro em tres dias.» Foi-se o colhereiro para sua casa, aonde tinha tres filhas muito lindas, e uma cadellinha que sempre o vinha esperar á entrada da porta.

N'esse dia, porém, contra o seu costume quem lhe appareceu á entrada da porta foi a filha mais velha. Então elle, chorando, contou á filha tudo o que lhe tinha succedido, e pediu-lhe que fosse ella, senão que o mouro o mataria e ficava ella e as irmãs sem amparo.

A filha aprontou-se logo para ir e depois de ter abraçado as irmãs partiu para o palacio do mouro. Deixamos agora o colhereiro com as duas filhas, e vamos ver o que faz o mouro á outra filha. Logo que ella chegou deu-lhe as chaves de todas as salas do palacio, e deitou-lhe ao pescoço um cordão de ouro fino com a chave d'uma sala, prohibindo-a de entrar n'ella, pois se lá fosse morreria. Um dia em que o mouro tinha saido a infeliz rapariga cheia de curiosidade quiz ver o que estava na tal sala, entrou e viu muita gente com as cabeças cortadas; ella, toda horrorizada fechou a porta e poz outra vez a chave ao pescoço; mas o mouro quando voltou ao palacio foi ver a dita chave e viu que ella tinha uma mancha de sangue. Então, sem dar uma só palavra, cortou a cabeça á pobre rapariga, e foi deital-a na mesma sala aonde ella tinha entrado. Voltando ao colhereiro sabereis que elle foi ter com o mouro para que lhe dêsse noticias da filha, e elle lhe respondeu:» Vai buscar a tua filha do meio para vir fazer companhia á que cá está, pois ella anda muito triste com saudades d'ella. Trouxe o colhereiro a filha, e a ella succedeu-lhe o mesmo que tinha succedido á sua irmã. Restava ao colhereiro só a filha mais nova, mas como o mouro lhe ordenasse que lh'a levasse tambem, levou-lh'a. Logo que ella chegou, o mouro fez-lhe as mesmas recommendações que tinha feito ás outras irmãs.

A rapariga entrou na sala dos mortos e viu as irmãs degoladas, mas notou que ellas ainda estavam quentes e teve desejos de as tornar á vida. Na mesma sala havia um armario contendo pucarinhos com o sangue dos mortos;

então ella vendo dois pucarinhos com o nome das irmãs, pegou nas cabeças d'ellas, juntou-lh'as aos corpos e despejou-lhe o sangue no pescoço; e logo as irmãs tornaram á vida. Depois recommendou-lhe que não fallassem que ella havia de arranjar meio de as mandar para casa do pae. As irmãs recommendaram-lhe que limpasse a chave para o mouro não saber o que ella tinha feito. Voltou o mouro a casa e de nada desconfiou, e começou então a amar muito a rapariga a pontos de se deixar dominar por ella. Um dia pediu-lhe ella que fosse elle levar uma barrica de assucar ao seu pae, pois estava muito pobre; o mouro disse logo que sim. Ella então metteu uma das irmãs dentro da barrica, e disse ao mouro que fosse depressa, que não parasse no caminho que ella o ia ver do mirante.

O mouro partiu, e ella ordenou á irmã que fosse dizendo pelo caminho estas palavras: «Eu bem te vejo,» para o mouro julgar que era ella que lhe falava do mirante. A rapariga dizia: «Eu bem te vejo, eu bem te vejo,» e o mouro respondia: «lindos olhos que tanto vedes; correr, correr...» e corria, corria até que chegou a casa do pae; largou a barrica e voltou para o palacio. Passado dias quiz a rapariga mandar outra barrica ao pae, e da mesma fórma mandou a outra irmã. Restava só ella; ora isso era mais difficil; mas como era muito esperta, de que se havia de lembrar! Fez uma boneca de palha, vestiu-lhe os seus vestidos, pôl-a no mirante; metteu-se na barrica, depois de ter dito ao mouro, que fosse depressa, que ella ia vel-o do mirante. Pelo caminho foi sempre dizendo: «Eu bem te vejo, eu bem te

vejo.» «Lindos olhos que tanto vêdes; correr, correr.» Assim voltaram as filhas todas para casa do seu pae; e o mouro voltou ao palacio e foi-se abraçar á boneca de palha julgando ser a rapariga, e caiu do mirante abaixo morrendo logo rebentado; o palacio e o castanheiro desapareceram, pois tudo era obra de encanto.

(Coimbra.)



XXVII

O CONDE ENCANTADO

Uma avó tinha uma neta a quem queria muito mal, e um dia disse-lhe que a havia de queimar em vida; e mandou-a buscar lenha para aquecer o forno. A menina foi, muito triste, e em vez de apanhar a lenha foi caminhando, caminhando, até que avistou um palacio; aproximou-se d'elle e bateu; depois appareceu-lhe um conde, e perguntou-lhe o que ella queria: a menina respondeu, que ia ver se a queria para criada, o conde respondeu que sim. Vivia a menina muito feliz no palacio; até que elle disse-lhe um dia que se sentia muito doente, e por isso que ia para casa de sua mãe para se tractar; que de vez em quando a viria visitar, mas que era preciso que ella possesse na janella uma bacia com agua para elle se lavar, e uma toalha para se limpar; e recomendou muito á menina que não chegasse á janella porque podia passar algum homem da terra d'ella e ir dizer á avó que a tinha visto. Punha a menina a toalha todos os dias na janella, e o conde vinha transformado em passarinho; lavava-se na agua e entrava em casa, apparecendo á menina já transformado outra vez em homem.

Um dia a menina ficou mais um bocado á janella, e n'isto passou um homem da terra d'ella, e viu-a e foi contar á avó

da menina, que a tinha visto, e que ella tinha na janella uma bacia com agua, e uma toalha. Então a avó disse ao homem que fosse elle deitar no fundo da bacia, uma roda de navalhas bem afiadas, mas que a neta não percebesse. Foi o homem lá pôr as navalhas; e quando o passarinho se foi lavar na agua, cortou-se todo nas navalhas, e limpou-se á toalha deixando-a toda ensanguentada; depois foi-se embora sem apparecer á menina. Passaram-se muitos dias sem a menina ter noticia do conde, e como ella visse a roda das navalhas na bacia, e o sangue na toalha, andava muito triste por se lembrar que o conde teria morrido. Finalmente o conde mandou por um creado dizer á menina que estava muito doente, e que era preciso que ella o fosse ver, mas que levasse uns figados de rolas, para com elles o curar. Partiu a menina sosinha por esses caminhos, pois a casa da mãe do conde ficava muito longe d'aquelles sitios; e quando anoiteceu deitou-se debaixo d'uma arvore, esperando que apparecesse alguma rola para lhe tirar os figados. Quando amanheceu já a menina tinha apanhado algumas, e depois foi pedir a um pastor que lhe ensinasse o caminho para o palacio da mãe do conde.

Chegada ali pisou os figados das rolas em um almofariz, e começou a tractar o conde com elles, de forma que em pouco tempo já elle estava bom. Então o conde disse á mae, que queria casar com a menina pois só ella tinha feito com que acabasse o seu encanto, pois nunca tinham conseguido arranjar os figados de rolas para o curarem. Casaram e tiveram muita fortuna.

(Coimbra.)



XXVIII

OS MENINOS PERDIDOS

Um pae tinha um filho e uma filha, e costumava mandal-os ao mato buscar lenha: um dia os meninos foram e perderam-se no caminho. Depois de terem caminhado muito, avistaram uma luz; foram-se aproximando, e viram junto da luz uma casa; entraram, e viram uma bruxa, que estava fritando filhozes; a bruxa tinha só um olho, no meio da testa, e por isso não viu logo os meninos. Ora os meninos como iam com muita fome, tiraram com muito geitinho as filhozes, e a bruxa, julgando ser o gato que as tirava, dizia:

«Sape, gato lambião;

logo te dou teu quinhão.»

E continuava a fritar; e os meninos vendo o engano da bruxa, deram uma gargalhada. Ella então olhou para elles e disse:

«Sois vós meus meninos? vinde cá, vinde cá,» e pegou nos meninos, e metteu-os dentro de uma arca de castanhas recomendando-lhe que comessem bastante até estarem bem gordinhos. Os meninos iam comendo as castanhas, e a

bruxa disse-lhe um dia: «Mettei o dedinho dinho pelo buraco da fechadura para eu ver se já estaes gordinhos. Os meninos em vez de metterem os dedinhos, metteram um rabo de um ratito que tinham achado na arca. A bruxa disse ao vel-o: «Ainda estaes muito magrinhos; continue a comer.» Passado tempo tornou outra vez a dizer aos meninos que deixassem ver os dedinhos, e elles já não tiveram remedio senão mostrar-lh'os, pois já não tinham o rabo do rato. Então a bruxa disse-lhe. «Agora já podeis sair da arca, pois já estaes bem gordinhos.» Depois disse aos meninos que fossem buscar lenha para aquecer o forno; e deu-lhe um pão, recommendando-lhe que comessem só o miolo, mas que não o partissem; deu-lhe tambem uma cabaça de vinho, dizendo-lhe que o bebessem sem lhe tirar a rolha; deu-lhe mais dois punhados de tremoços, dizendo-lhe, que os comessem e deitassem as cascas pelo caminho, para depois se guiarem por ellas quando voltassem para casa. Partiram os meninos para o mato; e no caminho encontraram uma velhinha, que lhe perguntou para onde elles iam. Os meninos contaram-lhe tudo que lhes tinha succedido, e disseram-lhe que tinham fome, mas que não sabiam como haviam de comer o pão sem o partir. Então a velhinha, fez-lhe um buraquinho no pão, tirou o miolo e deu-o aos meninos; depois fez tambem um buraquinho na cabaça para os meninos beberem o vinho, e disse-lhes, que fossem apanhar a lenha, que ella os esperava no caminho. Voltaram os meninos do mato, e encontraram outra vez a velhinha que lhes disse: «Meus meninos, a bruxa vae aquecer o forno para vos assar; ella ha-de dizer-vos que

danseis na pá, e vós haveis dizer-lhe: dansae vós primeiro que é para nós aprendermos; depois ella dansará, e vós, direis: Valha-me Nossa Senhora, e São José, e deitae-a no forno. Levaram os meninos a lenha; a bruxa aqueceu o forno, e disse aos meninos: «Dansae aqui na pá.» «Dansae vós primeiro para nós aprendermos.» A bruxa poz-se a dançar na pá, e os meninos disseram: «Valha-nos Nossa Senhora, e São José,» e deitaram a bruxa para dentro do forno.

A bruxa deu um grande estoiro e morreu, e os meninos voltaram para casa de seu pae, e levaram o dinheiro que a bruxa tinha em casa.

(Coimbra.)



XXIX

A BELLA-MENINA

Era um homem; vivia n'uma cidade e trazia navegações no mar, e depois foi elle e deu em decadencia por se lhe perderem as navegações. Elle teve o seu pesar e não podia viver com aquella decencia com que vivia no povoado e tinha umas terrinhas na aldeia e disse-lhes para a mulher e para as filhas: «Não temos remedio senão irmos para as nossas terrinhas; se vivemos com menos decencia que até aqui somos pregoados dos nossos inimigos.»

A mulher e uma filha acceitaram, mas as outras duas filhas começaram a chorar muito. E depois foram. A que tinha ido de sua vontade era a mais nova e chamava-se Bella-menina; cantava muito e era a que cozinhava e ia buscar herva para o gado, de pés descalços; as outras mettiam-se no quarto e não faziam senão chorar. Quando o pae ia para alguma parte, as mais velhas sempre lhe pediam que lhe trouxesse alguma cousa e a mais nova não lhe pedia nada. Vai n'isto veiu-lhe uma carta d'um amigo dizendo que as navegações que vinham ahi, que tiveram noticia e que fosse vel-as.

O homem caminhou mais um creado saber das taes navegações; quando saiu, disseram as suas filhas mais velhas que se as navegações fossem as d'elle lhes levasse

algumas cousas que lhe declararam. E elle disse á mais nova. «Ora todas me pedem que lhe traga alguma cousa, só tu não me pedes nada?» «Vou pedir-lhe tambem uma cousa; onde o meu pae vir o mais bello jardim, traga me a mais bella flôr que lá houver.» O pae foi e chegou a uma cidade e reconheceu que as navegações não eram d'elle e foi-se embora com a bolsa vasia. Chegou a um monte e anouteceu-lhe; elle viu uma luz e dirigiu-se para ella a ver se encontrava quem o acolhesse. Chegou lá e viu uma casa grande e estropeou á porta; não lhe fallaram; tornou a estropear; não lhe fallaram. E disse ao moço: «Vae ahi por o portal de baixo ver se vêes alguem.» O moço foi e voltou: «Vejo lá muitas luzes dentro e cavallos a comer e penso para lhe botar; mas não vejo ninguem.»

Então o homem mandou metter o cavallo na cavalhariça e entraram para a cozinha. Acharam lá que comer e como a fome não era pequena, foram comendo muito. E n'isto ahi vem por essa casa adeante uma cousa fazendo um grande arruido, assim como umas cadeias que vinham a rastos pela casa adeante e depois chegou ao pé d'elles um bicho de rastos e disse-lhes: «Boas noites.» E elles puzeram-se a pé com medo, e disseram-lhe: «Nós viemos aqui por não acharmos abrigo nem que comer n'outra parte; mas não vimos fazer mal a ninguem.» «Deixai-vos estar e comei.» Demorou-se um pouco o bicho e disse-lhes: «Ora ide-vos deitar que eu tambem cá vou para o meu curral.» E começou-se a arrastar pela cozinha e foi. Ao outro dia o homem foi ao jardim que era o mais bello que tinha visto e

disse: «Já que não posso levar nada para as minhas filhas mais velhas, quero ao menos levar a flor para a Bella-menina...» Estava a cortar a flor e n'isto o bicho salta-lhe: «Ah ladrão! Depois de t'eu acolher em minha casa, tu vens-me colher o meu sustento, que eu não me sustento senão em rosas.» E elle disse: «Eu fiz mal, fiz; mas eu tenho lá uma filha que me pediu que lhe levasse a mais bella flor que eu visse na viagem, e não podendo levar nada ás outras filhas, queria ao menos levar a flor; mas se a quereis ella ahi fica.» «Não, levae-a e se me trouxerdes cá essa filha, ficaes ricos.» O homem caminhou e chegou a casa muito apaixonado por não trazer nada ás outras filhas e não achar as navegações e pegou na flor e deu-a á Bella-menina.

A filha assim que viu a flor disse: «Oh que bella flor! aonde a achou meu pae?» O pae contou-lhe o que vira e a filha disse: «Oh meu pae eu quero ir ver.» «Olha que o bicho falla e disse tambem que te queria ver.» «Pois vamos.» E foram. A filha assim que viu o tal bicho disse: «Oh pae eu quero cá ficar com este bicho, que elle é muito bonito.» O pae teve a sua penna, mas deixou-a. Passado algum tempo, ella disse: «Oh meu bichinho! tu não me deixas ir ver os meus paes?» E elle disse-lhe. «Não; tu não vaes lá por ora; teu pae vem cá.» O pae veiu e disse ao bicho: «Eu queria levar a rapariga.» «Não me leves d'aqui a rapariga, senão eu morro e tu vae ali áquella porta e abre-a e leva d'alli a riqueza que tu quizeres e casa as tuas filhas.» O homem que mais quis?

Um dia o bicho disse á Bella-menina: «A tua irmã mais velha lá vem de se receber; tu queres vel-a?» «Quero.» «Vae ali e abre aquella porta.» Ella foi e viu vir a irmã com o noivo e os paes. «Agora deixa-me ir ver o meu cunhado.» «Eu deixava, deixava; mas tu não tornas.» «Torno; dá-me só tres dias que eu em dia e meio chego lá e torno cá n'outro dia e meio.» «Se não vieres n'estes tres dias, quando voltares achas-me morto.» Ella foi; no fim dos tres dias ella veio, mas tardou mais um pouquito que os tres dias; ella foi ao jardim e viu-o deitado como morto. Chegou ao pé d'elle: «Ai meu bichinho!» e começou a chorar. Elle caiu e ella disse: «Coitadinho está morto; vou dar-lhe um beijinho.» e deu-lhe um beijo, mas o bicho fez-se n'um bello rapaz. Era um principe encantado que ali estava e que casou com ela.

(Ourilhe.)

JOÃO MANDRIÃO

Era uma vez uma mãe que tinha um filho que tinha quinze annos e ainda andava ao collo; até que lhe botaram o nome de João Mandrião. Passaram lá uns poucos de rapazes e convidaram-no para elle ir á lenha; elle disse que sim, que se elles o levassem a cavallo que ia; elles pegaram, e levaram-no ás costas. Chegaram ao pinheiral, mandaram-no apanhar lenha e elles foram apanhar a d'elles; chegaram ao pé de João Mandrião, ainda estava sentado no mesmo sitio; foram-lhe apanhar o feixe a elle; elle poz-se de escachaperna em cima do feixe da lenha e disse-lhes: «Se vós me levardes ás costas, eu vou para casa.» Deixaram-no ficar e depois foram por casa dizer á mãe que o tinham deixado ficar; elle esteve lá tres noites e tres dias. Estava um ribeiro d'agua ao pé d'elle; saltou um peixinho acima dos joelhos d'elle; não fez caso do peixe; tornou o peixe para a agua; depois tornou o peixe a saltar acima dos joelhos d'elle a ver se elle lhe pegava. O peixe disse-lhe: «João, pelo bem e amor que Deus te deu, pega em mim e bota-me á agua e assim que quizeres alguma cousa, com a tua mão direita meio fechada pede-me e diz: peixinho, pelo poder e bem que Deus te deu, pega em mim e põe-me aqui ou acolá ou dá-me isto ou aquillo, que eu tudo te faço.» Elle pediu ao peixe que pegasse n'elle em cima do feixe e que o levasse

para casa. Depois o feixe começou a andar com elle em cima. Em antes d'elle chegar a casa, estava um palacio e estava a princeza á janella e elle disse assim: «Peixinho, pelo poder e amor que Deus te deu quero que aquella princeza tenha um filho meu, sem eu ter contracto com ella.» Ao fim de nove mezes a princeza teve um menino com a mão direita fechada; o rei admirou-se por a filha ter o menino; correu tudo quanto havia por mor de saber de quem era aquelle filhinho e como não achou ninguem que lh'o dissesse foi chamado o João Mandrião. O creado chegou á porta do João Mandrião, bateu e elle perguntou quem era e o creado disse que era o rei que o mandava chamar e o João Mandrião disse: «Moço de rei em casa de João Mandrião grande novidade é; sim, se tu me lebares a cavallo, vou.» Chegou o cavallo e o creado disse: «João, monta-te a cavallo!» «Se tu me lebares ao collo, eu monto.» O creado levou-o ao collo para o cavallo. Chegou á porta do rei e o creado disse-lhe: «João, agora anda cá acima ao senhor rei.» «Se me lebares ao collo pelas escadas acima, vou.» O creado não teve remedio senão leval-o ao collo. O rei disse: «Eu quero que tu me digas aquelle menino de quem é filho e o que elle tem na mão direita fechada.» Elle disse assim: «Peixinho, pelo poder e amor que Deus te deu, quero que abras a mão áquelle menino.» O menino abriu a mão e tinha lá um papel que dizia: «O meu pae será o João Mandrião.» O rei viu aquillo e mandou fazer um tonel de madeira para os metter a todos dentro, o João Mandrião, a filha e o neto. A rainha deu uma saquinha de biscoitos á filha para dar ao menino pelo mar e depois então o rei

mandou accender uma corveta de fogo e mandou-os deitar nas alturas da India. A saquinha de biscoitos, quando a princeza ia para dar ao menino um biscoito, o João Mandrião, tiravalhe o biscoito; ella disse: «Deixa, que este biscoito é para o menino; nós somos grandes, podemos passar.» «Menino por menino, menino sou eu.» Quando o João Mandrião viu que estava sobre as aguas do mar, pediu ao peixinho que o deitasse em secco, na praia; depois pediu ao peixe que destapasse o tonnel, e lhe dêsse uma roupa por'mor d'elle se vestir. Elle disse para a princeza: «Fica aqui, que eu vou buscar um carro e roupa por'mor de tu ires.» Elle foi e a princeza começou de declamar a sua sorte, pensando que elle ia e não a vinha buscar; elle quando viu que estava ao pé do palacio do pae da princeza, viu um largo e disse assim: «Peixinho, pelo poder que e amor Deus te deu quero que me aqui presentes immediatamente um palacio e um carro e roupa para eu ir buscar a princeza.» E chegou com ella ao palacio e elle tinha pedido que o peixinho pozesse á porta o nome d'elle que era o dono do palacio. O rei ia um dia a passear e leu o letreiro do palacio e disse: «João Mandrião! eu é que o impuz; aqui não havia outro; quem será?» Pediu licença ao guarda do palacio do João Mandrião, se o deixavam lá ir passear; o guarda disse-o ao João Mandrião e este mandou-o logo entrar; mas o rei não o conheceu e elle conheceu este. O João Mandrião foi mostrar-lhe o palacio até que lhe mostrou uma maceira com sete maçãs d'ouro; o João Mandrião contou sete maçãs deante do rei; deu uma volta e tornou a vir contar e contou só 6; foi ver os bolsos dos hortelãos todos e depois foi ao

bolso do rei e achou lá a maçã d'ouro que faltava; mandou-o prender; esteve oito dias na cadeia; ao fim de oito dias foi lá o João Mandrião, a princeza e a rainha e o João Mandrião, disse assim: «Você lembra-se quando me mandou matar a mim á sua filha e ao seu neto, nas alturas da India? Assim havia de eu agora fazer; mas emfim perdô-lhe.» Fizeram as pazes; o João Mandrião casou com princeza e viveram muito felizes.

(Foz do Douro.)



PELLE-DE-CAVALLO

Era um rei que tinha tres filhas e estava viuvo e queria casar outra vez; fallou a uma dama para casar com elle e ella disse-lhe: «E as suas filhas, que rumo se lhes ha de dar?» «As minhas filhas, se isso é duvida, eu hoje vou-as arrumar.» Chegou a casa e disse ás filhas: «Meninas, preparem-se que vão ver o que nunca viram; havemos de ir á torre de Moncorvo.» As filhas prepararam-se e caminharam com elle. Elle chegou á Torre e disse-lhes: »Meninas ficae aqui que eu vou fazer uma visita a um amigo e volto por aqui levar-vos.» Foi-se embora e deixou-as; emquanto não casou deu-lhe de comer e fazia caso d'ellas; depois de casado não lhe mandava nada.

Um dia quando ellas não tinham que comer disse a filha mais velha para as outras: «Ai Jesus! que fome eu tenho; o verdadeiro é vós martardes-me e comer-me.» E n'isto morreu; e depois, passados dous dias, a irmã que se lhe seguia na idade disse o mesmo e morreu. Ficou só a mais nova; subiu acima á torre e viu vir uma navegação que andava no mar e começou-lhe a acenar com um lenço. Os marinheiros disseram ao capitão do navio que viam acenar e elle veiu buscal-a. Ella levou a roupa toda das irmãs e

chegou a uma terra, topou uma velha e disse-lhe: «Oh minha velha! você não me arranja com que eu ganhe a minha vida?» «Arranjo se você quer vir acarrar agua para a casa para onde eu vou.» E ella disse-lhe: «E você onde vae acarrar agua?» «Vou acarrar agua para o nosso rei.»

A menina mandou fazer um vestido d'uma pelle d'um cavallo e andava acarrando agua para o rei e na corte chamavam-lhe a *Pelle-de-Cavallo*. E um creado da casa disse-lhe uma noite: «Oh Pelle-de-cavallo, queres tu cá ficar esta noite, que ha cá um baile e o nosso rei tem dito que ha de fazer tres bailes a eito e que aquella dama com quem elle dansar que gostar d'ella lhe ha de dar um annel por lembrança e ha de casar com ella.» E ella disse: «Bem me importa a mim isso; eu vou, mas é para onde a minha velha.» Foi-se embora e á noite aceou-se muito aceada com a roupa da irmã mais velha e veiu dansar e o rei dansou com ella; ao outro dia tornou ella a accarrar agua e o creado repetiu-lhe o mesmo; ella disse: «Bem se me dá a mim d'isso; vou para aonde a minha velha.» Mas á noite vestiu-se com a roupa da sua segunda irmã e foi ao baile outra vez. Ao terceiro dia disse-lhe o creado: «Pelle-de-cavallo vem ao baile que hoje é a derradeira noite e o rei ha de dar o annel á dama de quem elle mais gostar. Hontem veio cá a mesma dama e elle dansou só com ella de modo que as outras estão assanhadas com isso e dizem que é escusado cá vir, pois elle não as quer.» «Que me importa a mim com isso? Vou-me para aonde a minha velha.»

Á noite vestiu-se com os seus fatos ricos e dansou com o rei, que no fim da dansa lhe deu o anel. Ella ao ao outro dia continuou a acarrar agua na forma do costume. O rei como não sabia a quem dera o anel, nem da dama, adoeceu. A enfermeira que o tractava disse á Pelle-de-cavallo: «O rei está muito doente e é com paixão por uma dama com quem elle dansou as tres noites a oito e não sabe quem é.»

A enfermeira levava o caldo de gallinha para o rei e a Pelle-de-cavallo deitou-lhe o anel que o rei lhe dera sem que aquella visse. O rei vendo o anel ficou muito contente e perguntou quem o lá tinha deitado; disseram-lhe que não sabiam; perguntou quem tinha passado ao pé do caldo e disseram-lhe: «Foi Pelle-de-cavallo.» O rei então mandou-a chamar e disse: «Quem foi que te deu o anel.» «Eu vou e volto e então direi quem foi.» Foi a casa, aceou-se com os seus fatos e disse ao rei: «Então vossa real magestade conhece-me agora?» «Conheço sois a dama a quem eu dei o anel.» «Pois fui eu que o deitei no caldo.» «Pois como é isso?» Então Pelle-de-cavallo contou toda a sua historia. O rei não a tornou a deixar ir a casa da velha e casou-se com ella.

(Ourilhe.)

XXXII

A SINA

Era de uma vez um rei que tinha dous filhos, um macho e outro femea. Como era de uso, logo que casa um tinha nascido lhe mandou ler a sina. A da donzella foi que antes dos dezoito annos havia de ter uma naufragio, o que queria dizer que havia de ter um filho de um homem solteiro; e a do rapaz que havia de matar o pae a punhal. O rei ficou muito triste com esta sorte e para os livrar d'ella mandou fazer uma torre onde não entrasse a luz do dia e metteu n'ella a filha com uma aia a guardal-a e ao filho mandou fazer um caixãosinho de pao todo forrado de seda e velludo por dentro e por fóra e foi elle deital-o a um rio que passava muito longe de palacio. Passou muito tempo e a filha nem conhecia pae nem mãe; só fallava com a aia e mais ninguem. Vem uma tempestade e um raio parte uma pedra da torre. Um dia estava ella a espreitar para o jardir e viu um lindo moço que era creado de palacio; perguntou á aia o que era aquillo e ella disse-lhe que era um escudeiro do rei. O moço que tinha tambem visto aquella cara a espreitar, todos os dias vinha áquella mesma hora vel-a. Uma occasião elle perguntou-lhe porque vivia assim fechada, ao que ella respondeu encolhendo os hombros; se lhe deixava ir fazer companhia; ella disse-lhe que sim e deitou abaixo

um lençol da sua cama e elle subiu. Ao fim de nove mezes achou-se pejada; disse-o á aia; teve um menino; começaram ambas a chorar e a chorar muito e por fim a aia levou a princeza a matal-o. Estavam a degolal-o quando entrou o rei que tinha ouvido chorar uma creança; perguntou o que era aquillo que tinham escondido, porque ellas assim que ouviram passos tractaram de o esconder; elle foi ver e ficou sem pinta de sangue e cheio de raiva matou-as a ambas.

Muitos annos se passaram e ninguem soube mais nada do filho. A rainha chorava e andava sempre triste a chamar pelo seu filhinho. Quando o rei deitou o caixão ao rio elle foi levado pela corrente e foi parar na roda d'uma azenha. Vivia n'esta azenha um moleiro e uma moleira que eram casados havia muito e que não tinham filho nem filha, ouviram chorar, foram ver e agarraram no caixão e abriram-no. Ficaram muito contentes por verem um menino tam gordinho e tam lindo como uma estrella. Disseram um para o outro: «Já que Deus não nos deu nenhum, creêmos este» e foram creando n'elle. Chegando já a grande, perguntaram-lhe o que elle queria ser; disse que queria ser alfaiate. Ensinaram-lhe este officio e elle dentro em pouco era o melhor mestre d'aquelles arredores. Correu fama e chegou isto a palacio. A rainha ás escondidas do rei mandou-o chamar; elle foi e ella para experimentar mandou que fizesse um vestido á sua aia que era uma escrava moira chamada Isabel que o Rei tinha captivado n'uma guerra com os moiros. O alfaiate olhou para o corpo da escrava e não foi preciso mais nada, dizendo á rainha: Ámanhã cá lh'o

trarei prompto. Admirou-se a rainha da pressa, mas no dia seguinte mais admirada ficou quando elle o trouxe por que assentava no corpo tambem que era uma maravilha. Mandou logo fazer um de damasco para ella dizendo: «Amanhã pagarei tudo.» Elle trouxe-lh'o e a rainha lhe perguntou quanto lhe devia ao que elle lhe respondeu: «Nada me deveis.» Ella então abriu um cofre que tinha, todo d'ouro e pedras ricas, cheio de joias de prata e d'ouro e de tudo que havia de riqueza e lhe disse: «Tomae d'ahi o que quizerdes;» elle viu um punhal de cabo de marfim, todo cravejado de brilhantes e foi isto que tomou. Estava para se ir em boa paz quando entrou o rei que vendo alli no quarto da rainha um desconhecido tirou da espada para o matar e elle defendeu-se com o punhal. O rei cresceu para elle e este deu-lhe uma punhalada que o fez cair redondo ao chão. A rainha e a aia principiaram de gritar; accudiu toda a gente de palacio. Logo que viram o rei cheio de sangue, prenderam o criminoso e o rei mandou-o logo alli despir e açoitar. Despiram-n'o da cinta para cima e já lhe tinham dado muitos açoites quando a rainha disse: «Não batais mais; este signal que elle tem nas costas é o signal que o meu filho tinha. «Perguntem quem é o pae d'este homem já» disse o rei. Correram por toda parte quando depois de dois dias veio um creado com o moleiro que contou o succedido e «para prova ainda aqui trago o caixão.» Desembrulhou e o rei disse então que elle era seu filho e morreu. Elle ficou governando o reino de seu pae até que de tanto chorar cegou. Procuraram-se remedios e medicos por toda a parte e nada lhe dava vista. Foram a uma fada e ella

disse que só quem fosse muito longe buscar a baba do passarinho azul que estava empoleirada na arvore mais alta do mundo; que havia de ser virgem e filha de reis. Foram lá muitas virgens, mas o passarinho voava, até que Isabel lembrou-se d'ir tambem; foi e logo que chegou ao sitio viu o passarinho e subiu á arvore, e elle deixou-se pilhar e tirar a baba d'um baldinho que trazia dependurado ao pescoço. Trouxe Isabel a baba a palacio e untou com ella os olhos do rei e elle logo viu. Casou com ella e houve bodas que duraram muitos dias. Viveram sempre muito felizes e acabou.

(Espadanedo.)

XXXIII

HISTORIA DO GRÃO-DE-MILHO

Era uma vez uns casados e não tinham filhos. A mulher tanto pediu a Nossa Senhora que lhe dêsse um filho ainda que fosse do tamanho d'um greiro de milho, que ao fim de nove mezes ella pariu um filho, mas tão pequeno, tão pequeno que era mesmo do tamanho d'um greiro de milho. Foi-se passando tempo e o pequeno não crescia nada, de sorte que ficou sempre do mesmo tamanho.

O pae era lavrador e, quando andava a trabalhar no campo, era o Grão-de-milho que lhe ia levar o jantar n'uma cesta; mas como era tão pequeno ninguem via o que fazia correr aquella cesta pela rua abaixo. O pae recommendava-lhe que não se chegasse para o pé dos bois; mas uma vez que elle tinha ido levar o jantar ao pae, a brincar trepou para cima de uma folha de milho e um dos bois, pensando que era um greiro de milho, lambeu-o com a lingua. O pae quando quiz voltar para casa por mais que o procurou não deu com elle, mas tanto chamou que por fim ouviu responder que o boi o tinha comido e estava dentro da tripa. O pae ficou muito afflicto e matou logo ali o boi e começou a procural-o nas tripas, mas por mais que procurou não o encontrou até que deixou ficar tripas e tudo. De noite um lobo, attrahido pelo

cheiro da carne, veiu e comeu as tripas do boi, e deitou a fugir. O lobo teve umas grandes dores de barriga e o Grão-de-milho começou a gritar-lhe: «C... aí, c... aí!» Mas o lobo ouvindo isto teve tanto medo que mais fugia, e não podia obrar. O Grão-de-milho continuava a gritar. «C... aí, c... à!» até que o lobo tão atrapalhado se viu que fez as suas necessidades.

O Grão de Milho, logo que saiu para fóra, lavou-se muito bem lavado n'uma pocinha que ali estava e foi por ali fóra. No meio do caminho encontrou uns almocreves que levavam os machos carregados de dinheiro e disse-lhes.....
[\[1\]](#)

De repente saltam uns ladrões, matam os almocreves e lavam os machos com o dinheiro para uma casa que havia n'uns pinheiraes. O Grão-de-milho, como ia mettido n'uns alforges, foi tambem sem ser pescado. Os ladrões despejaram o dinheiro em cima de uma grande meza e começaram a contal-o. O Grão-de-milho poz-se debaixo da meza e começou a gritar: «Quem dá *dé-reis*; quem dá *dé-reis*.» Os ladrões, assim que ouviram isto, tiveram tanto medo que deitaram a fugir. Então o Grão-de-milho ensacou o dinheiro, pôl-o em cima dos machos e foi para casa.

Quando lá chegou era ainda de noite e bateu á porta. O pae perguntou: «Quem esta aí?» e elle respondeu: «Sou eu meu pae; abra depressa.» O pae veiu logo abrir a porta e o Grão-

de-milho contou-lhe então tudo, entregou-lhe os machos e o dinheiro e o lavrador que era pobre ficou muito rico.

(Bragança.)

-
1. [↑](#) A pessoa a quem devo este conto não se recorda do que disse Grão-de-milho e do que se devia seguir imediatamente.

Notas do autor

XXXIV

O PRINCIPE SAPO

Era uma vez um rei e não tinha filhos e tinha muita paixão por isso e a mulher disse que Deus lhe desse um filho antes que fosse um sapo. Houve de ter um filhinho como um sapo; depois botaram ás folhas a ver se havia quem o queria crear, mas ninguem se animava a vir. O rei vendo que o sapito do filho não havia quem o queria crear annunciou que se houvesse alguma mulher que o quizesse crear lh’o dava em casamento e lhe dava o reino. N’isto ahi appareceu uma rapariga e disse: «Se vossa real magestade me dá o filho, eu animo-me a vil-o crear.» O rei disse que sim e a rapariga veiu crear o sapito. Depois passou algum tempo e elle foi crescendo e ella lavava-o e *esmenava-o* como se elle fosse uma creança. Foi indon e elle tinha uns olhos muito bonitos e fallava, e a rapariga dizia: «Os olhos d’elle e a falla não são de sapo.» Já estava grande, passaram-se anos e ella uma noite teve um sonho em que lhe diziam ao ouvido que o sapo era gente, mas pela grande heresia que a mãe disse que estava formado em sapo, que se o rei lh’o dêsse para ella casar com elle que casasse e quando fosse na primeira noite que se fosse deitar, que elle tinha sete pelles e ella levasse sete saias e quando elle lhe dissesse tira uma saia, lhe dissesse ella: tira uma pelle. Assim foi e casou o sapo com a rapariga e na noite do casamento elle pediu-lhe

que tirasse ella as saias e ella foi-lhe pedindo que tirasse elle as pelles e depois d'elle as tirar ficou um homem. Ao outro dia elle tornou a vestir as pelles e ficou outra vez sapo. E ella disse-lhe: «Tu para que vestes as pelles? Assim és tão bonito e vaes ficar sapo.» — «Assim me é preciso, cala-te.» Ella assim que se poz a pé foi contar tudo á rainha, e o rei mais a rainha disseram-lhe: «Quando hoje te deitares, diz-lhe o mesmo e depois d'elle tirar as pelles e estar a dormir, deixa a porta do quarto aberta que nós queremos ir ver.» Foram-no ver e viram que elle era homem. Ao outro dia o principe tornou a vestir as pelles e vae o pae ao outro dia disse-lhe: «Tu, porque vestes as pelles e queres ser feio?» — «Eu quero ser sapo, porque o meu pae tem mão interior e se eu fico bonito impõem a minha mulher.» O rei disse-lhe: «Eu não a impunha, mas queria que tu ficasses bonito.» Depois como viram que elle não queria deixar de ser sapo, pediram a ella que assim que elle adormecesse lhes trouxesse as pelles para elles as queimarem. Ella assim fez, e elles botaram as pelles ao fogo aceso. De manhã vae elle para vestir as pelles e não as acha. «Que é das pelles?» «Veiu aqui teu pae e tua mãe, e levaram-nas.» «Mal hajas tu se lh'as déstes, mais quem te deu o conselho. Adeus; se alguma vez me tornares a ver dá-me um beijo na bocca.»

A mulherzinha ficou; mas o rei e a mulher assim que viram que o filho faltou puzeram-na fóra da porta. Ella, coitada, não tinha com que se tractar; o que era do rei lá ficou e ella estava muito pobresinha. A todas as pessoas que via

perguntava se tinham visto um homem assim e assim e lá lhe dava as noticias do principe. Vieram por onde ella estava uns cegos e ella fez-lhes a pergunta. Os moços dos cegos disseram-lhe: «Nós vimos no rio Jordão um homem e certamente era elle; estava botando fatias de pão para traz das costas e dizendo: pela alma de meu pae, pela alma de minha mãe: pela alma de minha mulher.» Ella disse-lhe a elles «Vocês quando tornam para essa banda?» «Nós para o fim do outro mez voltamos para lá; havemos de passar por esse rio.»

A mulherzinha apromptou-se e foi com elles. Chegou lá e era o principe. Ella chegou ao pé d'elle e deu-lhe o beijo na bocca como elle tinha dito e disse-lhe: «Ora vamos embora, que se acabou o nosso fado.» E foram para casa e foram muito felizes e tiveram muitos filhos.

(Ourilhe.)

OS SAPATINHOS ENCANTADOS

Era uma vez uma mulher muito bonita e dava estalagem e a todos os almocreves que lá iam perguntava se tinham visto uma mulher mais bonita do que ella. Ella tinha uma filha mais bonita do que ella e tinha-a fechada para ninguem a ver. Disse-lhe um dia um almocreve.

— Ainda agora ali vi uma mulher mais bonita a uma janella a pentear-se.

— Ai! era a minha filha; pois vou mandar matal-a.

E mandou dous creados matal-a a um monte e ella disse-lhe que a não matassem, que a deixassem, que promettia de não tornar a casa. Os creados tiveram dó d'ella e deixaram-na. Ella foi indo e chegou a uma serra e viu uma casa; era noute; pediu se a acolhiam e não achou ninguem. Entrou para dentro e fez a ceia, e assim que a acabou de fazer, escondeu-se; n'isto chegam ladrões que vinham de fazer um roubo e depois que viram a ceia feita começaram a dizer:

— Ai! quem nos déra saber quem é que fez a ceia. Se por ahi está alguém appareça.

E ella appareceu-lhes e contou-lhes a sua sorte, coitadinha, e elles disseram:

— Agora não se afflija; ha de ficar comnosco e fazemos a attenção que você que é nossa irmã.

D'ahi por deante os ladrões lá íam para os seus roubos e ella ficava sempre; elles estimavam-na muito e tractavam-na.

Ia uma velhota a casa da mãe d'ella, que andava sempre em recados por muitas terras e ella disse-lhe.

— Você como anda por muitas terras, diga-me se já viu uma cara mais linda do que a minha.

E ella disse:

— Vi; vi uma rapariga que ainda era mais linda que você em tal banda.

— Você quando vae para lá? Quero que lhe leve uns sapatos.

E deu uns sapatos á velha e disse-lhe:

— Leve-lh'os e diga-lhe que é a mãe que lh'os manda; mas ella que os calce antes de você de lá sair; eu quero saber de certo que ella os calça; olhe que eu pago-lhe bem.

A mulher levou os sapatos á filha; chegou lá e disse-lhe:

— Aqui tem estes sapatos que lhe manda a sua mãe.

Ella disse-lhe:

— Eu não quero cá sapatos nenhuns; meus irmãos dão-me quantos sapatos eu quizer; não os quero.

A velha ateimou tanto com ella que ella pegou n'elles; calçou um, fechou-se um olho; calçou outro, fechou-se-lhe o outro olho e ella caiu morta. Depois vieram os ladrões, choraram muito ao pé d'ella, lastimaram muito a morte d'ella e depois disseram:

— Esta cara não ha de ir para debaixo da terra; levemol-a n'um caixão á serra de tal banda que vem lá o filho do rei á caça para elle ver esta flor.

Depois levaram-na a esse sitio; veiu o filho do rei e viu-a e achou-a muito bonita e depois tirou-lhe um sapato e ella abriu um olho, tirou-lhe outro, abriu outro olho e ficou viva. E elle então levou-a para casa e casou com ella e foram visitar a bebeda da mãe e esta ainda depois mesmo a queria mandar matar, mas não o conseguiu.

(Ourilhe.)

A ENGEITADA

Era uma mulher que tinha uma filha e uma engeitada em casa. A engeitada era muito bonita e a filha muito mona; a mãe queria muito á filha e á engeitada atirava-lhe muito. Tinha ella uma vaca; mandava a engeitada guardar a vaca; dava-lhe um peso de estopa e ella havia de lh'o trazer fiado e dobrado. Havia uma rapariga que andava no monte com ella e dobava-lhe o fiado nos braços. Um dia a rapariga assanhou-se com a engeitada e esta poz-se a chorar muito e a dizer que não tinha quem a ajudasse a dobar o fiado; n'isto appareceu-lhe uma mulher e a mulher disse-lhe:

— Ó menina tu que tens?

— Tenho muito medo que minha ama me bata em chegando a casa; ella mandou-me dobar o fiado e uma rapariga que me ajudava a fial-o assanhou-se comigo e eu não tenho agora quem me ajude.

— Olha, menina, não chores; anda cá; tu has de dobar a tua meadinha nos chifres da tua vaca.

— Ella não está queda, que é brava.

— Ha de estar mansa.

E a mulher começou-lhe a dobar a meada em cima da cabeça da vaca. Ficou a pequena muito contente e disse:

— Oh senhora! se quizer que lhe dê alguma voltinha, eu dou-lh'a.

— Olha; quero que me vás buscar um cantarinho d'agua.

Ella levou-lhe o cantarinho d'agua a casa e a mulher disse:

— Abençoada sejas tu; quando tu fallares perolas finas botes tu pela bocca fóra.

A rapariga, já se sabe, ia fallando pelo caminho e iam-lhe caindo perolas muito ricas pela bocca fóra e ella ia-as colhendo no avental.

Chegou a casa com a meada fiada e a mãe ficou muito contente com as perolas e perguntou-lhe o que aquillo tinha sido; ella contou-lh'o e a mãe mandou lá a filha a ver se lhe succedia o mesmo. A filha foi, procurou a mulherzinha e disse-lhe:

— Oh mulher! quer que eu lhe leve um cantaro d'agua?

— Pois sim; vae por elle.

Ella foi, mas chegou á porta da cozinha e quebrou o cantaro e ella disse:

— Amaldiçoada sejas; saramagos lances tu por a bocca fóra quando fallares, já que me quebrastes o meu cantarinho.

A rapariga chegou a casa e quando fallava deitava saramagos pela bocca fóra.

Soube-se que havia a rapariga que lançava as perolas pela bocca fóra e houve muito quem quizesse casar com ella. Ajustou-se casamento com um rapaz e os paes combinaram que se havia de esconder a engeitada e apresentar a filha com as perolas da outra na aba e dizer que ella era muda.

Fez-se o casamento e quando iam para a egreja ia uma voz em par do noivo e dizia:

«Perola fina fica na cuba
E o saramago vae na burra.»

Porque a engeitada tinha sido mettida n'uma cuba e a noiva ia n'uma burra. Depois o noivo disse:

— Eu volto para traz que vou muito encommodado e receio deixar a menina viuva, se melhorar casaremos amanhã.

Ao outro dia vae lá a casa com a justiça e lá acharam a pobre da rapariga mettida na cuba. Esta contou tudo. Em termos que o noivo deixou a outra e casou com a engeitada.

(Ourilhe.)



O HOMEM QUE BUSCA ESTREMECER

Era um homem rico e tinha um filho que nunca estremeceu com nada. Dava-lhe o signo d'elle d'ir passar muitas terras e não seria timorato, nunca teria medo a cousa nenhuma. Disse para o pae: «Meu pae dê-me o que me pertence, que eu cá vou viajar.» Deu-lhe moço e cavallo e dinheiro; chegou a uma terra; pediu se o acolhiam; disseram-lhe que não; que havia ahi uma casa rica, mas que a familia que não vivia lá; andava lá um diabo estoirando dentro das casas. Elle foi pedir á dona da casa se ella lá o deixava ficar; ella consentiu. Foi e tarde da noite ouviu dizer: «Eu caio.» Disse elle: «Cae para aí!» «Caio junto ou aos bocados?» «Cae aos bocados.» «Depois cahiu uma perna; d'ahi a bocado caiu outra e por fim caiu o resto. O rapaz disse: — «Da parte de Deus te requeiro que te ponhas a pé e digas o que queres.» Uniram-se as partes do corpo e ficou um homem que disse: «Eu sou o dono d'esta casa; possuia uma quinta alheia, que não me pertencia; se a minha mulher não a restituir, vou para o inferno e toda a minha familia; se a restituir, vamos para o ceo.» O rapaz disse-lhe: «Pois eu digo-lh'o e estou certo que ella a ha de restituir.» — «Na adega está tambem um caneco cheio de dinheiro debaixo da cuba grande; vae buscar um ramo d'oliveira para eu o ir lá pôr.» O rapaz foi

buscar um ramo d'oliveira e o medo foi o pôr na adega para se saber onde estava enterrado o dinheiro. Ao outro dia o rapaz foi ter com a viuva e disse-lhe todo o transe como se passara e que restituísse a quinta aos pobres a quem ella pertencia, senão vae o seu marido para o inferno e toda a sua familia.» — «Pois, Senhor, fico-lhe muito obrigado.» Foram á adega e acharam no sitio onde estava o ramo d'oliveira o dinheiro enterrado e nos sitios onde o tal sujeitinho tinha deixado as pegadas estava queimado no chão. A senhora disse-lhe: «Ha de demorar-se até fazermos entrega da quinta aos seus donos.» Depois que isso fizeram, disse a senhora ao rapaz: «Eu de mim não tenho que lhe dar, só se quer a minha filha.» Elle disse: O meu signo dá-me d'andar ver muitas terras e eu quero ir solteiro para a minha terra. A filha disse: «Nós não temos nada que dar áquelle senhor; demos-lhe um casal de pombas fechadas n'um gigo.» Elle levou o gigo e caminharam. Chegados a certo sitio disse o creado para o amo:» Oh meu amo! vamos a ver o que vae aqui; elle, o quer que é, bole.» O amo pegou no gigo, vae a desatal-o e as pombas esvoaram-lhe por a cara e elle estremeceu; volta para casa agradecer á tal senhora o obsequio que lhe fez com o presente que lhe quebrou o fado e casou com a filha d'ella e depois voltou para a terra.

(Ourilhe).

XXXVIII

AS TRES LEBRES

Havia n'outros tempos um rei que tinha uma filha, que dizia que só casaria com o homem que fosse capaz de inventar uma adivinhação que ella não adivinhasse. Correram ao palacio muitos principes e fidalgos, mas todos se foram sem que as suas adivinhações ficassem por adivinhar. Foi-se passando muito tempo e estas noticias corriam por muitas partes, até que chegaram aos ouvidos de certo aldeão muito esperto e elle ao saber isto dispoz-se logo a partir para o palacio, sem saber ainda o que havia de perguntar á princeza. Montou a cavallo, sem mais bagagem do que o seu livro de orações, e sem farnel de qualidade alguma. Durante o caminho teve fome, e sede, mas não havia ali em tal descampado nem comer, nem agua; então o aldeão, olhando, viu morto no chão um coelho, tomou-o, e depois de o esfolar, fez uma fogueira do seu livro de orações, assou o coelho, e comeu-o. A sede, era porém, cada vez maior; elle então fez correr muito o cavallo até que o suor lhe caia em bica; apanhou-o no seu chapeu e bebeu-o, e depois continuou a sua viagem. Chegado ao palacio viu muitos fidalgos, que perguntavam adivinhações, á princeza, e ella tudo adivinhava. Então elle depois de todos terem fallado levantou-se e disse:

«Comi carne sem ser caçada
Em palavras de Deus assada;
Bebi agua que não foi do ceo caida,
Nem tambem na terra nascida.

Adivinhae agora, princeza, se de tanto sois capaz.» Então a princeza, disse que pedia tres dias para adivinhar, pois era esta a que maiores voltas lhe havia fazer dar á cabeça. Ficou o aldeão no palacio á espera que a princeza adivinhasse; mas logo ao primeiro dia se foi ter com elle uma aia da princeza que lhe disse: «Explicai-me o que hoje perguntaste á princeza, e fazer-vos-hei tudo que me pedirdes.» Respondeu o aldeão: «Explicar-vos-hei tudo d'aqui a tres dias, se me deixardes ficar esta noite no vosso quarto.» Disse logo a aia que sim, e fez uma cama no chão para o aldeão dormir n'ella. Deitou-se o aldeão, e a aia julgando que elle já dormia, deitou-se tambem; mas logo que viu que ella estava deitada, tirou-lhe uma saia que ella tinha despida, e saiu do quarto. No dia seguinte foi ter com elle outra aia da princeza, a quem succedeu o mesmo que á primeira. Finalmente, sem saber o que tinha succedido ás aias, foi a princeza ao terceiro dia ter com o aldeão, e elle disse-lhe tambem o mesmo que tinha dito ás aias; mas em vez de tirar uma saia á princeza tirou-lhe o seu chambre de dormir que era de finas rendas. No quarto dia, logo de manhã, foi o aldeão explicar a adivinhação ás aias e á

princeza; e á hora em que a côrte estava toda reunida para ouvirem, a princeza respondeu logo: «A carne sem ser caçada, em palavras de Deus assada, era um coelho que encontraste morto no caminho, e que assaste no teu livro das orações. A agua sem ser da terra nascida, nem do céu caída, era o suor do teu cavallo.» «É verdade disse o aldeão.» Então o rei, levantando-se, ordenou ao aldeão que se fosse para a sua terra pois nada tinha a esperar. Mas elle disse logo. «Já que a princeza é tão intelligente, peço-lhe que advinhe agora esta:

Quando n'este palacio entrei
Tres lebres encontrei,
Todas tres esfolei;
E as pelles d'ellas mostrarei.»

Ia para mostrar as saias das aias, e o chambre da princeza mas esta levantou-se logo e disse: «Basta, basta, serás meu esposo, pois és o homem mais esperto que aqui tem vindo.

(Coimbra.)

A PELLE DO PIOLHO

Era um rei que tinha uma filha que costumava catal-o e um dia encontrou-lhe um piolho na cabeça e disse: «Meu pae e senhor, vossa magestade tem aqui um piolho.» Então o rei respondeu: «Deixa-o ficar, pois quero que elle cresça.» Cresceu tanto o piolho que já não cabia na cabeça do rei; e então este ordenou que se matasse e que da pelle se fizesse um tambor. Assim se fez, e então a princeza disse ao rei que mandasse reunir a côrte toda, e toda a gente que elle quizesse, e que aquelle que adivinhasse de que tinha sido feito o tambor seria seu esposo. Ora o rei andava com muitos desejos de casar a filha, e por isso acceitou logo a proposta, e deu ordens para que se reunisse muita gente; e que aquelle que adivinhasse de que tinha sido feito o tambor casaria com sua filha. Havia na côrte um fidalgo de que a princeza muito gostava, e que tambem se apresentou para adivinhar, e quando estavam já muitos homens reunidos, chegou o rei e a princeza e perguntaram: «De que foi feito este tambor?» e mostraram o tambor que era levado por um velho creado do rei. A princeza então aproximou-se do fidalgo que amava e disse-lhe: «Pelle de piolho» mas elle não ouviu, e o creado que conduzia o tambor, como estivesse atraz da princeza, ouviu o que ella

dizia; e então aproximou-se do rei e disse: «Saiba vossa magestade que este tambor foi feito da pella d'um piolho.» Então o rei respondeu logo: «Adivinhaste, e como palavra de rei não volta atrás, casarás com a princeza.» Então, ella toda lavada em lagrimas, chegou-se ao pé do velho e disse-lhe:

«Se eu casar contigo, velho,
Ha de ser com tal tenção,
De eu dormir em boa cama,
E tu velho n'esse chão,
E tu velho se fallares,
Has-de levar com um bordão.
Eu hei-de comer pão alvo,
E tu velho, de rolão,
E se tu velho fallares,
Has-de levar com um bordão.»

Em vista d'isto o velho não quiz casar com a princeza, e disse-lhe que casasse ella com o fidalgo; e assim se fez.

(Coimbra.)

A MENINA E O FIGO

Uma madrasta tinha uma enteada muito linda e com uns cabellinhos muito loiros; e costumava mandal-a para o quintal guardar um figo que tinha na figueira, recomendando-lhe que não o deixasse comer pelos passaros, pois se tal succedesse, a matava. Um dia que a menina estava descuidada, veiu um passarinho e levou o figo no bico. A menina chorou e tornou a chorar, mas a madrasta não se commoveu e enterrou a menina no quintal. Passado tempo nasceu uma roseira de tocar na sepultura da menina. Ora a mestra que tinha ensinado a menina a ler, notando a falta d'ella, foi um dia a casa da madrasta e perguntou o que era feito da menina. A madrasta respondeu que não sabia, e mandou-a passear para o quintal com as outras meninas. Uma das meninas vendo a roseira arrancou uma rosa, e ouviu vozes que diziam:

Não me arranques o meu cabello,
Que minha mãe m'o creou,
Meu pae m'o penteou,
Minha madrasta me enterrou,
Pelo figo da figueira,
Que o passarinho levou.

A mestra foi logo dar parte d'isto á justiça, e esta mandou cavar a terra e encontrou a menina ainda viva. Mandou prender a madrasta, e a menina foi para a companhia da mestra, e veio a ser muito feliz.

(Coimbra.)



XLI

A MACHADINHA

Um camponez tinha uma filha, e casou-a com um rapaz da sua terra. No dia da boda estando á mesa, os noivos, os paes e as mães d'elles, e muitos convidados, disse o camponez para a mulher: «Oh Maria, vae á adega buscar mais vinho, pois quero fartar os nossos convidados.» Foi a mulher á adega, e ia-se passando muito tempo sem que ella voltasse. Então o camponez levantou-se da mesa e foi ver se tinha succedido alguma cousa á mulher. Chegado á adega, viu a mulher parada a olhar para uma machadinha que estava pendurada no tecto, e perguntou-lhe: «Oh mulher! que estás tu ahi a fazer?» Responde-lhe ella: «Olha homem; estava a lembrar-me que quando a nossa filha tiver pequenos, se elles para aqui vierem brincar, que lhe póde cair aquella machadinha na cabeça e matal-os!» «Dizes bem mulher; ai se tal succedia!» E ficou tambem a olhar para a machadinha. Vendo a noiva que o pae e a mãe não vinham foi ter com elles á adega, e perguntou-lhe o que estavam fazendo ali. Então elles responderam: «Olha, filha, estavamo-nos lembrando que em tu tendo meninos, se elles vierem brincar para aqui, que lhe póde cair aquella machadinha na cabeça e matal-os.» «É verdade, senhora mãe, que póde isso acontecer.» E lá ficou tambem a olhar

para a machadinha. Pouco a pouco todos os convidados que estavam á mesa, foram para a adega olhar para a machadinha.

Restava só o noivo, que foi por ultimo, mas ao ver a doidice d'aquella gente, fugiu, em busca d'uma terra onde não houvesse gente tão doida. Ao chegar a uma terra, viu muita gente a fugir, outros subindo para cima das arvores, e de muros, e outros fechando as portas e as janellas, finalmente havia o terror e o medo por toda a parte; parecia o acabamento do mundo. O rapaz perguntou então o que era a causa de tantos medos como iam n'aquella terra; e responderam-lhe: que andava lá um bicho que comia gente, e que ninguem se atrevia a matal-o. O rapaz ao ver o bicho soltou uma gargalhada, pois a causa do terror d'aquella gente não era mais de que um Perú; e offereceu-se para o matar, sob a condição de lhe darem muito dinheiro. Morto o Perú recebeu o rapaz grandes sommas de dinheiro e partiu para outra terra. Ali andavam muitas mulheres, e creanças com joeiras ao sol. Elle então perguntou o que andavam fazendo, e responderam-lhe: que andavam a apanhar o sol para o levarem para casa, pois não entrava lá nem de verão nem de inverno. O rapaz respondeu-lhe que ellas não eram capazes de apanhar o sol, mas que se lhe pagassem bem, que elle era capaz de lh'o pôr dentro das casas. As mulheres deram todas muito dinheiro ao rapaz e elle tirou-lhe algumas telhas dos telhados, e logo ellas viram o sol dentro das suas casas. Partiu o rapaz para outra terra, já muito admirado do que tinha visto, quando se lhe depara uma

mulher que estava enfeitando uma porca com muitos cordões de ouro, fitas e flores; e perguntou-lhe: «Para onde quereis mandar esse animal, que estaes enfeitando?» Ao que a mulher respondeu: «Saiba vocemecê que eu sou viuva, e que o meu homem fazia hoje annos, e por isso quero ver se encontro um portador para o paraizo, para lhe mandar esta porca, e esta bolsa de dinheiro.» Respondeu o rapaz: «Nunca vocemecê fallou mais a tempo, pois para o paraizo é que eu vou.» A mulher entregou-lhe a porca e o dinheiro. O rapaz já não cabia em si de contente com tanto dinheiro que levava, e convencido que no mundo já não havia gente de juizo, resolvia-se a voltar a casa da sua noiva. No caminho, porém, deteve-se por causa de muitos gritos, de ai, quem me acode! quem me acode! que ouviu e tendo-se aproximado do sitio d'onde partiam os gritos viu muitos homens deitados uns sobre os outros, e perguntou-lhes: «O que estão ai a gritar? por que não se levantam?» Elles responderam: «Estamos aqui ha tres dias sem nos podermos levantar, pois não sabemos quaes são as pernas de cada um.» Respondeu-lhe o rapaz, que ia já fazer com que elles se levantassem, mas que lhe haviam de dar muito dinheiro. Elles logo disseram que todos lhe havim de pagar muito bem. O rapaz pegou então n'um cajado e começou a bater nas pernas dos homens, e elles poseram-se a gritar: «Ai, ai, as minhas pernas!» e começaram todos a levantar-se. Depois deram muito dinheiro ao rapaz, e elle lá voltou muito rico para casa da sua noiva, e mandou tirar a machadinha da adega; e viveu sempre muito feliz.

XLII

ESVINTOLA

Era uma vez um rei que tinha tres filhas e depois foi chamado á guerra e deu um ramo a cada filha e disse: «Filhas eu vou para a guerra, e se vós procederdes bem, estes ramos que vos entrego, entregar-m'os-heis frescos como eu vol-os dou; e se vós tiverdes alguma desordem, eu logo o seu, porque os ramos seccam.» Caminhou o rei para a guerra. Havia um conde ao pé do palacio e tractou logo de conversar a filha mais velha; seccou-se o ramo que o pae lhe tinha entregado. N'isto começou a namorar a chegada á mais velha e o ramo d'ella seccou tambem. Ficou a mais nova, e como as outras lhe tinham raiva por ella ter o ramo como o pae lh'o deixára, tractaram de fazer que o conde a seduzisse tambem e disseram-lhe um dia se ella ia ao pomar do conde buscar umas alfaces e ella disse: «Eu encontro lá o conde; não vou.» — «Olha vae; é a hora do descanso; elle não está lá.» Ellas tinham justo com elle as horas marcadas que devia estar á espera no pomar. Ella foi e elle estava lá; lançou-lhe a mão ao vestido; ella puxou, rasgou-o e foi-se embora.

Ao outro dia justaram outra vez com elle de lá estar e mandaram a irmã mais nova lá buscar um limão. Ella foi e o

conde botou-lhe a mão e caçou-a. Elle disse-lhe: — «Venha cá, menina, vamos a conversar um bocado.» E sentaram-se e ella disse-lhe: — «Olhe que seria bom estar um bocadinho ao fresco com os pés descalços; quer que eu lhe tire as botas?» — «Eu quero tudo o que a menina quiser.» Ella tirou-lhe as botas, que eram de montar, até ao meio da perna e fugiu; elle que ia a correr atraz d'ella, não poudo andar e caiu.^[1]

Chegou a casa e disse ás irmãs: — «Tomae, que eu não torno lá.» — «E porque não has de tornar?» — «Porque lá estava o conde e botou-me a mão, mas eu paguei-lh'a; tirei-lhe as botas até ao meio da perna e elle caiu no canello.» — «És tola; elle é muito boa pessoa.» — «Pois provae lá a bondade d'elle, que eu a não quero provar.»

Tornaram ellas a pedir-lhe para ella lá lhes ir buscar um cacho d'uvas. — «Não vou lá, que está lá o conde.» — «Não está; não é hora d'elle lá estar.» Ella foi, chegou lá; o conde caçou-a e disse-lhe: — «Menina, já me fez duas desfeitas, mas agora não me faz outra.» — «Eu não lhe diz desfeita nenhuma; isto em mim foi a brincar; eu gosto muito da sua pessoa; até se quiser vamos descançar.» Elle disse: — «Eu acceito; veja onde a menina quer.» — «Ha-de ser ali ao pé d'aquelle poço; mas olhe que eu da banda do poço não fico que eu sou muito medrosa.» O conde ia a deitar-se da banda do poço e ella empurrou-o e botou-o abaixo.

Foi-se embora e disse ás irmãs: «Tomae lá as uvas; e eu agora sempre arrumei com elle.» — «Tu que lhe fizeste?» — «Botei-o ao tanque do quintal.»

As irmãs mais velhas foram tractar de fazer tirar o conde do poço. Elle estava muito doente com a queda e a filha mais nova passou-lhe á porta com um letreiro no braço que dizia: *medico milagroso*. Como o conde estava muito doente mandaram-n'a ir dentro e ella disse que lhe dava remedio, mas que era necessario que saisse a familia toda do quarto e que ainda que lá ouvissem gritos dentro que não fossem lá que era ella a saral-o. Levava uma corda e disse ao conde: — «Lembras-te quanto me puxaste pelo vestido que m'o rasgaste?» E deu-lhe uma tósa. — «Lembras-te quanto te eu tirei as botas?» Outra tósa. — «Lembras-te, diabo, quando te eu deitei ao poço?» E deu-lhe outra tósa. No fim saiu e disse ás pessoas da familia: — «Eu cuido que elle já ficou melhor, mas eu hei de voltar aqui á tarde e dar-lhe outro remedio que elle ha de acabar de sarar.» E o conde gritou lá de dentro: — «Não venha, não venha, que eu já estou curado; paguem-lhe e mandem-n'o embora. Pagaram ao falso medico e elle foi-se embora.

Por fim o conde melhorou e o rei voltou da guerra; chegou a casa e disse-lhe a filha mais nova: — «Meu par, quer os ramos juntos ou cada um por sua vez?» — «Quero-os cada um por sua vez, como eu os dei.» Ella mostrou o seu ramo ao pae e depois passou-o ás outras que cada uma por sua

vez o mostraram ao pae, que julgou vêr os tres ramos e ficou muito contente por elles estarem verdes.

O conde foi pedir ao rei a filha mais nova e o rei disse-lhe que sim; disse-o á filha e ella respondeu: — «Não, meu pae, não o quero.» — «Filha, dei a minha palavra: tu has de casar com elle. — «Meu pae, não quero.» Por fim não teve remedio senão casar com o conde; mas emquanto esteve o ajuntamento dos convidados a beber e a jogar e a dançar, ella vae ao quarto em que havia de dormir e pegou n'um ôdre de mel e pôl-o na cama e apertou uma parte d'elle com uma corda fingindo assim uma cabeça e metteu-se debaixo da cama, segurando a ponta da corda. Elle veio-se deitar. Chegou dentro do quarto e fechou a porta e disse: — «Ora, D. Esvintola, hoje é o teu dia derradeiro. Lembras-te de quando eu te rasguei o vestido?» E deu com a espada no ôdre, suppondo ser ella, e Esvintola por baixo puxava pela corda para assenar que sim, que se lembrava. — «Lembras-te de quando me descalçaste as botas?» E ella assenava que se lembrava e elle no ôdre com a espada. — «Lembras-te quando me botaste ao poço? E ella assenava que sim que se lembrava e elle dava-lhe com a espada. — «Lembra-te a ti, diabo, quando me déste a cóça?» E ella assenava que sim e elle deu com toda a força no ôdre e o mel saltou-lhe aos beiços e elles exclamou:

«Ai! D. Esvintola,
Tão brava na vida
E tão doce na morte!»

E ella saiu de debaixo da cama e disse: — «Ai! meu marido, aqui estou viva; perdôa-me que se eu fosse tão tola não estava agora aqui.»

(Ourilhe.)

-
1. ↑ Caiu porque lhe embaraçavam os pés os canos das botas.

Notas do autor

XLIII

O CONDE DE PARIS

Havia um rei que tinha uma filha em idade de casar, e tractou-lhe o casamento com o conde de Paris. Convidou o rei o conde um dia para jantar, e quando estavam á mesa, o rei, a princeza, o conde, e a corte toda, começou o jantar que foi muito animado, fallando-se muito do proximo casamento da princeza. Á sobremesa deixou o conde cair um grão de romã na barba, e depois apanhou-o com o garfo e comeu-o.

Então a princeza disse que já não queria ser sua esposa, pois que elle, em vez de deixar cair o grão de romã na toalha, o comia. O conde levantou-se da mesa, e jurou vingar-se, dizendo á princeza que ella o desprezava por tão pouco, mas que ainda havia de comer pão de romeiro, beber agua de um charqueiro, e comer papas em palheiro. Passados dias foi offerecer-se ao rei um preto para jardineiro, e logo foi accete. Mas o preto tinha umas maneiras tão delicadas, e fazia raminhos tão bonitos, que offerencia á princeza, e taes artes buscou, que ella se enamorou d'elle, e fugiram ambos. Pelo caminho disse a princeza que tinha fome, e como alli não houvesse de comer, disse-lhe o preto, que se ella queria

elle iria pedir um bocado de pão áquelle romeiro que viram no caminho; ella então comeu o pão e disse:

Ai, conde de Paris! conde de Paris!

Responde o preto:

«Porque o não quiz?»

Foram mais adeante, e a princeza disse que tinha sêde, e o preto respondeu que ali só havia agua de um lameiro. A princeza bebeu, e tornou a repetir:

«Ai, conde de Paris!»

E o preto respondeu:

«Porque o não quiz?»

Mais adeante disse o preto á princeza, que tencionava ir vêr se o conde de Paris os queria admittir ao seu serviço, quando mais não fosse ao menos na cavalhariça. Chegaram ao palacio do conde, e mandaram-nos recolher em um palheiro, e o preto deixou a princeza só, e voltou muito tarde trazendo uma tassa grossa cheia de papas, e disse á princeza que com muito custo as arranjàra. Então a princeza perguntou com que as havia de comer, e elle disse-lhe que com a mão, e como não podia esperar pela tassa, que as deitava na palha, e que as comesse ella de lá. A princeza como tinha muita fome comeu como poudo. Ao outro dia,

foi o preto dizer-lhe que como era preciso que ella se empregasse em alguma coisa, que fosse ajudar amassar o pão; mas que visse em todo o caso se roubava alguma farinha pois aquella gente não lhe davam comer que lhe apagassem a fome. A princeza, com muito custo, roubou a farinha, mas não tinha remedio senão obedecer ao preto. Depois d'isto appareceu o conde de Paris muito bem vestido, e disse que era preciso revistar as mulheres para que não roubassem ellas alguma farinha. Como encontrasse a farinha á princesa, pozeram-n'a na rua com grande vergonha d'ella e mandaram-n'a outra vez para o palheiro. Foi o preto ao palheiro e ella contou-lhe o succedido, e elle respondeu-lhe que ella não tinha geito para nada. No dia seguinte disse o preto á princeza, que estava para se bordar um vestido para uma princeza que ia ser mulher do conde, e como ella sabia bordar que se podia encarregar d'isso, mas que visse sempre se roubava algum bocadinho de ouro. Succedeu-lhe porém o mesmo, que lhe succedera com a farinha. N'outro dia estando ella toda chorosa appareceu-lhe o preto acompanhado de muitos criados e trazendo ricas toalhas, e bacias de prata e disse-lhe: que era preciso que ella se deixasse preparar, porque a mãe do conde desejava vêr o vestido antes da mulher do conde o vestir, e como ella era da estatura da dona do vestido, que era preciso que o vestisse para se vêr se estava bom. Emquanto a princeza se vestiu desapareceu o preto; e depois, appareceu o conde, e disse á princeza, que o preto era elle, e que tudo quanto tinha feito era pelo grande amor que lhe tinha. Casaram, e viveram sempre muito felizes.

(Coimbra.)



XLIV

O PRINCIPE DAS PALMAS-VERDES

Era uma vez uma rapariga muito pobre que um dia foi a uma horta roubar umas couves; viu lá um buraco e levada de curiosidade metteu-se por elle dentro e foi dar a uma casa onde estava o mesa posta. Comeu á larga e como o comer fosse bom, deixou-se lá ficar; á noite deitou-se, e depois de deitada veiu ter com ella uma pessoa que não viu.

Alli estive bastante tempo, repetindo-se todas as noites o mesmo, e um dia disse á pessoa que dormia com ella que desejava ir aonde a mãe levar-lhe alguma coisa de comer. A pessoa disse-lhe que fosse e que voltasse, que bastava chegar á porta do palacio para ella se abrir. Foi ella, e tendo contado á mãe o que se passára, esta disse-lhe que voltasse e que para ver a pessoa que com ella dormia, petiscasse lume. Assim foi; mas quando ella petiscou o lume, a pessoa acordou e disse: «O diabo te leve, mais quem te deu o conselho que eu tinha o meu *triennio*^[1] quasi acabado e tu viestel-o dobrar. Vae-te embora e leva o que trouxeste, com o filho que tens de mim e, se algum dia quizeres saber de mim, pergunta pela casa do principe das Palmas-verdes.»

Foi ella procurar os fatos ricos que encontrou no palacio, mas achou só os farrapinhos que levára; tendo vergonha de ir aonde a mãe com o filho ao collo, foi pelo mundo adeante pedindo esmola e perguntando pelo principe das Palmas-verdes. Chegada lá a uma terra, perguntou á Lua pela casa do principe das Palmas-verdes; mas ella respondeu-lhe que não sabia, que talvez o Sol que manda os seus raios mais longe o soubesse, e deu-lhe uma castanha que a quebrasse na maior afflicção que tivesse. Perguntou ao Sol e o Sol disse-lhe que não sabia, mas que perguntasse ao Vento, que esse se mettia por todas as bandas e lhe poderia dar noticias, e deu-lhe uma noz que a quebrasse na maior afflicção que tivesse. Perguntou ao Vento, que lhe respondeu: «Se eu o sei?! Ainda esta noite lhe bati á janella do quarto d'elle. Até elle se arrenegou bem commigo.» Ensinou-lhe o caminho e deu-lhe uma bolota que a quebrasse na maior afflicção que tivesse.

A mulher foi á terra do principe das Palmas-verdes e tendo lá chegado pediu uma esmola e perguntou a uma creada se o principe lá estava; a creada respondeu-lhe que elle tinha ido para a caça e que estava para casar, tendo a noiva já em casa. Emquanto a creada lhe foi buscar a esmola, quebrou ella a castanha: saiu-lhe uma roca d'oiro e uma estriga d'oiro; a creada chegou e viu aquella riqueza, foi aonde a ama e disse-lhe: «Oh senhora! sempre a pobre tem uma riqueza! ella está a fiar oiro, tem fuso, massaroca e roca tudo d'oiro». «Vae lá e diz-lhe se ella te quer vender isso». A pobre respondeu: «Eu não lhe vendo isto que lh'o dou se

me deixar ir ficar no quarto do principe das Palmas-verdes». A dama ficou malcontente com isso e disse: «Não quero». «Minha senhora, deixe-a ir que eu dou uma bebida a beber ao principe que elle adormece e não dá fé que está a pobre no quarto». Assim fez. Á noite a creada deu uma bebida ao principe e logo que elle adormeceu levou a pobre e metteu-a no quarto. Esta pegou no filho e deitou-o ao pé do principe e toda a noite esteve dizendo:

«Principe das Palmas-verdes,
Não te lembres de mim;
Lembra-te de teu filho,
Que o tens ao pé de ti».

De manhã a creada foi buscar a pobre para fóra do quarto e levou-a para um curral. Á tarde a pobre estava muita afflicta e quebrou a noz que o Sol lhe déra e saiu-lhe uma dobadora, meada e novello, tudo d'oiro. A creada que isto viu foi-o dizer á dama que quiz comprar essa riqueza; mas a pobre disse como na vespera que lh'a dava se a deixassem ir ficar no quarto do principe das Palmas-verdes. Á noite a creada deu uma bebida ao principe e logo que elle adormeceu levou a pobre e metteu-a no quarto. Esta pegou no filho e deitou-o ao pé do principe e toda a noite estava dizendo:

«Principe das Palmas-verdes,
Não te lembres de mim;
Lembra-te de teu filho,
Que o tens ao pé de ti».

Ao outro dia a pobre, de cada vez mais afflicta, quebrou a bolota e sahiram-lhe uns parreiros d'oiro; e a creada foi-o dizer á dama e a pobre disse que os dava se a deixassem ir ficar no quarto do principe das Palmas-verdes. Ora um creado do principe, que dormia por baixo do quarto d'elle, contou-lhe que havia duas noites que ouvia uma voz no quarto d'elle dizer:

«Principe das Palmas-verdes;
Não te lembres de mim;
Lembra-te de teu filho,
Que o tens ao pé de ti».

O principe disse: «Eu não sei d'isso; a creada dá-me uma bebida para eu dormir bem, de modo que adormeço á noite e acordo só de manhã».

A creada á noite foi-lhe levar a bebida e o principe disse-lhe: «Dá-me cá um biscoito que me fica muito mao gosto com isto que me dás a beber». Enquanto ella foi buscar o biscoito, o principe deitou fóra a bebida para a creada julgar que ella a bebera.

Depois do principe estar na cama a creada fez entrar a pobre, que repetiu as palavras do costume, que o principe esteve a ouvir um bocado, e depois disse-lhe: «Então como foi isso? Tu como vieste aqui ter?» Ella contou-lhe tudo o que tinha passado e elle disse-lhe: «Despe-te e deita-te» e ao outro dia mandou-lhe fazer vestidos para ella e mandou

embora a dama com quem estava para casar e casou com a pobre.

(Ourilhe).

-
1. [↑](#) Triennio; o tempo pelo qual andava encantado o personagem que fallava.

Notas do autor

OS FIGOS VERDES

Era uma vez um rei que tinha uma filha doente que desejava figos verdes da figueira no mez de janeiro. O rei disse: «Quem trazer figos verdes á minha filha se fôr moço casa com ella, se fôr velho dou-lhe bens.»

Constou isto por terras ao longe.

Havia uma mãe n'uma freguezia que tinha dous filhos, um tolo, outro avisado, tinham uma figueira ao fim de uma casa onde havia ainda alguns figos em janeiro, mas que não eram bons. O filho avisado contou o desejo da filha do rei á mãe e disse-lhe: «Minha mãe, eu vou levar-lhe os figos n'uma cesta.» Foi por um caminho adiante e encontrou Nossa Senhora e ella perguntou-lhe o que elle levava no cesto; o rapaz respondeu-lhe: «Levo (com licença^[1]) cornos.» Nossa Senhora disse: «Pois (com licença) cornos te nasçam.» O rapaz, pensando que levava figos chegou á porta do rei; este veio e o rapaz disse que levava aquelles figos que tinha no quintal. O rei pegou no cesto e foi a descobrir e viu (com licença) os cornos e mandou matar o moço.

Depois disse o irmão tolo á mãe que ia levar ao rei o resto dos figos que estavam na figueira e que demais ia saber do

irmão. Pegou nos figos o tolo e levou-os. Lá vae com elles no cesto; chegou ao meio do caminho e encontrou Nossa Senhora com o menino ao collo e ella perguntou-lhe o que elle levava o tolo respondeu que levava figos para a filha do rei. A Senhora disse: «Figos vos nasçam.» Disse elle: «Deixe dar um figuinho ao menino, coitadinho; é tão bonitinho!» Deu o figo ao menino e foi para o palacio; os figos cada vez cresciam mais pelo caminho.

Chegou ao palacio e bateu á porta; veio o rei, pegou nos figos.

O rei como tinha dito que quem levasse os figos que lhe dava a filha e como palavra de rei não volta atraz, foi-se aconselhar sobre o caso, porque não lhe agradava o rapaz. Os conselheiros deram-lhe o conselho que dêsse ao moço dois coelhos bravos e que lhe dissesse que os levasse para o monte e que os soltasse lá e que se elle não trouxesse os coelhos para casa ao sol posto que o mandava matar. O tolo foi para o monte, soltou os coelhos e poz-se a chorar. Apareceu-lhe Nossa Senhora: «Vós que tendes?» Elle contou-lhe o que o rei lhe mandára fazer.» Nossa Senhora deu-lhe uma gaitinha e disse: «Toma esta gaitinha e ao sol posto toca-a que os coelhos veem para dentro do sacco; tu ata-o e leva-os e, assim que quizeres mais alguma coisa, toca a gaitinha.» E depois d'isto perguntou-lhe: «Não queredes mais nada?» «Queria ser tão bonito como o sol.» «E não queredes mais nada?» «Quero que quando metter a mão no bolso tire sempre dinheiro.»

Elle tocou a gaitinha; vieram os coelhos; metteu-os no sacco e foi andando. Chegou ao meio do caminho e encontrou dois homens que iam de mando do rei para o matar, se não levasse coelhos. Chegou o rapaz e o rei foi-se outra vez aconselhar e depois disse ao rapaz que escolhesse elle ou uma quinta ou dinheiro e o rapaz escolheu dinheiro; comprou um cavallo e foi correr terras. Foi indo, foi indo até que chegou a uma terra aonde estava um palacio e a filha do rei á janella. Disse ella para o pae: «Que lindo cavalleiro que acolá vem! é lindo como o sol; quem me déra casar com elle!» O rei veio chamar o cavalleiro e disse-lhe que a filha queria casar com elle. «Sim, caso com a vossa filha se me deixardes dormir esta noite com ella.» O rei assignou e elle foi ficar com a filha; quando era meia noite tocou a gaitinha que lhe tinha dado Nossa Senhora e disse: «Quem entrou aqui?» Respondeu-lhe uma voz: «Foi um estudante.» Pela manhã disse ao rei que ia á terra e que depois voltava para casar com a filha d'elle. Foi indo e chegou a outro reino, onde a filha do rei tambem quiz casar com elle, que pediu para ficar com ella aquella noite. Á meia noite tornou a tocar a gaitinha e perguntou quem lá tinha entrado e a voz respondeu que tinha sido um preto. Foi-se embora d'ali, até que chegou ao palacio do rei aonde tinha ido levar os figos. A filha quiz casar com elle; lá não o conheceram; elle pediu a mesma coisa e á meia noite tocou a gaitinha e perguntou quem lá tinha entrado e a voz respondeu que ninguem. E elle casou com aquella princeza.

No dia do casamento o rei fez uma boda e convidou os outros reis todos para irem ao jantar. Foram tambem as duas princezas com quem elle tinha ficado de ir casar e os paes d'ellas começaram de clamar contra elle. Elle pegou e disse que casava com ellas mas que primeiro que haviam de ouvir o que ia dizer. Metteu a primeira n'um quarto e tocou a gaitinha e perguntou quem lá entrou e a voz respondeu que tinha sido um estudante; á segunda da mesma maneira e a voz respondeu que tinha sido o preto; á filha do rei a que elle tinha levado os figos a voz respondeu que ninguem e elle casou com ella.

(Foz do Douro.)

-
1. [↑](#) Este parenthese era dirigido pela narradora a quem a escutava.

Notas do autor

O RETRATO DA PRINCEZA

Era uma vez um principe que não achava mulher que lhe agradasse. Um dia foi a uma feira e viu lá o retrato d'uma menina tão lindo, tão lindo que mal pôde imaginar-se; perguntando de quem era, responderam-lhe que era da princeza de tal, mas elle custou-lhe a crêr que houvesse uma dama tão formosa. Logo que chegou a palacio disse a el-rei seu pae que só casaria com a princeza de quem vira o retrato. Tractou-se do casamento, que foi feito por procuração e o principe antes de levar a noiva para o palacio, quiz vê-la sem ser conhecido; disfarçou-se e foi a umas cavalladas que houve por aquella occasião e a que a princeza havia de assistir. Quando a princeza chegou com a sua companhia, o principe perguntou qual das damas era ella e disseram-lhe que a noiva era uma muito feia que ia na frente; elle ficou sem pinga de sangue e quando chegou o dia da noiva ir para a sua companhia, não a quiz ver. Todas as noites quando se ia deitar apagava a luz e levantava-se antes de amanhecer para não lhe vêr a cara. Andava a princeza por isso muito triste, mas não se queixava a ninguem. Um dia em que ella estava no jardim foi uma pobre pedir-lhe esmola e disse-lhe: «Eu bem sei a causa da vossa tristeza; mas posso dar-vos remedio, se quizerdes

tomar os meus conselhos.» A princeza disse que sim e a pobre no outro dia voltou ao jardim e disse á princeza que fosse com ella a um sitio onde o principe tinha uma quinta. Chegados que foram ao portão, a pobre mandou dizer ao principe se lhe dava licença para passear na quinta com uma filha que andava muito doente e a quem os medicos mandavam tomar ares. O principe deu a licença e quiz vêr a doente, mas ficou maravilhado quando viu que a doente tinha a cara exacta do retrato da feira.

A princeza voltou no dia seguinte e por conselho da pobre pediu ao principe um copo d'agua d'aquella fonte de neve, pois talvez lhe dêsse saude. O principe mandou vir um rico copo que encheu de agua e lhe offereceu; mas ella, quando lhe ia a pegar, deixou cair e feriu um pé no vidro. O principe ficou muito afflicto por ella se ter ferido, pois já estava devéras apaixonado; mas a princeza disse que aquillo não valia nada, que o peor era ter quebrado o copo; pediu mil desculpas e foi-se embora encostada á velha.

Quando o principe á noite se foi deitar ainda com peores modos para a princeza, e tendo-lhe chegado a um pé, ella disse:

«Ai meu pé ferido,
Em fonte de neve,
Em copo de vidro.»

O príncipe, julgando que ella dizia aquillo por saber do que se tinha passado na quinta, disse que não se importasse com o que elle fazia; mas ella continuou a repetir as mesmas palavras, até que elle accendeu a luz e conheceu que a princeza era a doente da quinta. Ella então disse-lhe que a dama feia que elle tinha visto nas cavahadas era uma aia sua e que o tinham enganado, pois que o retrato que estava na feira era realmente d'ella. O príncipe ficou muito contente, não sabendo nunca que a velha fôra quem tinha quebrado o encanto que trazia feia a princeza.

(Coimbra.)



XLVII

O PREÇO DOS OVOS

Era uma vez um rapaz que foi embarcar não sei agora para onde; chegou a uma estalagem; perguntou se havia que comer; a dona da estalagem disse-lhe que não tinha senão ovos cozidos e elle respondeu-lhe: «Pois ponha cá um vintem d'elles.» Comeu os ovos; deu-lhe um pinto para ella trocar; ella disse-lhe que não tinha troco: «Quando você por aqui passar me pagará.» O homem embarcou. Dava elle sempre uma esmola na terra para onde foi pelas almas do purgatorio e se via o diabo pintado ao pé das almas dizia: «Pelas almas que me ajudem e tu diabo que nem me ajudes, nem me estorves.» Passados alguns annos voltou elle á terra e passou aonde a estalajadeira e disse-lhe: «Oh mulher! vou-lhe pagar uma divida que lhe devo.» E ella disse: «Que divida é?» Respondeu: «Quando eu fui que embarquei, comprei-lhe um vintem d'ovos e não lh'os paguei.» E ella disse: «Ah! você cuida que me paga com um vintem os ovos? Eu vou-lhe mandar fazer a conta. Seis ovos eram seis gallinhas que punham ovos...» e mandou-lhe assim fazer a conta que botava a uns poucos de centos de mil réis. O homem não trazia tanto dinheiro; não trazia com que lhe pagar: foi para a cadeia. No dia em que haviam de lhe dar a sentença appareceu-lhe um homem ás grades da cadeia e

disse-lhe: «Então tu não tens quem te acuda? Olha que hoje ás tantas horas é que tu és sentenciado; mas eu lá appareço para te defender.» Assim fez; e depois chegou lá ao tribunal muito sujo e ensarrafuscado da cara e o juiz disse-lhe: «Você não se podia lavar antes d'aqui chegar?» E elle disse: «Saiba V. S.^a que eu estive a assar umas poucas de castanhas para semear n'um souto.» E a mulher da estalagem, como lampeira, disse: «Oh homem! castanhas assadas dão castanheiros?» E elle virou-se para o juiz e disse-lhe: « Este homem não deve; esta mulher queria fazer-lhe pagar por pintos seis ovos cozidos; póde-o pôr na rua.» O juiz assim fez. O advogado era o diabo.

(Ourilhe).



XLVIII

O SENHOR DAS JANELLAS-VERDES

Certo rei tinha uma filha que muito desejava ver casada; para esse fim tinha mandado vir ao palacio muitos principes para que a princeza escolhesse o que mais lhe agradasse; mas ella não se agradava de nenhum e dizia que só casaria com o senhor das Janellas-verdes, que tinha os cabellos e a barba d'ouro e os dentes de prata. Mandou o rei procurar por toda a parte o tal senhor, mas não foi possível encontrá-lo.

Passaram-se annos e o rei sempre esperando pelo senhor das Janellas-verdes. Um dia que elle estava á janella do palacio viu passar uma carruagem com janellas verdes e cortinas da mesma cór e com dois lacaios tambem vestidos de verde. O rei mandou parar a carruagem para ver quem ia deutro, mas qual não foi a sua alegria quando viu dentro o senhor das barbas e cabellos d'ouro e dentes de prata! Chamou logo a princeza e perguntou-lhe se era aquelle o senhor das Janellas-verdes; ella disse que sim, mas logo se encheu d'uma tristeza que a todos causou admiração.

Então o senhor das janellas verdes disse: «Eu sei que ha muito me procuram para casar com esta princeza e por isso

aqui estou e desejo que se faça o casamento o mais breve possível.»

Fez-se logo o casamento e o senhor das Janellas-verdes partiu para as suas terras com a princeza. A carruagem em que iam parecia que voava, ora atravessando mattas, tapadas, ora passando por pontes e estradas e a princeza sempre triste. Chegados a uma floresta muito sombria levantou-se tal tempestade que os raios caíam em grande quantidade e parecia que saíam da terra lavaredas de fogo. A princeza toda assustada gritou com todas as forças: «Jesus, Jesus, valei-me, Jesus, valei-me.» E logo cessou a tempestade e ao mesmo tempo desapareceu a carruagem, os lacaios e o senhor das Janellas-verdes, porque elle era o demonio em pessoa, e logo que ouviu o nome de Jesus fugiu para as profundezas do inferno.

A princeza, ao ver-se só em tal descampado chamou por Nossa Senhora e prometeu-lhe que se alli fosse alguém que a salvasse havia de andar um anno sem dar uma só palavra. Foi sentar-se junto de uma arvore e logo viu chegar um principe que vinha caçar áquelles sitios, o qual assim que viu a princeza lhe perguntou:

«Quem vos deixou aqui só, sujeita ás tempestades, e sem receio que vos façam mal?»

A princeza não respondeu, pois começava a cumprir a promessa que fizera a Nossa Senhora. O principe fez-lhe

varias perguntas e, como visse que não respondia, convenceu-se que ella era muda e levou-a para palacio.

Tractou o principe de ir indagar por varias terras se conheciam a princeza, mas não conseguiu saber nada. Assim se passou um anno e ao fim do anno o principe sentia grande paixão pela princeza, desprezando certa condessa com que tinha o casamento tractado.

Exactamente quando fazia um anno que a princeza viera para palacio, mandou o principe que a vestissem com os factos mais ricos que se podessem encontrar.

Depois d'ella assim vestida, veio vel-a a condessa a quem o ciume e a inveja consummiam e disse-lhe:

— «Olha a muda, mundona!
Que trage! que dona!»

Respondeu-lhe a princeza:

— «Olha a condessa, que inveja!
Que eu falle não deseja.»

Foi logo a rainha a correr participar ao principe, seu filho, que a menina tinha fallado. Então o principe pediu a princeza que lhe contasse a sua historia toda, o que ella logo fez. E o principe escreveu ao rei pae da princeza, participando-lhe como a encontrára e que ia casar com ella, pois a amava muito pela sua rara formusura. Casaram-se e

viveram muito felizes e a condessa foi posta fóra do palacio.

(Coimbra.)



XLIX

A BICHA DE SETE CABEÇAS

Era uma vez um homem que vivia com uma sua irmã em muito boa amizade; vem uma má d'uma vizinha e disse-lhe: «Você aqui cheinha de trabalho e seu irmão para ali a comer na venda mais uma amiga.» «Não diga tal; isso é falso.» A vizinha veio para onde ao irmão e encontrou-o a roçar mato e disse-lhe: »Você aqui mortinho de trabalho e sua irmã em casa com um amigo a comer bons bocados.» O irmão chegou a casa; vestiu-se com o fato melhor, pegou n'uma espingarda às costas e levou tres carneiros, tres broas de pão e tres vintens em dinheiro, que dinheiro não tinha mais. Pelo caminho pegou nos carneiros e no pão e deu tudo a um pobre que encontrou que era Nosso Senhor e elle lhe fez dos carneiros tres cães que filavam a tudo que encontravam. Era muito feliz na caça; todos os caçadores o chamavam para irem á caça com elle.

Um dia chegou a um monte e estava lá uma rapariga e assim que o viu disse-lhe: «Fuja, meu tio, que vem lá a bicha de sete cabeças e mata-o». «Que bicha será essa a que eu não posso atirar?» «É uma bicha que todos os caçadores teem andado a ver se a podem matar e não a matam e elle todos os dias come uma pessoa que vem ao monte, se lhe

cae a sorte n'ella. Eu era filha do rei e caiu-me a sorte.» Elle disse: «Não tenho medo; eu hei de matal-a que trago aqui tres cães que filam a tudo.» N'isto chegou a bicha que a duas leguas de distancia já se ouvia rugir.

Chegou a bicha e elle assogou-lhe os cães e matou-a. Depois então a menina disse-lhe: «Venha commigo que ha de ter um grande premio de meu pae, que até disse que se algum homem matasse a bicha me dava a elle em casamento». «Eu agradeço, mas não quero». «Então venha commigo que meu pae dá-lhe um grande premio». «Eu não preciso de nada». Ella então tomou um annel d'ouro e deulh'o e elle acceitou-o.

O homem foi á bicha e cortou-lhe as linguas das sete cabeças e embrulhou-as no lenço, que metteu no bolso.

Isto constou por toda a parte e como o rei tinha dado a palavra que dava a filha a quem matasse a bicha, um preto que soube d'isto foi ao monte, cortou as cabeças á bicha e foi com ellas ao rei, dizendo que tinha morto a bicha e que lhe dêsse a filha. «Minha filha não tens remedio senão casar com o preto.» «Meu pae quem matou a bicha foi um homem muito bonito que tinha tres cães e disse que não queria o premio, nem casar commigo e até eu por lembrança lhe dei o meu annel». «Não tens remedio senão casar com o preto, pois, elle é quem trouxe as cabeças.»

N'isto estava o casamento preparado e o homem que matara a bicha andava no monte á caça com uns caçadores e estes contaram que a filha do rei ia casar com o preto, e disseram: «Que pena aquelle ladrão ir casar com aquella rapariga.» O homem: «Então que casamento é esse?» «Foi um preto que matou a bicha de sete cabeças e o rei tem de dar a filha, como promettera, a quem matasse a bicha. A pobre menina diz que não foi o preto que matou a bicha e todos os dias reza a Santo Antonio que lhe depare o homem que matou a bicha.»

O homem calou-se e ao outro dia caminhou e foi a casa do rei. Chegou lá e disse que queria fallar a sua magestade; o rei, como estava embebido com o casamento do preto, não lhe quiz fallar. O homem repetiu outra vez o pedido e disse que, se elle não lhe queria fallar, que ao menos lhe fallasse a princeza d'uma janella sacada, que elle ia por causa da bicha das sete cabeças. N'isto o rei que soube que o homem que ia lá a troco da bichinha, mandou-lhe dizer que lhe fallava e appareceu mail-a filha e esta apenas lhe botou os olhos disse: «Oh meu pae! aqui está o homem que matou a bicha.» Então disse o rei: «O que me contaes da bicha? Como é que aqui me appareceram as sete cabeças da bicha?» «Como a bicha tinha sete cabeças devia ter sete linguas e ellas aqui estão.» O rei desembrulhou o lenço e viu as linguas; foi ver as cabeças e não lhe viu nenhuma; mandou matar o preto e disse ao que matou a bicha: «Então ahi tendes a minha filha». «Real Senhor, eu agradeço muito; mas não quero casar». «Pois, emfim, pedi o que quizerdes

que eu tudo vos dou». «Real Senhor, eu nada preciso que tenho aqui tres cães que faço quanto eu quero, entro onde quero, vou onde quero e acabo o que quero.» O rei então deu-lhe uma medalha e as maiores honras da sua côrte.

(Ourilhe).



L

O PRINCIPE COM ORELHAS DE BURRO

Era uma vez um rei que vivia muito triste por não ter filhos e mandou chamar tres fadas para que fizessem com que a rainha lhe dêsse um filho. As fadas prometteram-lhe que os seu desejos seriam satisfeitos e que ellas viriam assistir ao nascimento do principe. Ao fim de nove mezes deu a rainha á luz um filho e as tres fadas fadaram o menino. A primeira fada disse: «Eu te fado para que sejas o principe mais formoso do mundo.» A segunda fada disse: «Eu te fado para que sejas muito virtuoso e entendido.» A terceira fada disse: «Eu te fado para que te nasçam umas orelhas de burro.» Foram-se as tres fadas e logo appareceram ao principe as orelhas de burro. O rei mandou sem demora fazer um barrete que o principe devia sempre usar para lhe cobrir as orelhas. Crescia o principe em formosura e ninguem na côrte sabia que elle tivesse as taes orelhas de burro. Chegou a edade em que elle tinha de fazer a barba, e então o rei mandou chamar o seu barbeiro e disse-lhe: «Farás a barba ao principe, mas se disseres a alguém que elle tem orelhas de burro, morrerás.»

Andava o barbeiro com grandes desejos de contar o que vira, mas, com receio de que o rei o mandasse matar, calava

comsigo. Um dia foi-se confessar o disse ao padre: «Eu tenho um segredo que me mandaram guardar, mas eu se não o digo a alguém morro, e se o digo o rei manda-me matar; diga padre, o que eu hei de fazer.» Responde-lhe o padre que fosse a um valle, que fizesse uma cova na terra e que dissesse o segredo tantas vezes até ficar aliviado d'esse peso, e que depois tapasse a cova com terra. O barbeiro assim fez; e, depois de ter tapado a cova, voltou para casa muito descançado.

Passado algum tempo nasceu um canavial onde o barbeiro tinha feito a cova. Os pastores quando alli passavam com os seus rebanhos cortavam canas para fazer gaitas, mas quando tocavam n'ellas saiam umas vozes que diziam: «Principe com orelhas de burro». Começou a espalhar-se esta noticia por toda a cidade e o rei mandou vir á sua presença um dos pastores para que tocasse na gaita; e saiam sempre as mesmas vozes que diziam: «Principe com orelhas de burro». O proprio rei tambem tocou e sempre ouvia as vozes. Então o rei mandou chamar as fadas e pediu-lhes que tirassem as orelhas de burro ao principe. Então ellas mandaram reunir a côrte toda e ordenaram ao principe que tirasse o barrete; mas qual não foi o contentamento do rei, da rainha e do principe ao ver que já lá não estavam as taes orelhas de burro! Desde esse dia as gaitas que os pastores faziam das canas do tal canavial deixaram de dizer: «Principe com orelhas de burro.»

(Coimbra.)

LI

PEDRO E PEDRITO

Havia n'outros tempos um principe chamado Pedro que tinha um irmão de leite chamado Pedrito. Viviam os dous como se fossem verdadeiros irmãos e tinham jurado valerem sempre um ao outro nos trabalhos que a sorte lhes destinasse. Pedro estava para partir para um reino estrangeiro para se ir casar com certa princeza muito formosa que havia muito lhe estava destinada para esposa. Pedrito devia acompanhá-lo, mas como desejasse mais ir por terra do que por mar pediu a Pedro que o deixasse ir só que elle lá estaria no dia do casamento. Partiram, Pedro por mar e Pedrito por terra. Já tinha Pedrito caminhado bastantes leguas quando lhe anoiteceu e viu-se obrigado a ficar no caminho debaixo de umas arvores para descansar aquella noite. Mas mal se tinha deitado quando ouviu umas vozes saidas das arvores que lhe diziam: «O principe Pedro vae casar com a princeza de tal, mas desgraçado d'elle, pois a princeza ao passar por certo rio ha de pedir agua e, se lh'a derem e ella beber, morrerá.

Quem isto ouvir e contar
Em pedra se ha de tornar.»

Pedrito ao ouvir isto apressou a jornada na intenção de ir avisar o príncipe, não receando, para salvar a princeza, tornar-se em pedra. Durante todo o caminho foi sempre ouvindo as mesmas vozes que lhe diziam: «A princeza ha de passar por uma ponte; ella a passar e a ponte a cair.

Quem isto ouvir e contar
Em pedra se ha de tornar.»

Já perto da terra da princeza ouviu Pedrito as mesmas vozes que lhe diziam: «A princeza ha de ter somno pelo caminho e ha de pedir para descançar; mas emquanto ella dormir ha de ser mordida por uma serpente e alli mesmo morrerá.

Quem isto ouvir e contar
Em pedra se ha de tornar.»

Chegou Pedrito ao palacio e logo tractou de avisar e príncipe Pedro das grandes desgraças que esperavam a princeza; mas qual não foi o seu espanto ao verem que ao passo que Pedrito ia contando o que ouvira pelo caminho se ir transformando em estatua de pedra.

Foi grande a dôr de Pedro, que tractou logo de mandar chamar muitas fadas e alguns sabios para que lhe dissessem a maneira de tornar Pedrito ao que elle era. As fadas disseram a Pedro que só com o sangue d'elle derramado sobre Pedrito o podia tornar em homem. Pedro cortou um dedo para salvar o seu irmão, mas ao mesmo tempo que

Pedrito se tornava em homem ia-se Pedro transformando era estatua. Pedrito logo que isto viu foi-se ter com certa feiticeira para que lhe valesse em tal afflicção. A feiticeira disse-lhe então: «Irás a tal sitio onde ha um pateo que tem uma entrada guardada por um leão; tirarás a chave da bocca do leão; entrarás no palacio e verás uma bicha de sete cabeças; então matal-a-has; mas, toma cautela, não a mates pelas cabeças, porque ao passo que lhe cortes uma cabeça logo outra lhe nascerá e isso é muito perigoso para ti; mata-a pelo pescoço, colhe o sangue d'ella e o deitarás por cima da estatua de Pedro e elle voltará á vida.»

Saiu-se Pedrito muito bem d'esta empresa e o premio que ganhou foi casar com uma princeza, irmã de Pedro, sendo muito felizes.

(Coimbra.)



LII

S. JORGE

N'outros tempos havia um homem que era casado mas que não tinha filhos e isto lhe dava motivo de grande desgosto. Tinha elle por costume ir pescar para se distrahir de suas penas. Succedeu que um dia lhe viesse na rede só um peixe e quando lhe ia tocar disse-lhe o peixe: «Não me mates.» O bom homem tornou a deitar o peixe na agua, mas no dia seguinte succedeu-lhe o mesmo quando foi pescar. Passaram-se tres dias e ao fim d'elles tornou o mesmo peixe a apparecer na rede e então disse ao pescador: «Mata-me, e faz de mim seis postas; duas dal-as-has a tua mulher; duas á tua égua e as outra duas enterra-as atraz da porta do teu quintal.»

Fez o homem tudo quanto o peixe lhe disse e ao fim de nove mezes a mulher deu á luz dois meninos; passado tempo a égua teve dous formosos cavallos e atraz da porta do quintal nasceram duas lanças, que significavam que os dous meninos haviam de ser guerreiros.

Chegados que foram os meninos á idade em que haviam de servir o rei, chamou-os o pae e disse-lhes: «Ide, servir a

patria e sede valentes guerreiros; aqui tendes dois bellos cavallos e duas lanças que nunca devem quebrar.»

Partiram os dois irmãos e o mais velho, que se chamava Jorge, disse ao mais novo: «É mister que nos separemos e ao fim de um anno havemos de reunirmo-nos para contar os nossos feitos. Aqui tens este ramo de manjerição; quado o vires murcho vae á minha procura, pois é porque eu corro perigo.» Separaram-se os dois irmãos; Jorge foi assentar praça e o outro foi correr terras.

Chegando á corte ouviu dizer que havia grande terror n'aquella terra por causa d'uma grande bicha de sete cabeças que vinha muitas vezes á cidade e já tinha matado muita gente e até se receava que ella fosse ao palacio do rei. Até aquelle dia não tinha apparecido ainda quem fosse tão destemido que se atrevesse a lutar com tal dragão; apesar do rei ter mandado annunciar que quem lhe apresentasse uma das cabeças da bicha casaria com a princeza sua filha. Jorge disse então que se Deus o ajudasse iria matar o dragão. Foi confiado na divina providencia esperar que a bicha saisse da mata onde habitava e depois de lutar com ella espetou-lhe a lança no pescoço e logo a bicha espirou á sua vista. Apregoou-se este feito na cidade e logo o rei ordenou que fosse Jorge á sua presença que o queria nomear general das armas e dar-lhe a sua filha em casamento.

No entanto andava o irmão de Jorge de terra em terra em busca de aventuras e um dia notou que o ramo de manjerição estava murcho e foi logo ter á terra onde estava Jorge, pois receava que elle corresse perigo. Chegado lá logo o encontrou e elle lhe contou tudo quanto tinha passado e como o rei o queria fazer general e dar-lhe a sua filha em casamento, e disse-lhe mais ainda: «Meu irmão, tu sabes perfeitamente que eu em virtude dos votos que fiz não posso casar-me; vae pois tu ter com o rei, apresenta-lhe esta cabeça que é uma das sete que tinha a bicha que eu matei e como tu és muito parecido commigo o rei julgará que sou eu e dar-te-ha a sua filha em casamento, e depois d'isto concluido dirás ao rei que me faça general, pois desejo ganhar fama pelas armas.» Tudo assim se fez e Jorge fez taes façanhas pela patria e foi sempre tão virtuoso que mereceu depois da sua morte ser canonisado.

(Coimbra.)

LIII

OS SIMPLORIOS

Era uma vez uns paes que tinham tres filhas faltas da pinha; vinha lá um rapaz que queria casar com uma d'ellas, mas nem o pae nem a mãe queriam que ellas fallassem para lhe não conhecerem a toleima. Disse uma deante do namorado: «Oh fulana! o caldo vae-se». Disse a outra: «Tira-le o telo e mete-le a toler». «Disse minha mãe que não fallasses tu.» Depois disse elle: «Pois bem, temos entendido; já estou ao facto de quem vocês são; adeus; eu cá vou-me embora.»

A mãe ficou zangada e um dia levou as duas filhas que fallavam mais mal e deixou a que fallava menos mal em casa, para fallar a um namorado que tinha e disse-lhe: «Olha ahi vem um rapaz para te vêr e tu põe uma rocada grande na roca e põe-te a fiar para elle se agradar de ti e se elle disser: «Oh que rica fiadeira!» tu dize: Eu d'estas despejo sete ao dia.»

A rapariguinha assim que a mãe saiu pousou a roca; foi á adega; trouxe uma infusa de vinho de meia canada para comer umas sopas; fel-as n'uma tijella grande e n'isto chegou o rapaz. Assim que elle chegou e disse: «Adeus, menina» disse ella; «Olhe que eu d'estas despejo sete ao

dia.» Elle disse: «Será da sua cuba, que não da minha.» E foi-se embora.

Depois ao deante fallou-se n'outro casamento com que era pouco mais fino que ella; ajustou-se tudo e um dia elle veio buscal-a a casa para se ir receber. Emquanto a noiva se foi preparar, elle deu volta e achou um porrão com mel; metteu-lhe um dedo e lambeu; achou doce; metteu a mão toda e não a pôde tirar; chamaram-n'o que a noiva estava prompta e elle lá vae para a igreja com a mão mettida no porrão. Chegou á igreja; o padre perguntou-lhe se era vontade d'elle casar e elle disse que já devia ser ha muito. «Pois então dê-me cá a sua mão direita». «E vocemecê não remedeia com a esquerda?» «Você tem a direita quebrada?» «Não, senhor, mas está occupada». «Deixe cá ver. Olhe; isso, faça assim» e o abbade abanou com a mão. O outro assim fez e bateu com o porrão na cabeça do abbade; este gritou «aque d'elrei» e houve grande barulho e desmanchou-se o casamento.

(Ourilhe).

LIV

O PRETO E O PADRE

Era uma vez um padre que tinha um preto por creado e mandou-lhe um dia lhe preparasse uma gallinha para o jantar. Cozeu o preto a gallinha e vae que fez? Comeu-lhe uma perna e arranjou-a de maneira que o amo não dêsse facilmente por isso; mas o padre notou que faltava uma perna á ave e disse ao creado: «Tu comeste uma perna da gallinha?» «Não, meu senhor, não comi; ella era assim, tinha só uma perna.» «Qual perna, nem meia perna! Tu pensas que eu sou asno?» «Oh senhor padre! andam alli por o quintal muitas outras gallinhas que teem só uma perna; quando eu vir alguma hei de chamar o meu amo.» «Pois sim.»

Uma occasião viu o preto uma gallinha com uma perna encolhida e gritou logo: «Oh senhor amo! cá está uma gallinha com uma perna só.» O padre acudiu e enchotou a gallinha: «Chó, gallinha!» A gallinha estendeu a perna e o padre disse: «Oh tractante! tu queres fazer de mim burro?» «Não, senhor, não quero; mas o senhor padre não disse á gallina que estava na mesa: chó, gallinha!»

Um dia o padre mandou fazer ao preto umas papas para que estivessem promptas quando elle voltasse de dizer missa. O preto fez as papas, mas quer a farinha fosse pouca ou que elle lhe deitasse muita agua as papas ficaram muito ralas. O preto péga em si, vae para o coro da egreja e cantou de lá: «É de papa in papa é de rala in rala.» Virou-se o padre para e cantou!

Vae atraz do cancellinho
Que lá está o Philippinho
Para fazer bastioné mea.

O Philippinho era o saco da farinha e bastioné mea eram as papas. O preto entendeu e foi fazer as papas.

(Oliveira do Douro.)

O MENINO ASSAFROADO

Era uma vez um rei que era casado, mas não tinha filho, o que fazia com que elle e a sua mulher vivessem muito descontentes. Pediam constantemente a Deus que lhe dêsse um filho e sabendo que havia uma velha de grandes virtudes mandaram-na chamar a palacio para lhe pedirem que rogasse a Deus que os ouvisse. Então a velha disse-lhe um dia que a rainha havia de ter uma creança, mas que se essa creança fosse menino, quando fosse homem seria tão mau que faria a desgraça de seus paes, e que se fosse menina teria má sorte, mas que escolhessem elles o que queriam. O rei disse que antes queria uma menina, pois em sendo mulher havia de saber guardal-a, que não lhe succedesse nenhuma desgraça. Teve a rainha uma menina e logo o rei mandou uma ama para uma torre com a menina. Alli não viam ninguem, nem saiam fóra, porque o rei guardava as chaves da torre. A menina foi crescendo e perguntava á ama: «Não ha mais mundo do que este? não ha mais gente do que nós?» A ama respondia-lhe sempre que não.

Já a menina estava como uma senhora, e o desejo de sair da torre era cada vez maior. Um dia por acaso levantou uma

ponta da alcatifa do quarto onde dormia e viu um buraco no chão, por onde saia muita claridade; a menina, cheia de curiosidade, fez o buraco maior, mettu-se n'elle e viu logo uma escada; desceu a escada e foi ter a um lindo jardim; chegada ao jardim, viu outra escada; subiu-a e foi ter a um palacio; depois entrou e foi dar a um quarto muito asseado, que tinha uma cama, tambem muito asseada. Como a noite chegasse e ella tivesse somno, deitou-se na cama e adormeceu. O quarto e a cama pertenciam a um conde, e elle, á hora do costume foi-se deitar e encontrou a menina na cama. De madrugada emquanto o conde estava a dormir, a menina levantou-se e foi-se para a torre. O conde levantou-se mais tarde e foi ter com a mãe e disse-lhe: «Minha mãe, não sabe? quando hontem me fui deitar encontrei uma menina muito linda na minha cama, mas foi-se de madrugada sem que eu dêsse por isso». Respondeu-lhe a mãe: «Olha, filho; é muito provavel que ella volte e por isso põe uma campainha e tu accordes e vai segui-la para ver para onde ella vae.» Á noite a menina foi outra vez deitar-se na cama e o conde poz a campainha na porta, mas ella quando de madrugada se levantou tirou-a e levou-a, sem que o conde dêsse por tal. Foi-se elle ter outra vez com a mãe e contou-lhe o succedido e ella respondeu-lhe: «Esta noite porás á porta uma bacia cheia de agua de assafrão; a menina quando sair hade molhar a anagoa e depois deve deixar a casa molhada por onde passar e por este rasto é que tu has de saber para onde ella vae.»

Fez o conde o que a mãe lhe ensinara, mas a menina quando molhou a anagoa na agua de assafrão, em vez de a levar de rastos, levantou-a para não molhar o chão. A menina não voltou ao quarto do conde e elle andava muito apaixonado. Passado tempo a menina teve um menino muito lindo, que vestiu com uma saia feita da anagoa que tinha molhado na agua de assafrão e a que poz ao pescoço a campainha que tinha trazido do quarto do conde e foi metter o menino na cama d'elle, sem que ninguem dêsse por tal. Á noite o conde encontrou lá o menino e foi ter com a mãe e disse-lhe: «Minha mãe, encontrei este menino na minha cama.» Ella examinou a saia assafroada e a campainha e disse-lhe: «Não ha duvida que é teu filho e debes creal-o».

Quando o menino chegou á idade de tres annos mandou o conde a um creado que levasse aquelle menino a muitas terras e fosse dizendo: «Quem quer ver o menino assafroado?» e que se visse que alguma mulher se commovia ao vel-o que reparasse bem n'ella e lh'o viesse dizer. Ora o menino levava vestida a saia assafroada e ao pescoço a campainha.

O creado correu muitas terras, mas não viu nenhuma mulher commover-se. Já o conde ia perdendo a esperança de encontrar a mãe do seu filho, quando, indo um dia ao palacio do rei, este lhe disse: «Conde, ouvi dizer que tens um filho muito lindo; admira que ainda não o trouxesses a palacio.» Respondeu-lhe o conde: «Eu não sabia que vossa magestade desejava ver meu filho, mas visto isso amanhã

cá o mando.» Ora o rei estava bem longe de saber que a filha que estava na torre era a mãe do menino e tinha dito um dia para a rainha: «É melhor mandarmos vir a nossa filha para palacio, pois ella agora já não se perde.» A princeza tinha vindo para palacio. Chegou o creado do conde com o menino e o rei gabou muito a creança e chamou a rainha e a filha para o virem ver. A princeza quando viu a creança commoveu-se muito e fez-lhe muitas caricias, dizendo: «Ai meu menino assafroado!» Não escapou isto ao creado que foi logo dizer ao conde: «Saiba, senhor conde, que a princeza é a mãe do seu filho.» Ficou o conde muito contente e foi logo a correr a palacio e disse ao rei: «Então vossa magestade gostou de meu filho?» O rei respondeu: «Gostei muito». «Pois saiba vossa magestade que eu lhe venho pedir a mão da princeza sua filha.» «Oh conde! atreves-te a tanto?» «Atrevo-me porque a princeza é a mãe de meu filho.» O rei chamou a princeza e sabendo a verdade casou-a com o conde e foram muito felizes.

(Coimbra.)

LVI

O RABIL

Havia um lavrador muito rico que tinha um creado muito fiel, de quem confiava todos os haveres que possuia. Entre os bois da manada que o creado guardava havia um chamado Rabil, que o seu dono muito estimava e um dia para experimentar a fidelidade do creado disse o lavrador a uma filha que tinha que fosse ter com o creado e lhe disse que se elle matasse o boi Rabil casaria com elle. Ia a rapariga varias vezes ao campo ter com o creado e como ella fosse muito alta e muito formosa já o rapaz ia sentindo grande paixão por ella. Uma dia disse-lhe ella: «Se queres que eu case, comtigo mata o Rabil.» Elle respondeu: «Senhora, ainda que eu morra por não casar comsigo, nunca mataria o Rabil, pois é o boi que seu pae mais estima.» Disse a rapariga: «Mas mata-o e diz a meu pae que elle appareceu morto.» «Tal nunca farei.» A final tanto a rapariga teimou e tal paixão ia sentindo o creado que já estava quasi resolvido a matar o Rabil. Dizia elle para comsigo: «Como farei isto? Mentindo a meu amo commetto um peccado e dizendo-lhe a verdade não me deixa elle casar com a filha; vamos a ver se eu sou capaz de matar o Rabil e de dizer a verdade a meu amo.» Então pegou no capote e no chapéu do amo, pol-os em cima de um pau para fingir o amo, poz-se em frente e disse:

«Senhor meu amo,
Pernas altas e cara gentil
Me fizeram matar o boi Rabil.»

Depois de repetir isto tres vezes, disse: «Nada, eu não mato o Rabil; antes quero morrer de paixão pela Cara-gentil da filha do meu amo.» Quando acabava de dizer este palavras appareceu-lhe o amo que tinha estado a escutar e disse-lhe: «Já que tantas provas me tens dado da tua fidelidade has de casar com minha filha e o Rabil hei de mandal-o matar para ser comido no dia da boda.» E assim se arranjou o casamento do creado com a Cara-gentil.

(Coimbra).

LVII

PATRANHA

Era uma vez um homem, caseiro d'um fidalgo; tinha um filho tolo e outro que estudava para padre; o fidalgo, foi o anno muito secco e o caseiro não tinha as medidas para lhe dar; disse-lhe o fidalgo que se elle lhe dissesse uma mentira do tamanho do Padre-Nosso lhe perdoava as medidas. Respondeu-lhe o caseiro: «Eu tenho um filho que estuda só em mentiras; eu hei de ver se elle tem em casa algum livro em que haja mentira do tamanho do Padre-Nosso.» Foi o caseiro para casa muito triste e perguntou ao filho que estudava para padre se elle sabia alguma mentira do tamanho do Padre-Nosso; respondeu-lhe que nos livros não tinha encontrado mentira tamanha. N'isto o tolo que os ouviu disse ao pae: «Vocês que diabo têm que não podem ver a gente?» «És um tolo, disse o pae; não dás remedio ao meu mal.» «Talvez darei; diga o meu pae que tem.» «É o nosso senhorio que disse que me perdoava as medidas se eu lhe dissesse uma mentira do tamanho do Padre-Nosso; mas o teu irmão não a encontra nos livros.» Foi o tolo ter com o fidalgo e disse-lhe: «Meu pae não é tão pobre como se finge; tem uma cerca que lhe rende quatrocentps carros de pão e em redor da cerca tem uma celha de abelhas e foi um dia para contar os cortiços e não os poude contar, mas

contou as abelhas; depois faltava-lhe uma; n'uma mata foi-a encontrar a ser comida por dous lobos; já não tinha senão os quartinhos e elle atirou-lhes com um cutello que levava; não poudo chegar ao cutello; veio a casa; levou lume e queimou a mata para os lobos fugirem e apanhar o cutello; mas o ferro queimou-se e ficou só o cabo; foi d'alli ao ferreiro para lhe fazer outro cutello e elle em vez do cutello fez-lhe um anzol; foi com elle aos peixes e depois saiu-lhe debaixo da agua um burrinho preso por um beijo, com canastra e tudo; elle montou o burro e foi-se procurar os quartinhos da abelha; espremeu os quartinhos e cada um d'elles lhe deu uma pipa de mel; não tendo em que o botar mettu a mão no trazeiro do burro e envasilhou lá o mel: como o burro ia tenro da agua criou mataduras e o caseiro foi ao alveitar com o burro; o alveitar mandou-lhe deitar farinha de favas e elle em vez de lh'a deitar deitou-lhe favas inteiras: nasceu-lhe um faval no burro e um melão e quando o ia para partir com um machado, o machado caiu-lhe dentro do melão; desceu abaixo para apanhar o machado; lá encontrou um homem que lhe disse andar alli havia oito dias á busca de dous bois apostos a uma grade; que se fosse embora e não fosse tolo. Meu pae botou um escadão ao burro e subiu d'elle ao céo, onde estão todas as cadeiras dos fidalgos só a de v. exc.^a não.» O fidalgo disse-lhe: «Mentes, ladrão.» «Então estão as medidas de meu pae perdoadas...»

(Ourilhe).

MARIA SILVA

Andava um dia um principe á caça n'uma certa mata e ouviu chorar uma creança; elle aproximou-se do sitio d'onde vinham os vagidos e ouviu uma voz que dizia:

«Procura, procura
Que a que chora ha de ser tua.»

Então o principe riu-se d'aquellas palavras e disse: «Veremos se isso ha de acontecer.» Depois procurou, procurou, até que encontrou uma creança que brincava na relva; tomou-a do chão, marcou-a na testa com um ferro em brasa e cortou-lhe o dedo minimo da mão direita e foi deital-a em uma silva. A creança tinha sido abandonada por sua mãe, por isso ninguem mais a procurou.

Havia n'aquelles sitios um pastor que levava as ovelhas a pastar entre as silvas. Quando recolhia as ovelhas faltava-lhe sempre a cabra melhor do seu rebanho; depois elle voltava a chamal-a; ella ia, mas no dia seguinte succedia-lhe a mesmo. Um dia disse elle para a mulher: «Olha, não sabes? desconfio da nossa cabra maltez, pois fica sempre entre as silvas e é preciso chamal-a muito para ella vir.» Então a mulher no dia seguinte foi espreitar a cabra e viu-a deitada no chão dando de mammar a uma creancinha.

Como a mulher não tivesse filhos, ficou muito contente com aquelle achado e o pastor tambem, e crearam a menina como se fosse sua filha. A menina foi crescendo e, depois que morreram os pastores, foi ella para creada d'uma princeza que estava para casar. Ora o principe, noivo da princeza, ia muitas vezes ao palacio e tendo visto um dia Maria Silva sentiu grande paixão por ella; mas ao reparar que ella tinha uma mancha na testa e que lhe faltava um dedo na mão direita lembrou-se do que tinha feito a uma creancinha que uma voz lhe tinha dito lhe havia de pertencer. Então o principe resolveu fazer uma coisa muito má. Comprou tres anneis de oiro muito ricos e presenteou com elles as tres creadas da princeza e disse-lhes que aquella que ao fim de tres dias não lhe apresentasse o anel morreria enforcada. Depois recommendou ás duas creadas que fizessem com que Maria Silva perdesse o anel, que as havia de premiar bem.

As creadas taes traças empregaram que fizeram com que o anel de Maria Silva caisse ao mar, mas Maria Silva não se affligiu de o vêr cair. No dia seguinte quando o pescador veiu trazer o peixe para o palacio, ella pediu ao cozinheiro que lhe deixasse amanhar o peixe e encontrou o anel no bucho d'um savel. No dia em que o principe veiu para vêr se todas ainda tinham os anneis, Maria Silva apresentou-se muito contente e o principe ficou maravilhado de lhe achar o anel que lhe dera, e bem assim, as outras creadas que tinham a certeza de lh'o ter feito cair ao mar. Então o

príncipe perguntou á Maria Silva como é que ella para alli tinha vindo, ao que ella respondeu:

«N'uma silva fui achada;
Por uma cabra fui creada;
Um pastor me educou
E agora aqui estou.»

Então o príncipe contou-lhe tudo o que lhe tinha feito e disse-lhe que já não casava com a princeza, pois era ella, a Maria Silva, que ia ser sua esposa.

(Coimbra.)

O MENINO E A LUA

Era uma vez um pae que tinha um filho que desde muito pequenino costumava ir para o alto d'um monte olhar para a lua. Um dia o pae foi ter com elle e perguntou-lhe para que estava elle olhando para a lua. O menino respondeu: «É que a lua tem-me dito muitas vezes que meu pae ainda me ha de querer deitar agua nas mãos e eu recusar.» Foi o pae para casa e contou á mulher o que o menino lhe tinha dito e ella respondeu-lhe: «Vejo que o nosso filho quer dizer que nós ainda havemos de ser creados d'elle; o melhor será deital-o ao mar». Foi o pae buscar um caixão, metteu o menino dentro e deitou-o ao mar. O caixão andou tres dias no mar até que foi ter a uma terra muito longe e os pescadores, julgando que n'elle houvesse algum thesouro, foram leval-o ao rei. O rei mandou abrir para vêr o que tinha e vendo que era um menino muito formoso disse que tomava conta d'elle e seria seu filho adoptivo.

Mandou o rei educar o menino como se elle fosse um principe e quando chegou á idade de vinte annos deu-lhe dinheiro para viajar com uma grande companhia de gente, como lhe era dado. Ora o pae e a mãe do menino tinham cahido em pobreza e foram pôr uma estalagem em uma

terra para ganhar para viver e tinham sempre grandes remorsos pelo que tinham feito ao filho.

Chegou o principe com a sua companhia áquella terra e foi hospedar-se em casa de seu pae, sem que o conhecesse. Apenas alli tinha chegado veio logo o pae para deitar agua nas mãos do principe para elle se lavar; mas o principe recusou e o pae estremeceu. Então o principe, notando isto, perguntou-lhe: «Porque é que estremeceste quando me deitaste agua nas mãos?» O pae respondeu-lhe: «É que me lembrei agora de que tive um filho que se agora fosse vivo teria a vossa idade e que o deitei ao mar, porque elle me disse um dia que eu lhe havia ainda de deitar agua nas mãos para elle as lavar e elle recusar.» «Mas que tenho eu com o teu filho?» respondeu o principe. «Não tendes nada; vós sois filho de rei e eu sou um pobre estalajadeiro.» Foi o principe contar tudo ao rei e depois de muitas perguntas e respostas veio-se ao conhecimento de que o principe era filho do estalajadeiro. Então este já queria que o seu filho fosse viver com elle e com sua mãe, mas o rei ordenou que fossem elles para palacio, pois por sua morte o principe havia de ficar no logar d'elle, como rei.

(Coimbra.)

A PRINCEZA ABANDONADA

Era uma vez um rei, que tinha uma filha. Um camarista do rei, tomou amores com ella. O pae, quando viu que ella andava grávida abandonou-a. Mandou-a deitar para uns campos e disse aos homens que a foram deitar, que lhe cortassem a lingua e que lh'a trouxessem. Elles tiveram dó de lhe cortarem a lingua e como levavam uma cadella cortáram-lhe a lingua e trouxeram-n'a ao rei. A princeza ficou só nos campos, e teve lá um filho que foi creado só das hervas do campo. Depois de o menino já ser crescido pediu á mãe para ir passear; foi a tanta distancia que encontrou um caçador. Como nunca tinha visto homens fugiu para onde estava a mãe e o caçador foi sobre elle. Chegou ao pé da princeza e perguntou-lhe que vida era a d'ella alli. Ella contou-lhe a sua vida. Elle disse-lhe se queria ir com elle. Ella disse-lhe que não, que queria ali acabar os seus dias de vida. Sómente o que lhe pedia, era que fosse baptisar o seu menino. O caçador foi o baptisar. Depois ia visital-a todos os dias. E um dia disse-lhe se deixava o afilhado ir com elle a uma feira. Na feira perguntou ao afilhado o que queria que lhe comprasse. E elle disse que queria uma espingarda e um cavallo. Todos os dias ia o principezinho á caça. Um dia foi á caça a tanta

distancia d'onde estava mãe, que avistou um palacio onde morava um gigante, que matava toda a gente. O principe tinha um cabelo no peito que lhe dava sete voltas, e tinha sete forças de homem. O gigante assim que o lá viu disse-lhe se queria ir brigar com elle, julgando que elle era um simples homem com força equal aos mais, e que o poderia vencer. Depois de ir brigar com elle o principe tinha-o quasi morto e o gigante disse-lhe que o não acabasse de matar, e ensinou um alçapão por onde o havia de deitar. Elle deitou-o para lá, tapou o alçapão, e foi buscar a mãe e trouxe-a para aquelle palacio. Disse-lhe que lhe dava ordem de ir por todas as casas menos áquelle alçapão. A mãe um dia tirou-se dos seus cuidados e foi vêr o que estava no alçapão. Viu o gigante quasi morto e foi-lhe fazer um caldo e dar-lh'o. O gigante assim que bebeu o caldo saltou para cim. De dia estava fazendo vida com ella e quando vinha o principe ia para o alçapão. O gigante tractou de idear o modo de matar o filho. Disse para ella, que se fingisse doente e dissesse para elle que se não achava boa sem que fizesse uma fomentação com a banha esquerda de um porco espinho que havia na quinta do *Rei Sabio*, e elle como era muito amigo da mãe, promptificou-se a ir buscal-a. Mas era um porco espinho bravo que matava toda a gente. Quando ia para lá passou á porta do *Rei Sabio*. Estava uma filha do rei á janella, e disse ao pae que ia alli um cavalleiro n'um cavallo branco, que ia muito apressado. O pae disse-lhe que o mandasse subir. E o rei perguntou-lhe o que elle vinha fazer. O principe contou-lhe a sua vida. E o rei disse-lhe: «Bem sei, que andas illudido». Diz elle: «Não tem duvida,

que é por a muita amizade que eu tenho a minha mãe.» E o rei disse-lhe: «Pois então vae» e deu-lhe uma espada ferrugenta e uma enchada. E disse-lhe que fizesse uma cova mesmo na cama do porco espinho e que mettesse o cavallo dentro da cova, e elle que se pozesse a cavallo. Quando o porco espinho viesse que se havia de deitar logo ao cavallo e elle que lhe espetasse a espada na cabeça. Elle assim fez. E depois abriu o porco espinho e tirou-lhe a banha esquerda e veiu-se embora com ella. Veiu pela porta do *Rei Sabio* e a fiiha disse ao pai que vinha alli o mesmo cavalleiro que tinha levado a enchada e a espada. O pae disse-lhe que o mandasse subir, e quando elle pousasse a banha do porco espinho na sala, que lh'a tirasse e pozesse uma outra de porco. Depois o principe veiu-se embora para o palacio, entregou a banha a mãe, e ella ficou muito contente, mas muito desconsolada de elle ainda não ter morrido. No outro dia o gigante tractou de idear outra cousa para vêr se o matava. Disse lhe que não se achava boa, sem que bebesse um copo de agoa de uma quinta que tinha o *Rei Sabio*, e elle foi e passou á porta do rei sabio e a filha foi dizer ao pae que vinha outra vez o cavalleiro do cavallo branco. O rei perguntou-lhe para onde elle ia; elle disse-lhe que ia buscar um copo de agoa para a mãe que estava muito doente. O rei disse-lhe que fosse, que havia de vêr dois tanques, um de agoa suja e outro da agoa limpa. Que não tirasse do mais limpo, mas tirasse do mais sujo; mas que se aviasse depressa porque o portão da quinta em dando meio dia fechava-se e quem lá estava já não sahia. Elle assim fez. Depois quando vinha para casa, passou á porta do *Rei Sabio*

e a filha foi dizer ao pai que estava alli o cavalleiro do cavallo branco. O pae disse-lhe que o mandasse subir, — quando elle pousasse o copo de agoa na sala que lh'o trocasse, que tirasse aquelle e pozesse outro. Ella isso fez. O rei disse-lhe para elle, que bem sabia que elle andava illudido, e que se alguma vez se visse afflicto que dissesse á mãe, que o fizesse em quatro quartos e que o embrulhasse n'um lençol de linho e o pozesse em cima do cavallo, e que deitassem o cavallo ao destino. O principe chegou ao palacio, e o gigante como visse que elle ainda não tinha morrido, disse para ella que lhe dissesse a elle, que se não achava boa sem comer uma laranja da quinta do *Rei Sabio*. Elle quando ia para lá passou á porta do rei sabio; a filha disse ao pae, que ia ali passando o cavalleiro do cavallo branco. O pae disse-lhe que o mandasse subir. O rei perguntou-lhe aonde elle ia. E elle disse-lhe que ia buscar uma laranja, para a mãe que estava doente. E o rei disse-lhe que fosse, mas que havia de vêr uma laranjeira carregada de laranjas muito maduras, e outra carregada de laranjas muito verdes, mas que não apanhasse das mais maduras, que apanhasse das mais verdes, e que se não demorasse porque em dando o meio dia se fechava o portão da quinta e quem lá estivesse já não sabia. O principe apanhou uma laranja das mais verdes, e quando vinha a sair fechou-se logo o portão nas costas d'elle. Quando voltava para o palacio tornou a passar por casa do *Rei Sabio*. E a filha estava á janella e disse ao pae que vinha lá o cavalleiro do cavallo branco. O pae mandou-o subir, e disse-lhe que quando elle pousasse a laranja na saleta que lh'a tirasse e

que pozesse outra. Elle quando voltou para onde estava a mãe, a mãe e o gigante ficaram muito zangados de elle ainda não ter morrido, e disse o gigante que havia de arranjar immediatamente maneira de elle morrer. Disse á mãe que tractasse de arranjar modo de lhe cortar o cabello que elle tinha no peito. A mãe um dia disse-lhe para elle, que deitasse a cabeça no colo d'ella. E quando o apanhou a dormir foi com uma thesoura e cortou-lhe o cabello. Elle quando sentiu disse: «Ai minha mãe que me perdeu!» O gigante apenas ouviu isto saltou-lhe logo para cima, e disse para elle se queria ir brigar. Elle julgando ainda que tinha alguma força foi brigar com o gigante. Já o gigante o tinha quasi morto, pediu-lhe que o não acabasse de matar, que o fizesse em quatro quartos, que o embrulhasse n'um lençol de linho e o pozesse em cima do cavallo e assim fizeram. O cavallo como estava acostumado a ir para casa do *Rei Sabio* foi lá ter. A filha do rei, quando viu o cavallo e não o viu a elle, foi dizer ao pae muito admirada, que vinha lá o cavallo, mas que não vinha o cavalleiro. O pae disse-lhe: «Não tem duvida, manda lá dois criados, que tirem o que vêm em cima do cavallo com muito geito.» Estenderam o lençol no meio da casa, uniram os quartos e untáram com a banha do porco espinho, e a laranja partiram-n'a ao meio e deram-lh'a a cheirar. Depois elle ficou vivo como era. Foi vivendo em casa do rei, e o cabello do peito foi crescendo. Quando elle já tinha seus voltas no cabello á roda do corpo, disse-lhe o rei: «Olha não sabes? tua mãe já tem uma filha do gigante.» E elle disse-lhe: «Eu vou lá». E o rei sabio disse-lhe: «Não porque ainda não tens as tuas forças todas.»

Depois esperou que tivesse as sete forças. Foi a casa do gigante, foi ao pé da irmã e cortou-lhe a cabeça. E o *Rei Sabio* tinha dito que quando elle brigasse com o gigante lhe dissesse que o não acabava de matar sem que elle lhe dêsse os olhos do *Rei Sabio* que tinha cegado. Depois elle chegou ao pé da mãe e cortou-lhe a cabeça. E foi brigar com o gigante. Quando o tinha quasi morto disse para elle, que lhe havia por força de ir buscar os olhos do *Rei Sabio* que tinha cegado. O gigante conforme poudes foi-lh'os buscar, e entregou-lh'os. Depois elle levou-os para o *Rei Sabio* e pozeram-lh'os na cara, e laváram com a agua que elle tinha trazido. Ficou o rei com vista. Depois elle foi ao palacio do gigante. Tirou tudo quanto lá estava, e levou-o para casa do *Rei Sabio*, e casou com a filha do rei, tendo muitos filhos e sendo muito feliz.

(*Abrantes.*)

AS FILHAS DOS DOIS VALIDOS

Um rei, tinha dois validos com quem costumava conversar, e notou que um d'elles, a todo o momento, lhe fallava em duas filhas que tinha, gabando a sua formosura, virtude e innocencia, emquanto o outro nunca fallava na filha unica que tinha e que o rei ouvia dizer que era linda. Admirado do differente modo de pensar dos dous, resolveu elle mesmo observar as filhas d'um e d'outro.

Para isto, vestiu-se de mulher, mas muito pobremente, e foi a casa das primeiras pedir agasalho por uma noute, o que sómente alcançou a custo e depois de muitos rogos. Ainda assim mandáram-n'o para a cozinha. De noite, o rei, sentio entrar gente em casa, e conforme poudo, foi espreitar e viu dois bellos officiaes conversando com as duas filhas do valido. O rei, pegando na espada e na banda que os officiaes tinham deixado n'outra sala, sahiu, levando-as. Depois foi pedir agasalho á menina em quem o pae nunca fallava. O rei disse que era uma estrangeira, que se tinha perdido no caminho e que pedia agasalho por aquella noute. A menina compadeceu-se muito da estrangeirinha, deu-lhe de cear e quiz que dormisse proxima do seu quarto. Já era muito tarde e o rei sentia a menina a pé. Foi espreital-a, mas ficou

encantado, quando a viu de joelhos defronte de um oratorio, rezando uma oração. Depois levantou-se a menina, cheirou os pós que tinham n'uma caixa de prata e deitou-se. O rei quando viu que ella dormia, entrou no quarto, furtou-lhe a caixa de prata, e sahiu muito depressa.

Dois dias depois, convidou os seus dous validos para um banquete no palacio, dizendo-lhe que haviam de levar as suas filhas. Convidou tambem os dois officiaes, que vira em casa das duas filhas d'um dos seus validos. No fim do banquete o rei mandou vir para a mesa uma salva de prata que estava n'uma outra sala. A salva trazia a caixa de prata, a espada e a banda. As duas irmãs e os dois officiaes, ao vêrem os objectos que n'aquella noite passada lhe haviam sido roubados de casa, ficáram muito assustados, não dizendo nem uma palavra, porque conheciam o mal que tinham feito. A outra menina, como era virtuosa, não tinha medo de fallar, e assim que viu a caixa, pegou-lhe e sorrindo olhou para o rei, dizendo:

«Ah! estrangeirinha, estrangeirinha!

«Que esta caixa era minha!...»

e o rei repondeu-lhe:

«Pois se a caixinha era vossa,

«Pela virtude sereis rainha!

Dando esta lição ás outras duas meninas, fez com que casassem com os dois officiaes.

(Lisboa, d'uma pessoa de Almeida, *Beira-Baixa*).

LXII

HISTORIA DO COMPADRE POBRE E DO COMPADRE RICO

Moravam n'uma aldea dois compadres. Um era pobre e o outro rico, mas muito miseravel. N'aquella terra era uso, todos quantos matavam porco dar um lombo ao abbade. O compadre rico, que queria matar porco sem ter de dar o lombo, lamentou-se ao pobre, dizendo mal de tal uso. Este deu-lhe de conselho, que matasse o porco e o dependurasse no quintal, recolhendo-o de madrugada, para depois dizer que lh'o tinham roubado.

Ficou muito contente com aquella ideia e seguiu á risca o que o compadre pobre lhe tinha dito. Depois deitou-se com tenção de ir de madrugada ao quintal buscar o porco. Mas o compadre pobre, que era espertalhão foi lá de noite e roubou-lh'o. No dia seguinte, quando o rico deu pela falta do porco, correu a casa do compadre pobre e muito afflicto contou-lhe o acontecido. Este, fazendo-se desentendido, dizia-lhe: «Assim, compadre! bravo! muito bem, muito bem! assim é que há-de dizer para se esquivar de dar o lombo ao abbade!»

O rico cada vez teimava mais ser certo terem-lhe roubado o porco; e o pobre cada vez se ria mais, até que aquelle sahiu

desesperado, porque o não entendiam.

O que roubou o porco ficou muito contente e disse á mulher: «Olha, mulher! d'esta maneira tambem havemos de arranjar vinho. Tu hás de ir a correr e a chorar para casa do compadre, fingindo que eu te quero bater; levás um odre debaixo do fato, e quando sentires a minha voz foges para a adega do compadre e enquanto eu estou fallando com elle, enches o odre de vinho e foges pela outra porta para casa.» A mulher, fingindo-se muito afflicta correu para casa do compadre, pedindo que lhe acudisse, porque o marido a queria matar. N'isto ouviu a voz do marido e correu para a adega do compadre, e enquanto este diligenciava apaziguar-lhe a ira, enchia ella o odre. Tinha-lhe esquecido, porém, um cordão para o atar, mas tendo uma idea gritou para o marido: «Ah! guela de odre sem nagalho.» O marido, que entendeu, respondeu-lhe: «Ah! grande atrevida!... que eu se lá vou abaixo, com a fita do cabello te hei de afogar!» Ella, apenas isto ouviu, desatou logo o cabello, atou com a fita a boca do odre e fugiu com elle para casa. D'esta maneira tiveram porco e vinho sem lhes custar nada, e enganaram o avarento do compadre.

(Lisboa, d'uma pessoa da *Beira-Baixa*.)

LXIII

OS TRES ESTUDANTES E O SOLDADO

Era uma vez tres estudantes, que iam para casa das familias passar as ferias. Seguiam pelo mesmo caminho e encontrando um lobo morto disse um d'elles: «Aquelle que fizer o verso mais bem feito a este lobo, come o jantar sem pagar.»

— Está dito! responderam os outros dois, e um d'elles começou:

«Este lobo, quando no mundo andou,
Quanto comeu, nada pagou.»

Disse o outro estudante:

«Este lobo, quando era vivo
Tudo comeu crú, e nada cozido.»

O terceiro respondeu:

«Este lobo, quando dormiu a sésta
Nunca dormiu uma como esta.»

Depois de dizerem os versos começaram a questionar, porque todos tres queriam que o seu fosse melhor. N'isto ia passando um soldado, e elles chamáram-n'o dizendo-lhe: «Olá, camarada! ha de dizer-nos qual dos versos é melhor, para sabermos qual de nós ha de comer o jantar sem pagar», e repetiram os versos. Depois de acabarem, disse o soldado: «Estão todos muito bem feitos. Paguem os senhores todos tres o jantar e comamol-o todos quatro.» «Pois sim! disseram os estudantes»; mas zangados por se verem logrados por um soldado, combinaram entre si que haviam de zombar d'elle. Chegáram a um hospedaria e mandáram fazer jantar para todos quatro, mas em particular disseram á dona da hospedaria, que cozesse um paio e o pozesse na mesa partido em tres partes eguaes. Depois d'isto sentaram-se todos quatro á mesa, e um dos estudantes espetou o garfo n'um dos bocados do paio e disse:

«Em nome do Padre...
Este me cabe!»

O segundo fez o mesmo, dizendo:

«Em nome do Filho...
Este commigo!»

O soldado vendo só um bocado no prato, agarrou-o, gritando:

«Em nome do Espirito Santo...
Antes que fique em branco!»

E d'este modo foi elle quem logrou os tres espertalhões.

(Lisboa, d'uma pessoa d'Almeida, *Beira-Baixa*).

Era uma vez um conde, casado e com uma filha, de quem era muito amigo, por ser muito linda. Tinha-a escondida e nunca a levava a parte alguma, com receio de que houvesse algum cavalleiro, que vendo-a, lhe roubasse o coração. Houve por esta occasião uma festa e a mulher do conde disse para este, que visse se podia arranjar alguma maneira de a filha poder vêr a festa, porque ella estava muito triste, e talvez assim se distrahisse alguma cousa. O conde ficou muito zangado com este pedido, e começou a pensar no modo, como havia a filha de assistir áquella festa, sem que ninguem podesse vêr-a. O palacio onde elle habitava tinha um grande jardim. Mandou alli abrir um janella muito pequena, e no dia da festa levou a filha para lá. No momento em que começava a festa, o principe que ia no cortejo, olhou para a fresta onde estava a filha do conde, e ficou surprehendido, pois nunca tinha visto um rosto tão formoso. Quando chegou ao palacio ia muito triste; montou a cavallo e foi vêr se se recordava do sitio onde tinha visto a bella desconhecida. O conde, porém, tinha mandado tapar immediatamente a janella, e por mais que o principe procurasse nada viu, e teve de voltar ao palacio ainda mais triste. No dia seguinte foi ter com uma fada, e esta pegando-lhe na mão, disse: «Principe eu conheço a dama do vosso coração, e se vós me daes uma bolsa cheia de ouro, eu ainda esta noite a apresento no vosso palacio.»

Estava a anoitecer e a fada dirigiu-se a casa do conde. Precurou a creada particular da filha, e pediu-lhe para

pernoitar aquella noite alli. A filha do conde, que tinha um coração muito bondoso, disse immediatamente que sim, mas que havia de ser sem a mãe saber, porque ella não gostava que se dêsse entrada a pessoa alguma estranha. A fada entrou para o quarto da filha do conde, e começou a contar-lhe historias tão lindas, que esta estava toda encantada. Quando deu meia noute disse-lhe a fada: «Se vós quizesseis ir a uma grande festa, que dá o principe esta noute, eu levava-vos lá.» «Mas a mamã e o papá?» disse a menina. «Não tenhaes receio algum; eu tenho uma varinha de condão, e d'aqui vos levarei, e aqui vos hei-de trazer, sem que ninguem dê pela nossa falta.» A menina muito contente com as historias da fada, e por ir vêr uma grande festa, disse que sim. Preparou-se com os melhores fatos e acompanhou a fada. D'ali a poucos momentos chegou a um grande palacio, e a fada abrindo uma porta empurrou-a para uma grande casa forrada de sede azul, tendo ao meio uma grande mesa guarnecida de manjares, e desapareceu. N'este instante entrou o principe e reconhecendo a sua bella deu um grito de alegria. Chegou-se então perto d'ella e beijou-lhe a mão, convidando-a a servir-se d'alguns d'aquelles manjares. A menina assustada por se vêr vó com um principe, que a olhava tão apaixonadamente, pedia a Deus uma ideia para que podesse fugir d'alli. Vendo que na mesa não havia limão, quando o principe lhe rogava muito que se servisse, ella disse-lhe:

«Comera um bocadinho,
«Se tivera limão...

O principe saiu immediatamente para ir buscar o limão, e ella vendo-se só, abriu a porta por onde tinha entrado e desapareceu. No caminho encontrou a fada e disse-lhe: «Leva-me já para casa de meu pae; tenho modo de estar aqui!» O principe quando voltou e não encontrou a menina, ficou muito triste, e quasi louco de afflicção. Andava todo o dia pelas salas passeando e repetindo estas palavras:

«Comera um bocadinho

«Se tivera limão...

A filha do conde, que tambem se não esquecera do formoso principe, andava muito desejosa de saber noticias do palacio. Ouvindo o pae dizer que o principe andava muito triste, e que só dizia:

«Comera um bocadinho

«Se tivera limão.

disse para elle a filha: «Olhe, papá, quando o principe estiver assim digam-lhe:

«Fecharam-lhe a porta,

«Tiveram-lhe mão.

O conde riu-se d'este pensamento da filha, por lhe parecer muito extravagante, mas quando no outro dia foi a palacio, chegando-se ao pé do principe cumprimentou-o. O principe não fazendo caso, continuou no seu costumado passeio, dizendo sempre:

«Comera um bocadinho
«Se tivera limão...

Apenas ouviu isto, o conde respondeu: «Olhe, meu príncipe:

«Fecharam-lhe a porta,
«Tiveram-lhe mão...

«Bem sei! bem sei! respondeu o príncipe muito depressa, eu é que tive a culpa.» — Depois dirigiu-se á rainha pedindo-lhe que dêsse um beijamão a todos os fidalgos da côrte, e que estes viessem com suas famílias. A rainha não podendo adivinhar qual fosse o motivo d'este desejo, disse comtudo ao príncipe que sim. O conde não queria por modo algum levar a filha a palacio, mas como a ordem era expressa não teve remedio senão obedecer. A filha vestiu-se exactamente como no dia em que pela primeira vez viu o príncipe, e foram para o palacio. O príncipe olhava com avidez para todas as damas que entravam, mas assim que as via perto de si, não lhes dava mais atenção. No momento em que se lhe approximou a filha do conde, em vez de lhe estender a mão, levantou-se e apertando-a nos braços, exclamou: «Minha mãe, aqui tendes a princeza, que desejo para esposa.»

Immediatamnte a rainha deu ordem á sua côrte para comparecer ao casamento, e no outro dia a filha do conde casou com o príncipe.

(Lisboa).



A VELHA FADADA

Havia duas velhas muito feias, que ambas queriam casar. Como eram, porém, muito feias não fallavam nem appareciam a ninguem. Punham uns annuncios na porta, mas se acaso vinha alguem procural-as para o effeito desejado, ellas mandavam dizer que só appareceriam na occasião de irem para a Igreja. Houve um homem que as quiz conhecer e tractou o casamento com uma d'ellas. A velha disse que sim e, chegando ao dia da boda, fez-se muito bonita e foi para a Igreja. Quando veio de lá ainda era cedo e foi para o quarto com o marido. Começou a despir-se e elle então principiando affirmar-se percebeu que a velha tudo quanto trazia era postiço. Não tinha no corpo nada que lhe pertencesse, e depois de algum tempo o marido farto de vêr a velha desfazer-se e ficar feia como a noite, deu-lhe um empurrão, que ella foi cair da janella abaixo. Como, porém, debaixo da janella houvesse um telhado, a velha ficou presa pela camisa a uma telha e alli esteve toda a noite. De manhã passaram duas fadas e olhando para a pobre velha disseram: «Coitada! estás ahi talvez por seres feia. Pois eu te fado para que sejas a cara mais linda que haja». A velha tornou-se lindissima, e de rara formosura. Quando o marido pela manhã se levantou,

disse para comsigo: «Deixa-me vêr se o diabo da velha ainda está na rua». Olhou para o telhado e qual não foi o seu espanto, quando em vez da velha feia, como a noite, que na vespera deitára pela janella, viu uma rapariga linda? Ficou doido de contente e tractou de a tirar para dentro, desfazendo-se em desculpas, e dizendo que estava por força cego, quando a tinha deitado pela janella. A velha escutava tudo com paciencia, porque bem sabia o que lhe tinha acontecido. A outra irmã, quando a viu tão bonita, começou a perguntar-lhe o que tinha ella feito para tal. Mas como estava alli o marido a velha fadada não podia fallar alto, e por isso dizia baixinho para a irmã: «Fadáram-me». A outra que era surda e não ouvia quasi nada, tornava a perguntar-lhe: «Que te fizeram para estares assim tão linda?» «Fadáram-me», respondia aquella, sempre em voz baixa. A irmã que entendeu, que a tinhão esfolado, mandou chamar um barbeiro e pediu-lhe que a esfolásse tambem. O barbeiro não queria por coisa nenhuma fazel-o, mas ella tanto teimou, que o homem começou a esfolál-a. Apenas, porem lhe esfolou um braço, a velha morreu. O barbeiro mandou chamar a irmã e disse-lhe o acontecido. Ficou esta com muita pena, mas como nada já podesse fazer, pediu ao barbeiro que guardasse segredo, por que Deus o livrasse, que o seu marido soubesse. Mas o que ella queria era que o marido não desconfiasse que ella tinha sido fadada.

(Coimbra).

O BURRO DO AZEITEIRO

Dois estudantes encontráram n'uma estrada um azeiteiro que ia guiando um burro, carregado de bilhas de azeite. Os estudantes que estavam sem dinheiro, ficaram muito contentes com aquelle encontro e combináram furtar o burro do azeiteiro para o venderem; e emquanto o pobre homem seguia o seu caminho muito socegado da sua vida, levando pela mão a arreata do jumento, um d'elles tirou a cabeçada do burro e collocou-a no pescoço, e o outro escapou-se com o burro e a carga. O que ficou em logar do animal, parou fazendo com que o azeiteiro olhasse para traz. Qual não foi, porem, o espanto d'este vendo um homem em vez do burro!...

O estudante disse para elle com voz muito terna: «Ah! senhor, quanto lhe agradeço ter-me dado uma pancada na moleirinha! quebrou-me o encanto que durante tantos annos me fez fazer burro!...» O azeiteiro tirando o chapeo, disse-me muito humildemente: «Perdi no senhor, como burro, o meu ganha-pão; mas paciencia! Como homem que agora é, peço-lhe muitos perdões... por tel-o maltratado tanta vez; mas que quer?... o senhor fazia-me ás vezes desesperar com as suas birras, e eu não era senhor de mim!»

— Está perdoado, bom homem! disse o estudante, o que lhe peço é que me deixe em paz.

O pobre azeiteiro, quando se viu só, lamentou-se da sua desgraça, e foi pedir dinheiro a um compadre para ir no dia seguinte á feira comprar outro burro. Quando chegou á feira viu lá o jumento que lhe tinha pertencido, e que o estudante, que elle não vira quando lh'o roubaram, estava a vender. O azeiteiro julgando que o homem-burro se tinha transformado outra vez no seu burro, chegou-se ao pé do estudante e pediu-lhe licença para dizer um segredo ao burro. O estudante disse-lhe que sim e o azeiteiro chegando a bocca á orelha do animal, gritou com toda a força:

«Olhe, senhor burro, quem o não conhecer que o compre.»

(Lisboa, d'uma pessoa d'Almeida, *Beira-Baixa*).

LXVII

SCIENCIA, SABEDORIA E CAPACIDADE

Era uma vez uma mulher que era casada, e como ella fosse muito formosa, tinha muito quem gostasse d'ella. Entre os que lhe dirigiam finezas, havia um medico, um advogado e um padre, que cada um por sua vez lhe pediram que os recebesse em casa d'ella, uma noite. A mulher contou isto ao marido antes de lhes dar a resposta, e elle disse-lhe: «Olha, diz ao medico que o recebes ás dez horas, ao advogado ás onze e ao padre á meia noite, e quando vier o advogado, tu finges que sou eu, e metes o medico n'um dos escaninhos do armario; quando vier o padre, metes o advogado no outro escaninho, fingindo sempre que sou eu que bato á porta; finalmente, metes o padre no outro escaninho, e deixa o resto por minha conta. Ás dez horas em ponto chegou o medico; pouco depois bateu o advogado á porta, e então a mulher disse para o medico: «Ai! que estamos perdidos que vem lá meu marido... meta-se n'este armario até que eu o mande sahir.» Depois fez o mesmo ao advogado e ao padre, que sem saberem uns dos outros ficaram fechados no armario. No dia seguinte era dia de feira, e o marido da mulher levantou-se muito cedo, poz o armario ás costas e encaminhou-se para a feira, indo sempre apregoando pelo caminho: «Quem merca sciencia,

sabedoria e capacidade.» Todos queriam comprar as tres coisas, mas só quando estava já muita gente na feira, é que o homem abriu o armario e disse: «Aqui está a sciencia», e mandou sahir o medico que estava em camisa e fugiu envergonhado. Depois, mandou sair o advogado, que estava em ceroulas, e disse: «Aqui está a sabedoria.» E por fim mandou sahir o padre que estava em cuécas, e disse: «Aqui está a capacidade.» Os tres fugiram todos envergonhados, e o padre punha a mão na coroa para não lh'a verem. Toda a gente ria a bom rir, e o marido voltou para casa muito satisfeito com a lição que tinha dado aos que pretendiam roubar-lhe a mulher.

(Coimbra).



LXVIII

A SENHORA DA GRAÇA

Era de uma vez um homem, que era casado com uma mulher, muito amiga de vinho, a ponto de não deixar parar vinho na adega. Um dia o homem sahiu para comprar uns bois, e recommendou á mulher que não fosse á adega beber o vinho. Apenas o homem virou costas, a mulher chamou logo uma comadre e foram ambas para a adega beber o melhor pipo de vinho que encontraram. O homem quando voltou para casa e se achou sem o vinho, queria bater na mulher; mas ella disse-lhe que não lhe batesse, pois estava innocente, quem tinha bebido o vinho tinha sido a gata. Como o homem não quizesse acreditar, a mulher disse-lhe: «Pois olha, homem, havemos ir á Senhora da Graça, e havemos perguntar-lhe quem foi que bebeu o vinho, se fui eu ou a gata; se a Senhora disser que foi eu, hei de trazer-te ás costas para casa, e se eu estiver innocente has de tu trazer-me a mim.»

Partiu o homem mais a mulher para a Senhora da Graça, e tendo chegado a um sitio onde havia um echo a mulher disse ao homem: «Olha, escusamos de ir mais longe; Nossa Senhora tambem aqui nos ouve.» O homem então gritou com toda a força: «Dizei-me, Senhora da Graça, quem

bebeu o vinho, foi a mulher ou foi a gata?» E o echo respondeu: «A gata.»

Tres vezes o homem perguntou o mesmo, e tres vezes o echo lhe respondeu a gata. O homem então convencido que a mulher estava innocente, levou-a ás costas para casa, e matou a gata para ella não lhe ir beber mais o vinho.

(Coimbra.)



LXIX

OS DOIS MENTIROÇOS

Eram uma vez dois irmãos que viviam muito pobres, e sem meios de ganharem dinheiro; até que o mais velho disse para o outro: «Ó irmão, lembra-me uma coisa; vamos por esse mundo de Christo, pregar mentiras por dinheiro; um de nós irá adeante, e depois irá o outro confirmar o que o primeiro disse.» Combinaram as mentiras que haviam de dizer, e partiram, para a mesma terra, indo sempre um adeante. Chegado o primeiro a certa terra começou a botar fama que trazia uma grande novidade, mas que só a daria por dinheiro; juntou-se logo muito povo, para saber a novidade, e o homem então disse: «Em tal terra acaba agora de nascer um menino com sete braços.» Então o povinho admirado pagou a novidade ao homem, e elle foi seguindo o seu caminho. Alguns mais incredulos dispunham-se a partir para a tal terra para saber a certeza da novidade, quando lá appareceu o outro irmão, e começou a dizer que vinha de lá; então todos lhe perguntaram se elle tinha visto um menino com sete braços. Elle respondeu: «Eu não vi o menino com sete braços, mas vi uma camisa a enxugar que tinha sete mangas.» «Então é verdade o que nos disseram,» e deram muito dinheiro ao homem. A este tempo já o outro irmão espalhava n'outra terra, que tinha visto um moinho em cima

d'um pinheiro, e recebia muito dinheiro em paga da novidade. Depois de ter partido para outra terra chegou alli o irmão, e preguntaram-lhe: «Olhe lá; diz que em tal terra está um moinho sobre um pinheiro?» «Olhem, responde o rapaz, o que eu lhe sei dizer é que vi um macho carregado de saccos de farinha subindo por um pinheiro acima.» «Ai! então é verdade o que nos disseram,» exclamou a pobre gente. Depois deram muito dinheiro aos homens e elles lá foram para outras terras enganar o povo.

(Coimbra.)



CONTO DO FUSO

D'uma vez era uma mulher que nunca fiava e fazia o homem para ella: ó mulher tu nunca fias? «Não tenho fuso.» «Deixa estar que eu hei de ir á cidade e hei de comprar um fuso.» Ao depois então foi á cidade e trouxe-lhe um fuso; ella fez-se toda contente na presença do homem; mas mal elle voltou costas quebrou-o, mas era para não fiar. Elle chegou á noite e perguntou-lhe se ella fiava e ella disse-lhe que tinha quebrado o fuso. Elle então disse: «Ora todos os fusos que eu te compro tu os quebras; deixa estar que amanhã hei de ir á tapada; hei de cortar um pinheiro e hei de mandar fazer um fuso d'encommenda a vê se tu o quebras.» No dia seguinte poz os bois ao carro e foi para a tapada para cortar o pinheiro e mandar fazer o fuso; amarrou a corda ao pinheiro para o botar abaixo, mas o pinheiro caiu sobre os bois e matou-os ambos. Deixou elle os bois mortos e o pinheiro cortado e veio dar parte á mulher da desgraça que tinha acontecido e levava o machado ás costas com que cortara o pinheiro. Chegou ao pé d'um rio muito fundo onde andavam uns peixes muito bonitinhos e atirou-lhe com o machado a ver se os matava; fugiram os peixinhos e elle o que fez? despiu-se e metteu-se dentro do rio p'ra môr d'ir buscar o machado; foi um ladrão

e roubou-lhe a roupa tendo elle d'ir em pelote para casa. Chegou a casa e contou a passagem á mulher e quando chegou a casa estavam dous carneirinhos a berrar e elle soltou-os do aido e veiu-os pôr debaixo d'um alpendre onde tinha uma pipa de vinho e logo por acerto os amarrou com a sogá á torneira do vinho e começaram os carneiros a espernear cada um para seu lado e abriu-se a torneira e entornou-se o vinho. Elle d'isto não quiz dizer nada á mulher; o que achou mas prompto foi um sacco de farinha de cinco alqueires que deitou em cima do vinho para a mulher não o vêr entornado. E a mulher que viu isto ficou lastimando as suas desgraças que lhe succediam em casa.

(Oliveira do Douro).

A BEATA E O SENHOR DOS PASSOS

Uma beata tinha por costume ir todos as noites rezar a uma capella onde estava um Senhor dos Passos, e um S. Francisco; e dizia: «Ai, meu senhor! quem me dera receber-vos em minha casa; mas eu não mereço essa graça.» Por baixo da casa da beata morava um sapateiro, e vendo-a sair todas as noites foi espreitar para onde ella ia, e viu-a a orar ao Senhor dos Passos. O sapateiro calou-se muito calado, e no dia seguinte pediu á creada da beata, que lhe levasse lá o livro da missa da ama. A creada levou-lhe o livro; e o sapateiro sem que ella visse, escreveu-lhe n'uma folha: «O teu Deus lá vae á noite.» Quando a beata abriu o livro e leu aquellas palavras, ficou muito contente, e disse á creada que era preciso preparar muito bem a casa, porque á noite esperava pela visita de Nosso Senhor. Forraram a casa com damascos, e encheram o quarto da beata de flores; a creada foi buscar muito doce, e licores, para o Senhor. Ora o sapateiro vestiu-se de Senhor dos Passos, e o aprendiz de S. Francisco, e á noite foram bater á porta da beata; e ella como tinha mandado deitar a creada, foi abrir a porta, e levou-os para o quarto. Depois a beata beijava os pés do sapateiro e dizia:

«Ai, meu Deus, meu tudo!
Até pelas pernas,
Sois cabelludo!»

Depois comeram todos muito doce, e beberam muitos licores, a pontos de já não saberem onde tinham as cabeças; e despediram-se então da beata, e elle foi acompanhá-los até á porta da rua; alli começaram á pancada, fazendo tal desordem que ficaram todos com as cabeças partidas.

(Coimbra).

O PRETO E A LAMPADA DE SANTO ANTONIO

Certo preto tinha por costume ir todos os dias molhar o pão na lampada de Santo Antonio; e dizia:

«Santo Antoninho estaes só?
«Deixaes-me molhar o pão,
«No vosso grijó?

O sachristão da capella ia sempre achar a lampada secca, até que se resolveu um dia espreitar quem ia beber o azeite.

O preto voltou e tornou a dizer:

«Santo Antoninho estaes só?
«Deixaes-me molhar o pão,
«No vosso grijó?

O sachristão respondeu: «Não.»

E o preto parecendo-lhe historia, disse:

«Santinho di pau a falá?
«Hei-de molhá e torná a molhá!

O sachristão saiu do esconderijo, e bateu tanto no preto que elle não voltou mais a molhar o pão no grijó do Santo.

(Coimbra.)



LXXIII

A MOURA ENCANTADA

Um homem foi viajar e chegou a uma terra e pediu agasalho; mas não o quizeram acolher; havia lá uma casa rica, mas a familia da casa não estava; andava lá medo e elles fugiram; elle foi para lá e sentou-se n'uma varanda deixando-se ficar alli até noite; veio apenas foi noite uma mão com uma luz e acenou-lhe que fosse para dentro; elle foi dentro e encontrou uma mesa muito bem arranjada com comida; elle comeu e acabando de comer, encostou-se a um braço e adormeceu. Emquanto dormia tiraram-lhe d'um dedo um anel d'ouro que trazia e pozeram-lhe outro. Tendo acordado, a mão acenou-lhe de novo e indicou-lhe um quarto de dormir para onde elle foi. Elle notou que o anel estava mudado. Estando na cama sentiu movimento como de pessoa que se queria deitar na mesma cama e elle não vendo nada disse: «Sempre queria saber quem se quer deitar commigo, se é homem, se é mulher.» Responderam:

«Eu sou uma mulher; sou uma moura que aqui está encantada ha muito anno; se tu me desencantas ficas rico para a tua vida. Has de estar aqui tres noites, hão de vir ao pé de ti, deitar-te da cama abaixo e dizer-te: «Justiça, quem te trouxe aqui» e arrastar-te pelas casas e dar-te muita

pancada; mas tu no fim de cada vez que isso te fizerem vae debaixo d'esta cama; aqui estão tres garrafas, bebe um gota de cada uma que ao outro dia estás são. Se tu ficares estes tres dias, aqui te ficam tres saquinhos de dinheiro; podes gastal-o que em tu dizendo: «Ai de mim que não tenho dinheiro! as bolsas se encherão sempre de novo. O meu pae era viso-rei em terra de mouros.

Ficou o homem tres dias e ao fim dos tres dias em que tudo se passou como a moura dissera elle esperou por almoço que não veiu e vendo que o jantar tambem não vinha resolveu-se a ir embora. Foi-se d'ali andando e pelo caminho comprava terras que dava aos pobres; por fim foi dar á terra de mouros. Comprou uma quinta; n'isto a moura estava para casar. Disse a moura ao pae: «Ó pae será bom chamar aquelle fidalgo que comprou aquella quinta para assistir á boda do casamento».

Convidaram-no e á mesa pediram-lhe que fizesse elle os pratos para os commensaes. Por acaso olhou elle para o dedo da moura e reconheceu o anel que no palacio encantado lhe tinham mudado e d'então em deante sempre que fazia saudes á princesa extendia a mão para o lado d'ella para que visse o anel que elle trazia; logo que ella viu o anel disse:

«Ó meu pae vou dizer uma cousa; todos estes senhores me darão licença; eu perdi as chaves do mostrador e depois mandei fazer umas novas; depois achei as velhas; agora

quero que me digam de quaes m'eu hei de servir, se das novas se das velhas.» Respondeu-lhe o pae:

— Minha filha deves-te servir das velhas, pois já as conheces, podes-te servir d'ellas mesmo ás escuras.»

— Pois meu pae eu hei de casar com este senhor que foi quem teve o trabalho de me desencantar.

Casou com o homem e o outro foi-se embora.

(Ourilhe).

LXXIV

O OVO PARTIDO

Era uma vez um homem que tinha uma filha e tinha um creado, e veio por lá um brasileiro, e disse-lhe: «Se me deixasse ir o seu creado até eu passar aquella serra que levo o meu dinheiro e tenho medo que me roubem?» Elle mandou-lhe o creado e o creado de volta disse: «Oh senhor! não me dá a sua filha que quero casar com ella?» E elle disse-lhe: «Sempre és muito malcreado! Se não fôra eu ter-te amizade punha-te já fóra da porta com uma carregadeira de pau.» «Senhor, olhe que eu estou rico, que eu matei o brasileiro e tirei-lhe este dinheiro.» E mostrou-lhe o dinheiro. «Eu não duvido dar-te a filha, mas has de ir tres vezes a eito á volta da meia noute onde o mataste escutar o que ouvires.» O moço foi. Perguntou-lhe o amo: «Tu que ouviste?» Eu ouvi dizer: «Tu pagarás.» Torna lá e has de lhe perguntar: eu quando é que hei de pagar?»

O creado foi lá e a voz disse-lhe: «D'aqui a trinta annos.» E o amo disse-lhe: «D'aqui a trinta annos já eu não sou vivo. Casa com a minha filha.» Fez-se o casamento, já se sabe.

Passados trinta annos andavam dous pobres a pedir e foram pedir áquella casa. E o pae da rapariga disse:

«Venham para dentro.» E ao tempo que elles iam a entrar embarraram n'uma cesta que tinha ovos e quebraram um e o dono da casa ralhou com elles. Elles disseram: «Ó senhor! não ralhe connosco a troco do ovo que nós pagamos-lh'o, ainda que elle custe uma moeda.» E elle disse: «Não é por isso; é que a roda enquanto anda, anda e quando começa a desandar má vae ella. Ha trinta annos que dei a casa a minha filha; ha trinta annos não dei nenhuma esmola, e até hoje não tive nenhuma perda, só agora a d'um ovo!»

Os homens deitaram-se e um disse para o outro: «Tu dormes?» «Eu não; vamo-n'os d'aqui embora; casa que ha trinta annos não dá esmola nem teve perda senão hoje, aqui acontece alguma desgraça.» O outro disse: «Mas nós aonde havemos d'ir dormir? isto é fóra d'horas; não achamos pousada.» «Pois emfim vamo-nos, como nós fiquemos fóra dos beiraes d'ella... fiquemos mesmo detraz d'uma parede.»

Sahiram; ficaram ahi perto das casas atraz d'uma parede e de noite ouviram um grande ruido, e disse um para o outro: «Tu ouviste aquillo?» «Eu ouvi.» «Olha que foram certamente as casas do fidalgo a cair.»

Ao outro dia, assim que foi dia, foram vêr e nem viram casas, nem telhas, nem nada, e no logar da casa havia uma grande cova.

(Ourilhe.)

O SOLDADO QUE FOI AO CEO

Eram uma vez dou rapazes e foram para a praça; assentaram praça n'um dia ambos; eram muito amigos e tiveram baixa tambem ambos n'um dia. Vieram uma parte do caminho juntos e depois separaram-se, que eram cada um da sua banda. Quando se despediram um do outro disseram: «Tu has de fazer um convite e eu hei-de ir a elle e eu hei de fazer um convite e tu has de via a elle.» Passados tempos, ahi se apresenta um d'elles aonde ao outro, e disse-lhe: «Fulano, o meu convite está prompto; quero que appareças a elle.» E elle disse: «Eu não sei para onde hei de ir.» «Vae á esquina da tua casa que achas lá uma burra aparelhada; monta a cavallo que ella lá te leva.» O homem assim fez; a viagem era comprida; chegou a um sitio e encontrou uns padres a fazerem um officio n'uma capella e elle foi para dentro e assistiu á missa. Caminhou; seguiu a sua jornada e chegou a um palacio muito aceado onde estava o camarada. Esteve lá; havia lá muito que comer; muito que tocar; muitas alegrias; o homem esteve alli n'uma regalia. O camarada disse-lhe: «Camarada, é preciso ires-te embora.» — «Não, eu não vou d'aqui embora mais.» — «Camarada, vae-te embora que isto por ora não é para ti; ainda ha de vir a ser.» O homem montou a cavallo outra vez na burra e caminhou. Chegou onde era a tal capellinha e

ella estava cheia de silvas e elle disse para uma mulher que estava a fiar na roca: «Isto que desgraça foi aqui?» «Que é?» «Pois isto, esta capellinha tão linda deixaram-n'a alagar e encher de silvas?» A mulher disse-lhe: «Ella já está alagada ha muitos annos.» Elle disse: «Ainda aqui passei hontem e ouvi aqui missa.» «Vá-se embora homem; você está tolo; essa capella está alagada ha muito anno.» «Ainda aqui passei hontem.» «Vá-se embora homem; você está tolo.» Foi-se o homem embora; chegou a casa e d'ahi a tres dias morreu e foi para o ceo.

(Ourilhe).

Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do [Wikisource](#),^[1] biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em [copyleft](#) de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da [Creative Commons BY-SA 3.0](#)^[2] ou da [GNU FDL](#),^[3] à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no [nosso fórum](#).^[4]

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- Liuscomaes
- 555
- Giro720

- DARIO SEVERI
- Ozymandias
- CptViraj
- Mudbringer
- NMaia
- Celso Fresco
- Valentina Viana

-
1. [↑ http://pt.wikisource.org](http://pt.wikisource.org)
 2. [↑ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)
 3. [↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)
 4. [↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada](https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada)